Produções Artístico-Literárias em Libras

Experiências do 4º Campeonato do #CasaLibras CaLi em Recife

Vanessa Regina de Oliveira Martins
Clarissa Bengtson
(Orgs.)



Realização:

Apoio:

EDESP-UFSCar

Vanessa Regina de Oliveira Martins
Clarissa Bengtson
Organizadoras

Produções Artístico-Literárias em Libras

experiências do 4° Campeonato do #CasaLibras

CaLi em Recife

EDESP-UFSCar

São Carlos
2026

UFSCar - Universidade Federal De São Carlos

Reitora Ana Beatriz de Oliveira

Vice-Reitora Maria de Jesus Dutra dos Santos

EDESP - Editora de Educação e Acessibilidade da UFSCar

Diretor Nassim Chamel Elias

Editores Executivos Adriana Garcia Gonçalves

Clarissa Bengtson

Douglas Pino

Rosimeire Maria Orlando

Conselho Editorial Adriana Garcia Gonçalves (UFSCar)

Carolina Severino Lopes da Costa (UFSCar)

Clarissa Bengtson (UFSCar)

Christianne Thatiana Ramos de Souza (UFPA)

Cristina Broglia Feitosa de Lacerda (UFSCar)

Cristina Cinto Araújo Pedroso (USP)

Gerusa Ferreira Lourenço (UFSCar)

Jacyene Melo de Oliveira Araújo (UFRN)

Jáima Pinheiro de Oliveira (UFMG)

Juliane Ap. De Paula Perez Campos (UFSCar)

Marcia Duarte Galvani (UFSCar)

Maria Josep Jarque (Universidad de Barcelona)

Mariana Cristina Pedrino (UFSCar)

Nassim Chamel Elias (UFSCar) - Presidente

Otávio Santos Costa (UFMA)

Rosimeire Maria Orlando (UFSCar)

Valéria Peres Asnis (UFU)

Vanessa Cristina Paulino (UFSM)

Vanessa Regina de Oliveira Martins (UFSCar)

Copyright © 2026 dos autores

Editoração

Editora EDESP

Capa

Regina Célia Torres

P962

Produções artístico-literárias em Libras: experiências do 4° Campeonato do #CasaLibras - CaLi em Recife / organizado por Vanessa Regina de Oliveira Martins e Clarissa Bengtson. – Documento eletrônico. – São Carlos : EDESP-UFSCar, 2026.
420 p.

Modo de acesso:
ISBN - 978-65-89874-91-1
1. Libras. 2. Literatura surda. 3. Educação bilíngue. 4. Arte surda. I. Título.

CDD – 419 (20a)

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Comunitária da UFSCar
Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

Todos os direitos desta edição são reservados aos autores. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violaçã dos direitos autorais (Lei no 9.610/1998).









PPGEES
Programa de Pós-Graduação
em Educação Especial - UFSCar



Sumário

Prefácio_____ 07

Apresentação_____ 10

Os bastidores do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras: saberes, escolhas e práticas docentes_____ 13

A arte dramatúrgica no campeonato: o teatro - As Aventuras de CaLi 65

Nossa protagonista: a arte de Kilma Coutinho e sua travessia pelo Campeonato #CasaLibras_____ 84

Tradução do edital do 4° Campeonato do #CasaLibras: para além de um produto, um processo formativo_____ 97

Estratégias de design para a construção da identidade visual e de materiais audiovisuais acessíveis no 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras_____ 124

Gênero textual formulário de inscrição on-line: desafios da tradução para Libras_____ 155

SEÇÃO 1 - Experiências premiadas

1° Lugar

Relatório Docente das Práticas realizadas na EPG Crispiniano Soares – Guarulhos-SP_____ 177

Relatório Docente das Práticas realizadas na EPG Anísio Teixeira – Guarulhos-SP_____ 193

Relatório Docente das Práticas da Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Helen Keller – Caxias do Sul-RS_____ 204

Relatório Docente das Práticas do Instituto Pedagógico de Apoio à Educação do Surdo de Sergipe (Ipaese) – Aracaju-SE_____ 222

Relatório Docente das Práticas Pedagógicas relativas ao 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras - Nova série "As aventuras de CaLi" da Escola Municipal de Educação de Jovens e Adultos Prof. Sérgio Rossini - Campinas-SP_____ 228

2° Lugar

Relatório Docente das Práticas da Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos Anne Sullivan – São Paulo-SP_____ 238

Relatório Docente das Práticas da Escola Municipal de Tempo Integral de Educação de Bilíngue Francisco Suderland Bastos Mota – Fortaleza-CE 247

Relatório Docente das Práticas da Escola Municipal Bilíngue de Educação de Surdos – Angra dos Reis-RJ 255

Relatório Docente das Práticas da Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Helen Keller – Caxias do Sul-RS 263

Relatório Docente das Práticas da Escola Estadual Engenheiro Caldas – Caratinga-MG 283

3º Lugar

Relatório Docente das Práticas do Centro Municipal de Educação Infantil Professora Ida Vinciguerra – São Carlos-SP 296

Relatório Docente das Práticas da Escola Municipal de Educação Básica Dalila Galli – São Carlos-SP 306

Relatório Docente das Práticas da Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos Anne Sullivan – São Paulo-SP 316

Relatório Docente das Práticas da Escola Estadual Pirassununga – Pirassununga-SP 332

Relatório Docente das Práticas do Instituto Cearense de Educação de Surdos (Ices) – Fortaleza-CE 341

Relatório Docente das Práticas do Centro de Educação e Artes (Cemear) – Guarulhos-SP 349

SEÇÃO 2 - Caderno Visual: Obras Premiadas e Memória do Festival

Obras - 1° lugar 368

Obras - 2° lugar 374

Obras - 3° lugar 380

Registro fotográfico do evento de premiação no dia 05/12/2025 386

Prefácio

A Educação Bilíngue de Surdos, no Brasil, constitui-se como um campo historicamente atravessado por disputas de sentidos e de modelos pedagógicos, por diferentes regimes de verdade e por práticas que, ao longo do tempo, produziram determinadas formas de compreender os sujeitos surdos, o ensino dito como "ideal", suas línguas e seus modos de aprendizado e desenvolvimento. É nesse cenário que esta obra se insere.

Mais do que apresentar experiências artísticas e pedagógicas desenvolvidas em sala de aula pelos professores com os estudantes surdos, a obra coloca em circulação produções que permitem qualificar, aprimorar e ampliar o acesso às artes, deslocando modos consolidados de pensar a educação de surdos. Ao afirmar a centralidade da Libras (Língua Brasileira de Sinais) como língua de instrução, interação, comunicação e ensino, a publicação também impulsiona a criação e a produção de conhecimento pelos estudantes que compõem o público-alvo da Educação Bilíngue de Surdos (PAEBS), evidenciando a cultura surda como dimensão constitutiva dos processos educativos.

Vinculada ao *4º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras: As Aventuras de Cali – Cali em Recife*, esta publicação ultrapassa o registro de uma ação formativa. Ao reunir produções de atividades desenvolvidas pelos professores com os estudantes PAEBS, a partir da temática da cultura nordestina recifense, da arte surda, da literatura surda e da técnica de colagem inspirada na obra da artista surda Kilma Coutinho, a obra explicita que a escola é também espaço de elaboração teórica, estética e política, deslocando a ideia de que o conhecimento se produz exclusivamente em instâncias acadêmicas tradicionais.

A publicação resulta de um processo formativo coletivo desenvolvido pela UFSCar, por meio do programa #CasaLibras, com apoio do Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão e da Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos - MEC/SECADI/DIPEBS. Esse percurso articulou formação continuada, produção de materiais didático-pedagógicos específicos, criação da história em quadrinhos *As Aventuras de CaLi - CaLi em Recife*, videogravações formativas, poesia em Libras e orientações pedagógicas sobre a técnica de colagem. O campeonato constituiu uma das ações desse processo e teve como uma de suas entregas a sistematização das produções reunidas nesta obra.

Ao longo da obra, observa-se a potência das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores com os estudantes surdos, nas quais o ensino, a aprendizagem e a produção de conhecimento se constituem de forma coletiva, situada e relacional. Professores e estudantes surdos aparecem como sujeitos ativos na construção de linguagens, narrativas, saberes e experiências, reafirmando que a Educação Bilíngue de Surdos se fortalece quando reconhece a escola como espaço de criação, autoria e pertencimento linguístico-cultural.

As produções reunidas nesta obra também permitem reconhecer a multiplicidade de referências identitárias, culturais, linguísticas, territoriais e estéticas mobilizadas nos processos educativos. Ao articular temas como Recife, Nordeste, cultura surda, gênero, identidade, direitos linguísticos e criação artística, os trabalhos desenvolvidos evidenciam a pluralidade de experiências que atravessam a educação de surdos e reafirmam que a diferença linguística e cultural não pode ser compreendida como exceção, mas como fundamento da própria modalidade escolar de Educação Bilíngue de Surdos.

Nesse movimento, a arte e a literatura não aparecem como conteúdos subalternizados, mas como linguagens de criação, ensino e produção de conhecimento. As expressões em Libras, as narrativas, os processos criativos e as práticas artísti-

co-literárias presentes na obra constituem modos específicos de pensar, narrar e produzir o mundo, a partir de experiências visuais, linguísticas e culturais próprias das comunidades surdas.

Do ponto de vista das políticas públicas, esta publicação dialoga com princípios fundamentais da Educação Bilíngue de Surdos no Brasil, especialmente no que se refere ao reconhecimento da Libras como língua de instrução, interação, comunicação e ensino, e à garantia da língua portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua. Ao mesmo tempo, evidencia os desafios que ainda se colocam para a consolidação dessas políticas nos diferentes sistemas de ensino.

Ao trazer à cena produções construídas no cotidiano escolar, a obra também contribui para aproximar política pública, prática pedagógica e produção de saber, apontando para a necessidade de fortalecimento de ações que reconheçam a escola como espaço estratégico na efetivação dos princípios e do direito à Educação Bilíngue de Surdos.

Assim, esta obra se configura como parte de uma iniciativa mais ampla de afirmação de uma educação que reconhece a diversidade linguística, identitária, valoriza a cultura surda e sustenta o direito dos sujeitos surdos de aprender, ensinar e produzir conhecimento em sua própria língua.

Que esta publicação contribua para ampliar o debate, a discussão de propostas, qualificar as práticas pedagógicas e fortalecer políticas públicas comprometidas com a Educação Bilíngue de Surdos no Brasil.

Patricia Luiza Ferreira Rezende

Bianca Ribeiro Pontin

Marisa Dias Lima

Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos - DIPEBS/SECADI/MEC

Apresentação

Esta obra foi organizada a partir da experiência do 4º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras: nova série "As Aventuras de CaLi" – CaLi em Recife. Mais do que o registro de uma edição anual de um evento formativo, este livro constitui-se como memória institucional, produção de conhecimento e gesto político de valorização da arte, das literaturas surdas e das práticas pedagógicas desenvolvidas em Libras no contexto da Educação Básica brasileira.

A estrutura da obra contempla seis capítulos introdutórios, seguidos de duas sessões centrais – Experiências Premiadas e Caderno Visual. Nesse arranjo editorial, teoria, prática e registro artístico articulam-se de forma integrada, permitindo ao leitor compreender o campeonato tanto em sua dimensão conceitual quanto em sua materialidade estética e formativa.

Ao trazer a voz em primeira pessoa dos professores premiados e participantes, esta obra reafirma a importância de reconhecer os educadores de surdos como produtores de saber. Trata-se de abrir um espaço efetivo de interlocução entre universidade e Educação Básica, deslocando a lógica verticalizada da formação e evidenciando a potência das práticas pedagógicas construídas nos cotidianos escolares. Os relatos reunidos neste volume evidenciam experiências de ensino em Libras comprometidas com o direito linguístico da população surda, com a centralidade da visualidade como matriz de aprendizagem e com a valorização dos marcadores culturais surdos como fundamentos epistemológicos e estéticos da ação educativa.

Ao mesmo tempo, a publicação inscreve os nomes e as produções artísticas vencedoras dos estudantes surdos – provenientes de diferentes regiões do Brasil – como parte de uma

cartografia cultural que reafirma a surdez não como ausência de audição, mas como experiência linguística, cultural e política. O protagonismo surdo atravessa toda esta edição do campeonato: manifesta-se na escolha da artista homenageada, Kilma Coutinho; na produção poética inédita, elaborada especialmente para o evento por Yanna Porcino e Cláudio Mourão; na criação da história em quadrinhos *As Aventuras de CaLi – CaLi em Recife*; e nas produções coletivas realizadas por estudantes e docentes nas escolas participantes.

O 4º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras consolidou-se como uma ação de extensão universitária vinculada à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), articulando formação continuada, produção de materiais didático-pedagógicos em Libras e promoção da arte e da literatura surdas. Sua realização contou com o apoio institucional de docentes, técnicos administrativos e discentes da graduação e da pós-graduação, que atuaram de forma comprometida na idealização, organização e execução das diferentes etapas do campeonato.

Registramos nosso agradecimento aos setores internos da universidade que contribuíram financeiramente para a consolidação desta edição, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (PPGEEs), ao Departamento de Psicologia (DPSi) e à Associação dos Docentes da Universidade Federal de São Carlos (Adufscar).

Agradecemos, igualmente, ao Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi) e da Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos (Dipebs), pelo apoio financeiro que possibilitou a realização do campeonato em sua totalidade, fortalecendo políticas públicas voltadas à educação bilíngue de surdos. Reconhecemos também o apoio das agências de fomento à pesquisa, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que sustentam as ações estruturantes do programa #CasaLibras e viabilizam a produção de conhecimento e materiais formativos.

Destacamos, ainda, o apoio da Secretaria de Cultura e Turismo de São Carlos, por meio da execução de emenda parlamentar destinada à realização do festival cultural integrado ao campeonato. Esse apoio permitiu reunir estudantes surdos de São Carlos e região em um dia memorável de celebração, formação e reconhecimento público das práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas, culminando na premiação das equipes vencedoras.

Este livro, portanto, não é apenas um registro comemorativo. Ele constitui-se como documento de um processo formativo coletivo que articula universidade, escolas públicas, artistas surdos, poetas, estudantes e políticas públicas em torno de um mesmo compromisso: afirmar a Libras como língua de instrução, valorizar os marcadores culturais surdos como patrimônio simbólico e promover a diferença como potência criadora.

Sentimo-nos honradas em apresentar esta obra, que materializa um trabalho coletivo comprometido com a educação bilíngue de surdos e com a produção artístico-literária em Libras.

São Carlos, 2026.

Vanessa Regina de Oliveira Martins

Clarissa Bengtson

Organizadoras

Os bastidores do 4º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras: saberes, escolhas e práticas docentes

Vanessa Regina de Oliveira Martins
Clarissa Bengtson

Introdução

Apresentar os bastidores do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras é, ao mesmo tempo, um desafio e uma alegria. Um desafio, porque se trata de um processo contínuo, tecido ao longo do tempo, que expressa uma prática em permanente construção, marcada por aprendizados, revisões e aperfeiçoamentos constantes. Alegria, porque esse percurso tem sido vivido coletivamente, permitindo avanços significativos nos processos e procedimentos adotados para a realização do evento em sua totalidade.

Os bastidores do campeonato revelam que sua organização não se inicia com a abertura oficial do edital, mas muito antes dela, a partir de um conjunto de decisões pedagógicas, institucionais e políticas que sustentam a proposta. No 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, esse movimento prévio ganhou especial destaque.

No dia 5 de agosto de 2025, às 18h, realizamos uma pré-live de divulgação, ocasião em que foi anunciada uma nova parceria com o Ministério da Educação (MEC), por meio do se-

gundo financiamento concedido ao programa #CasaLibras pela Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos (Dipebs). Essa parceria consolida e amplia uma aproximação institucional iniciada no 3° Campeonato Artístico-Literário, em 2024, e reafirma o compromisso dessa diretoria em apoiar iniciativas voltadas ao fortalecimento da política bilíngue e à qualificação do ensino em Libras para estudantes surdos.

Dois dias depois, em 7 de agosto de 2025, às 19h, ocorreu a live de abertura oficial do edital, marcando publicamente o início desta edição do campeonato. Esses dois momentos, a pré-live e a live de lançamento, não apenas divulgaram informações, mas também materializaram escolhas políticas e pedagógicas que atravessam o #CasaLibras: o compromisso com a valorização das práticas docentes bilíngues, com a produção artística e literária em Libras e com a construção de redes de colaboração entre escolas, docentes, pesquisadores e instituições públicas.

Figura 1. Lives formativas realizadas no YouTube.



Fonte: canal do YouTube do #CasaLibras (https://www.youtube.com/watch?v=PvyguXrhe2U; https://www.youtube.com/watch?v=bM28cdm7k2Y).

Nesse sentido, este capítulo apresenta os percursos do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, desde o planejamento do tema, iniciado no começo do mês de janeiro de 2025, passando pela organização da gestão do evento, pela elaboração da proposta encaminhada ao Ministério da Educação, pela construção técnica e pelas ações pedagógicas desenvolvidas ao longo do processo, até sua realização, culminando no evento de premiação em dezembro do mesmo ano, em uma articulação que teve como eixo central a arte e a literatura surda.

Para o 4° Campeonato, o principal desafio consistiu em articular, de modo orgânico, três eixos estruturantes no tema e nos materiais didáticos disparadores:

1. a cultura nordestina recifense;
2. as abordagens culturais presentes nas obras de Kilma Coutinho – artista surda, pernambucana e recifense, reconhecida por sua técnica de colagem;
3. a produção poética dos poetas surdos Cláudio Mourão e Yanna Porcino.

A proposta do campeonato não se limitou a referenciar esses três elementos de forma temática, mas buscou integrá-los conceitualmente e esteticamente na construção dos materiais formativos (vídeos, ilustrações, textos e orientações pedagógicas).

Nesse contexto, a produção poética – idealizada e encomendada pelo #CasaLibras aos dois poetas – envolveu um desafio estético-discursivo específico: solicitou-se que construíssem uma criação fundamentada na lógica da colagem, de modo que essa técnica se materializasse não apenas no plano visual, mas também na organização do discurso poético. Assim, a colagem

atravessou a composição imagética, a estruturação textual e a edição em vídeo, estabelecendo um diálogo direto com as ilustrações inspiradas na obra de Kilma Coutinho e com os marcadores culturais da cidade do Recife.

Desse modo, o tema do campeonato e os materiais disparadores foram concebidos como um campo integrado de experiências estéticas, no qual cultura local, arte surda e poesia em Libras se entrelaçaram como fundamentos estruturais da proposta pedagógica.

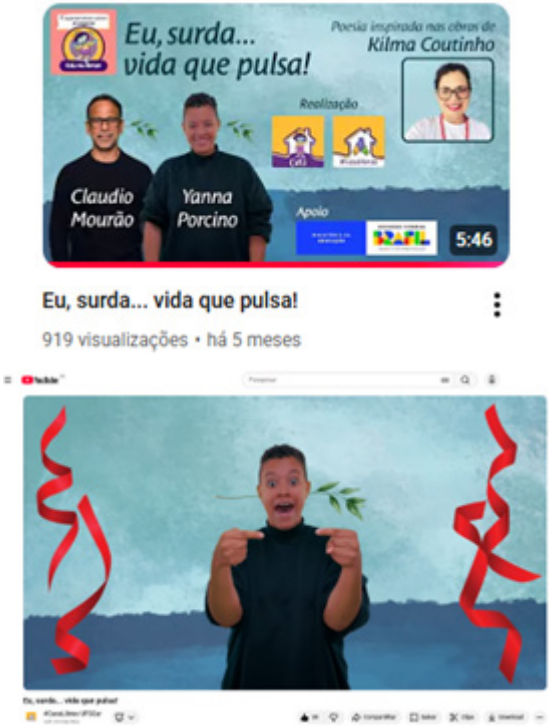
Figura 2. Kilma Coutinho, Yanna Porcino e Cláudio Mourão no dia do evento na UFSCar.



Fonte: registro das autoras.

Seguem imagens da poesia em Libras e do fechamento com o quadro digital em colagem, construído a partir da poética enunciada nessa língua.

Figura 3. Leitura do poema em Libras, por Cláudio Mourão e Yanna Porcino.



Fonte: canal do YouTube do #CasaLibras (https://www.youtube.com/watch?v=1hHDAOzdmyY).

Nosso desafio foi, portanto, ir além da produção poética e conceber, ao final da poesia, um quadro digital em colagem que carregasse marcas da obra de Kilma Coutinho, conforme a imagem apresentada – seus traços, seus gostos e sua subjetividade –, de modo que a poesia se configurasse como uma homenagem à artista e, ao mesmo tempo, possibilitasse levar

um pouco de sua estética e de sua presença simbólica às muitas escolas participantes do campeonato.

A partir desse processo, o 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras estruturou-se em torno de pautas fundamentais: a presença da mulher e da mulher surda no campo artístico, materializada na homenagem a Kilma Coutinho e, sobretudo, na valorização da estética de suas produções, que colocam no centro a representação das múltiplas formas-sujeito de ser mulher; o estudo da cultura nordestina, com destaque para a presença da cultura afro-brasileira nas produções artísticas e para a consolidação simbólica do Nordeste – especialmente Recife, cidade homenageada nesta edição; e, por fim, a valorização dos marcadores culturais surdos, tanto na arte quanto na poesia.

Essas temáticas transversalizaram o campeonato nesta edição e foram articuladas de forma disparadora na construção de vários materiais didáticos, e-books e videogravações, além de uma história em quadrinhos, na qual o mascote surdo do #CasaLibras, CaLi, criado no final de 2024, assume o papel de protagonista. Em sua viagem ao Recife, CaLi entra em contato com as obras de Kilma Coutinho e, em suas Aventuras em Recife, temática que inaugura uma nova série no âmbito do campeonato, convida crianças, adolescentes e adultos da Educação Básica a colaborarem em uma produção artística em colagem.

É a partir desse mote que se constrói a chamada do campeonato: a produção coletiva de uma colagem artística, na qual educadores de surdos, organizados em grupo docente, desenvolvem as temáticas propostas junto aos estudantes e realizam a inscrição no campeonato. Todas as orientações e informações

referentes a essa proposta estiveram descritas no edital bilíngue, em Libras e língua portuguesa, disponibilizado no site do #CasaLibras.

Figura 4. Edital do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras.





Fonte: site institucional do #CasaLibras (https://www.casalibras.ufscar.br/pt-br/campeonatos/4o-campeonato/cronograma-e-orientacoes-gerais).

No decorrer deste capítulo, serão abordadas, de forma detalhada, algumas das principais ações que compuseram o 4º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, e será realizada uma análise de sua repercussão e de seus resultados em âmbito nacional. Busca-se, assim, evidenciar os impactos pedagógicos, culturais e institucionais do campeonato, destacando os saberes mobilizados, as escolhas realizadas e as práticas docentes que sustentaram sua realização e contribuíram para a consolidação do #CasaLibras como uma iniciativa de referência na educação bilíngue de surdos.

Percursos de planejamento e execução do 4º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras: As Aventuras de CaLi - CaLi em Recife

Definição do tema e do conceito do 4° Campeonato

A definição do tema do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras decorreu de um processo coletivo e reflexivo. O ponto de partida foi a escolha do gênero literário que funcionaria como material disparador das produções, a história em quadrinhos, já pensada desde o início como linguagem central da proposta. Desde esse momento, delineou-se também a intenção de trazer o mascote CaLi como protagonista da narrativa.

Entre os meses de janeiro e março de 2025, diferentes possibilidades de enredo foram sendo discutidas e reelaboradas pela equipe, sempre com a clareza de que a história em quadrinhos seria o eixo estruturante do campeonato. No âmbito da coordenação do projeto, a primeira autora deste capítulo passou a mapear referências e protagonistas surdos que, para além de CaLi, pudessem compor o universo artístico e literário da proposta.

Nesse processo, emergiu o contato com as obras de Kilma Coutinho, cuja produção passou a ocupar um lugar central nas discussões conceituais do campeonato. Em diálogo com Anderson Marques, membro da equipe do #CasaLibras e ilustrador principal do projeto, discutiram-se possibilidades narrativas e estéticas. Foi nesse contexto que se delineou a ideia de situar a história de CaLi no Recife, estabelecendo um encontro simbólico com a obra de Kilma Coutinho, artista surda pernambucana.

Esse caminho conceitual foi tensionado e aprofundado a partir da constatação de que, em 2025, Kilma Coutinho havia exposto suas obras no Museu do Homem do Nordeste. A própria denominação do museu, que centraliza a figura masculina, provocou inquietações importantes no grupo: por que não evidenciar a presença e a produção artística de uma mulher surda em um espaço historicamente marcado pela valorização do masculino? Tal questionamento evidenciou desigualdades estruturais no campo artístico, historicamente atravessado pela predominância de artistas homens e pela invisibilização de mulheres e de sujeitos pertencentes a minorias.

Figura 5. Reportagem sobre a exposição artística de Kilma Coutinho.



Fonte: canal Brasil de Fato/PE (https://www.brasildefato.com.br/2025/05/04/exposicao-na-zona-norte-do-recife-traz-arte-feita-por-mulheres-com-deficiencia/).

Considerando que o #CasaLibras tem como princípio a abordagem de temas sociais ligados ao avanço e à visibilização de minorias, esse debate consolidou um primeiro eixo conceitual do campeonato, articulando arte, gênero, surdez e território.

Com o amadurecimento do roteiro da história em quadrinhos, definiu-se a colagem como técnica artística central do 4º Campeonato, em razão de seu potencial expressivo, híbrido e político. A proposta foi ainda fortalecida pela parceria com dois artistas surdos, Cláudio Mourão e Yanna Porcino, que atuaram como poetas do campeonato, ampliando o diálogo entre artes visuais, literatura surda e produção poética em Libras.

Considerando a valorização e o destaque conferidos às questões de gênero nesta edição, a poesia foi protagonizada por Yanna Porcino, com participação de Cláudio Mourão.

Yanna, mulher surda, negra e nordestina, atuou de modo mais direto na autoria poética e na videogravação, assumindo o centro da cena discursiva e estética da obra. Cláudio Mourão, por sua vez, contribuiu no apoio ao roteiro e na construção da poesia em sua forma de colagem, colaborando na tessitura estrutural da proposta, especialmente na articulação entre as imagens artísticas selecionadas e a composição discursiva, incorporando, no próprio corpo do poema, referências explícitas à técnica que estruturava o trabalho – a colagem – como princípio estético e organizador do discurso.

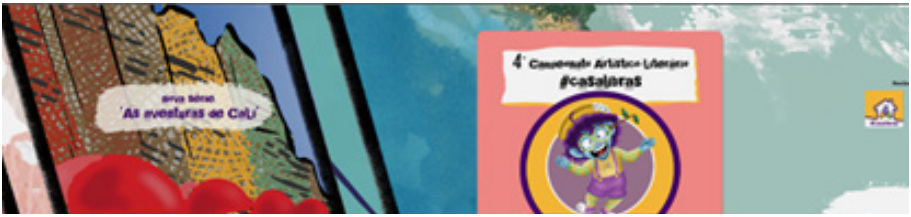
Essa configuração autoral não foi circunstancial, mas constitutiva do gesto político-pedagógico que orientou o campeonato. Ao conferir centralidade à voz e à presença de uma mulher

surda, negra e nordestina, a proposta reafirmou o compromisso com a problematização das relações de gênero, raça e território no campo da arte e da educação de surdos, tensionando hierarquias historicamente naturalizadas e produzindo, no próprio processo criativo, um exercício ético e político de coerência entre discurso e prática. Dessa forma, consolidou-se uma proposta temática que articula território, gênero, raça e constituição subjetiva, compreendendo a surdez como uma experiência atravessada por relações históricas, culturais e políticas. Essa perspectiva dialoga com Lopes (2007) e Lopes e Thoma (2013), a partir de uma leitura foucaultiana, segundo a qual a constituição do sujeito surdo emerge de um campo de saber e poder, sendo a surdez tomada como esse campo, compreendida, nos termos de Foucault (2010), como uma matriz de experiência.

Nesse sentido, o tema do 4° Campeonato mobiliza tensões e interseções que transversalizam a pessoa surda, os espaços educativos e os processos de aprendizagem em instituições culturais e educacionais, evidenciando como tais experiências são produzidas e negociadas em contextos marcados por desigualdades e disputas simbólicas.

Segue a imagem da capa do 4° Campeonato, que constituiu a identidade visual central da edição e foi utilizada como slogan nas peças de divulgação, incluindo os vídeos publicados no canal do YouTube, o site do #CasaLibras e o Instagram do programa.

Figura 6. Folder digital do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras.



Fonte: Site institucional do #CasaLibras (https://www.casalibras.ufscar.br/pt-br/campeonatos/4o-campeonato/cronograma-e-orientacoes-gerais).

No folder constam os logotipos das duas marcas do programa – o logotipo oficial do #CasaLibras e o do CaLi –, apresentados como realizadores do campeonato. Em seguida, é indicada a parceria com o MEC e, abaixo, os apoiadores que contribuíram para a viabilização da proposta, seja por meio do incentivo à pesquisa, do patrocínio de itens do evento ou de outras maneiras.

A identidade visual do 4° Campeonato foi concebida por Regina Célia Torres, membro da equipe do #CasaLibras.

Nota-se que o personagem CaLi, ao centro da imagem, tem um galho inserido na orelha. Essa escolha não é aleatória, mas carrega um forte significado simbólico e narrativo. Ela remete a uma cena da história em quadrinhos em que CaLi, durante sua visita ao Museu, entra em contato com as obras da artista Kilma Coutinho e percebe que, em suas representações artísticas de mulheres surdas, ela marca o "ser surdo" por meio da presença recorrente desse galho na orelha. Observe duas de suas obras, a seguir.

Figura 7. Duas obras da artista Kilma Coutinho.



Fonte: Coutinho e Rezende (2019, p. 271-272).

Conforme explicitado por Kilma Coutinho durante o evento de encerramento do 4° Campeonato – ocasião que incluiu a premiação dos vencedores do primeiro lugar e a homenagem

aos colaboradores, entre eles a própria artista –, o galho simboliza a vida que nasce na diferença. Enquanto o mundo ouvinte tende a perceber a orelha surda como defeituosa, é justamente a ausência da audição que possibilita o florescimento da vida surda.

Assim, o elemento visual incorporado à imagem temática do campeonato e à figura de CaLi reafirma uma perspectiva poética, política e cultural da surdez, alinhada aos princípios do #CasaLibras, ao compreender a diferença não como ausência ou falta, mas como potência criadora e constitutiva da experiência surda.

Construção estética e conceitual da proposta artística

A proposta artística solicitada às escolas no âmbito do 4º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras foi concebida a partir de uma perspectiva estética, pedagógica e política que reconhece a arte e a literatura surdas como linguagens de produção de sentidos, de afirmação cultural e de construção coletiva do conhecimento (Martins; Lopes; Nichols, 2024). Conforme estabelecido no edital, tratou-se de uma proposta obrigatoriamente desenvolvida em equipe, envolvendo estudantes surdos, com possibilidade de participação de estudantes ouvintes usuários de Libras, e mediada pedagogicamente por docentes, preferencialmente em diálogo interdisciplinar e com a valorização da presença de educadores surdos.

A exigência do trabalho coletivo não se restringiu a um aspecto organizacional, mas constituiu um princípio conceitual da proposta. Ao prever grupos de até cinco estudantes e equi-

pes docentes compostas de até três educadores, o edital reafirmou a centralidade da construção compartilhada, da troca de experiências visuais e linguísticas e do protagonismo surdo no processo criativo. Tal orientação dialoga diretamente com concepções da pedagogia surda que compreendem a aprendizagem como prática social situada, visualmente mediada e culturalmente construída, com a adoção dos marcadores culturais surdos na centralidade da proposta (Lopes, 2007).

Do ponto de vista estético, a escolha da colagem como técnica artística central não foi aleatória. Conforme explicitado no edital, a colagem é entendida como uma linguagem visual híbrida, que opera pela justaposição de materiais, imagens, texturas e fragmentos simbólicos, favorecendo a experimentação estética, a leitura crítica de imagens e a produção de narrativas visuais plurais. Essa técnica mostrou-se especialmente potente para o trabalho com estudantes surdos, por dialogar com a visualidade como eixo estruturante da experiência estética e linguística.

Conceitualmente, a proposta orientou-se pela narrativa da história em quadrinhos Aventuras de CaLi – CaLi em Recife, que apresenta a ideia dos "quadros perdidos" do personagem CaLi, supostamente expostos no Museu do Homem do Nordeste. Cada equipe foi convidada a escolher um desses quadros e recriá-los por meio da colagem, articulando memória, território, afetos e referências culturais nordestinas. As produções deveriam dialogar explicitamente com a estética da artista surda Kilma Coutinho e com a poesia inédita criada por Yanna Porcino, em parceria com Cláudio Mourão, reforçando a centralidade

da arte surda contemporânea e o protagonismo de mulheres surdas nordestinas no campeonato.

O edital também deixou explícito que o processo pedagógico teria peso equivalente ao do produto final. Por essa razão, além da produção da colagem, as equipes foram orientadas a elaborar um relatório docente no qual se explicitassem os percursos formativos, as estratégias de mediação em Libras, os recursos mobilizados e as formas de participação dos estudantes ao longo do processo. Tal orientação reforçou a compreensão de que a proposta artística não se restringia à produção de um objeto estético, mas implicava a documentação reflexiva e analítica das práticas educativas desenvolvidas no cotidiano escolar. Os relatos elaborados pelos educadores cujas produções foram premiadas neste campeonato compõem a presente obra, na qual se insere este capítulo.

Os esclarecimentos complementares ao edital reforçaram esse caráter coletivo e inclusivo da proposta ao flexibilizar, de forma intencional, a participação de educadores surdos. Embora tenha sido mantido o limite formal de submissão de trabalhos por docente responsável, foi explicitado que educadores surdos poderiam atuar como colaboradores em mais de um grupo, ampliando sua presença nos processos criativos sem ferir as regras de submissão. Essa decisão reafirmou o compromisso político-pedagógico do campeonato com a valorização da atuação de educadores surdos e com o fortalecimento de práticas colaborativas no interior das escolas.

Por fim, a exigência de anonimato das produções enviadas para avaliação, tanto da colagem quanto do relatório,

também compôs a lógica conceitual da proposta. Ao garantir a avaliação às cegas, o edital buscou assegurar critérios éticos, equitativos e formativos, deslocando o foco do reconhecimento institucional para a qualidade estética, cultural e pedagógica das produções, sem apagamento do caráter visual e visuogestual próprio da Libras nos registros do processo.

Assim, a proposta artística solicitada às escolas no 4° Campeonato do #CasaLibras configurou-se como um dispositivo estético-pedagógico complexo, no qual criação coletiva, visualidade surda, território, gênero, cultura e direitos humanos se entrelaçaram, reafirmando a arte como espaço de produção de saberes, de afirmação identitária e de resistência cultural.

Articulação institucional e financiamento do evento

A realização do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras esteve diretamente vinculada a um conjunto de articulações institucionais e a um processo estruturado de captação de recursos, fundamentais para a viabilização e a consolidação da proposta em âmbito nacional. Nesse contexto, destaca-se a participação da equipe do #CasaLibras em uma chamada pública promovida pelo MEC, por meio da Dibebs, voltada ao fomento de ações formativas destinadas ao fortalecimento da educação bilíngue de surdos no país, no âmbito da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica (Renafor).

A Renafor constitui uma política pública federal destinada à promoção da formação continuada de docentes da Educação Básica, por meio do apoio a projetos desenvolvidos por insti-

tuições públicas de Ensino Superior, em articulação com redes e sistemas educacionais. No campo da educação de surdos, essa política tem se configurado como um instrumento estratégico para o fortalecimento de práticas pedagógicas bilíngues, a valorização do direito linguístico das pessoas surdas e a qualificação das ações formativas voltadas a professores que atuam em diferentes contextos educacionais.

Desse modo, a construção da proposta encaminhada ao MEC constituiu-se como um processo coletivo, que envolveu planejamento pedagógico, definição de objetivos, detalhamento das ações previstas, cronograma de execução, orçamento e justificativa técnico-pedagógica. Esse trabalho buscou evidenciar a trajetória do #CasaLibras, os resultados alcançados nas edições anteriores do campeonato e a relevância da iniciativa como política de extensão universitária comprometida com a valorização da Libras, da cultura surda e das práticas docentes bilíngues na Educação Básica.

A proposta submetida à chamada pública dialogou diretamente com as diretrizes da Dipebs, ao articular formação docente, produção de materiais didáticos acessíveis, incentivo à arte e à literatura surdas e fortalecimento de redes colaborativas entre universidades, escolas e comunidade surda. Assim, o financiamento solicitado não se restringiu ao custeio de um evento pontual, mas foi concebido como investimento em um processo formativo ampliado, que atravessa o planejamento, o desenvolvimento de materiais, a formação continuada e a culminância no evento de premiação.

A aprovação da proposta e a formalização da parceria com a Dipebs representaram um passo importante na consolidação institucional do #CasaLibras, reafirmando sua legitimidade enquanto programa vinculado à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e reconhecido pelo MEC como uma iniciativa estratégica no campo da educação bilíngue de surdos. Essa parceria deu continuidade e intensificou a aproximação institucional iniciada no 3° Campeonato Artístico-Literário, fortalecendo o vínculo entre universidade e políticas públicas educacionais.

O financiamento obtido por meio da chamada pública possibilitou a ampliação do alcance do campeonato, com a participação de um número expressivo de escolas públicas e o aumento significativo de estudantes da região Nordeste do Brasil, configurando-se como um importante êxito desta edição. Destaca-se, ainda, a ampliação da participação de instituições que desenvolvem ações de educação complementar para estudantes surdos, em articulação com a Educação Básica, como as associações de surdos. Os recursos também contribuíram para a qualificação das ações pedagógicas desenvolvidas e para a garantia da acessibilidade comunicacional em todas as etapas do processo. Ademais, viabilizaram o fortalecimento da infraestrutura necessária à produção dos materiais, à formação dos docentes participantes e à realização do evento final, consolidando o 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras como uma ação de referência em âmbito nacional e como uma prática estruturada de formação continuada de docentes que atuam com estudantes surdos na Educação Básica.

Desenvolvimento dos materiais e formação

O conjunto de materiais descritos a seguir constitui uma coleção inédita e específica, produzida exclusivamente para o 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, e foi disponibilizado no site do programa, na aba do 4° Campeonato, em "Materiais disparadores e complementares". Esses materiais tiveram como finalidade principal auxiliar o desenvolvimento da proposta pedagógica nas escolas, assegurando coerência estética, conceitual e metodológica entre o edital, as produções artísticas e os processos formativos.

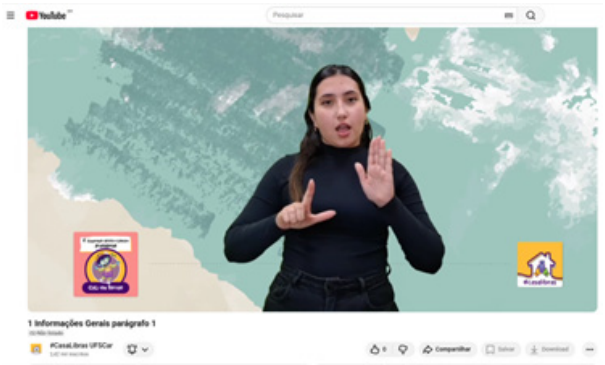
Todos os materiais foram concebidos, planejados e produzidos pelo Programa #CasaLibras, em articulação com parceiros surdos vinculados ao programa e convidados externos, respeitando o protagonismo surdo e a centralidade da Libras em todas as etapas. O desenho e o planejamento do conjunto formativo foram coordenados pela equipe do programa, sob a gestão da coordenação geral, com uma divisão de trabalho estruturada entre diferentes frentes: a equipe de idealização da proposta; a equipe de mídia e edição; a equipe de divulgação e identidade visual; a equipe pedagógica, liderada por educadores surdos; e a equipe de tradução. Para auxiliar as equipes, tivemos a atuação de bolsistas estudantes de graduação da UFSCar do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa e do curso de Imagem e Som.

Essa organização coletiva e interdisciplinar garantiu a qualidade estética, pedagógica e comunicacional dos materiais, bem como sua adequação às práticas de formação continuada de docentes que atuam com estudantes surdos na Educação Básica.

Edital acessível

Elaboração e disponibilização de edital acessível, em língua portuguesa e em Libras, assegurando clareza das informações, adequação linguística e comunicacional, bem como condições equitativas de participação para docentes e estudantes surdos em todo o território nacional. Na Figura 4, apresenta-se a imagem do edital contendo QR Code para acesso à versão em Libras. A seguir, apresenta-se a imagem de um dos vídeos com a tradução do texto em língua portuguesa para Libras. Essa tradução foi realizada por uma estudante do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa, e o processo foi acompanhado pela equipe de tradução do programa #CasaLibras, configurando-se também como uma ação formativa no âmbito da formação inicial da estudante. A identidade visual dos vídeos dialoga com a identidade visual do campeonato, tendo sido desenvolvida por Regina Célia Torres e Rodrigo Vecchio Fornari, responsáveis pelas ações de mídia e edição do programa.

Figura 8. Imagem de tradução do edital do 4° Campeonato.



Fonte: canal do YouTube do #CasaLibras (https://www.youtube.com/@CasaLibrasUFSCar).

Produção da história em quadrinhos

Criação da história em quadrinhos, com enredo inicialmente proposto pela Profa. Dra. Vanessa Regina de Oliveira Martins, em diálogo com Anderson Marques da Silva, ambos da UFSCar e atuantes no programa #CasaLibras. Após uma série de encontros voltados ao planejamento e à concepção estética e pedagógica, consolidou-se a proposta da HQ "As Aventuras de CaLi – CaLi em Recife", concebida como material disparador central do campeonato.

A narrativa foi estruturada de modo a articular visualidade, cultura surda, territorialidade nordestina e referências artísticas contemporâneas, tendo a Libras como língua organizadora da experiência e da mediação pedagógica. A HQ constituiu o estopim da chamada pública do campeonato, operando como dispositivo narrativo, estético e formativo da edição.

No enredo, CaLi, em sua aventura por Recife, visita o Museu do Homem do Nordeste e conhece as obras da artista Kilma Coutinho. Ao perceber que cinco quadros que estavam sob seus cuidados haviam sido "perdidos", o personagem mobiliza estudantes da educação básica a recriá-los por meio da técnica da colagem, assumida como linguagem estética central da proposta.

A partir desse disparador narrativo, as equipes escolares foram convidadas a produzir novas composições artísticas. Com as obras vencedoras em âmbito nacional, elaborou-se a versão final da chamada, incorporando as artes selecionadas nas cinco categorias do campeonato: Educação Infantil, Ensino

Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Desse modo, a HQ não apenas inaugurou a narrativa do campeonato, mas estruturou uma experiência formativa que integrou arte, letramento visual, cultura surda e protagonismo estudantil no contexto da educação bilíngue de surdos.

Figura 9. HQ animada – Aventuras de CaLi – CaLi em Recife.



Fonte: Martins et al. (2025) (https://www.edesp.ufscar.br/arquivos/colecoes/casalibras/ebook_cali_em_recife.pdf).

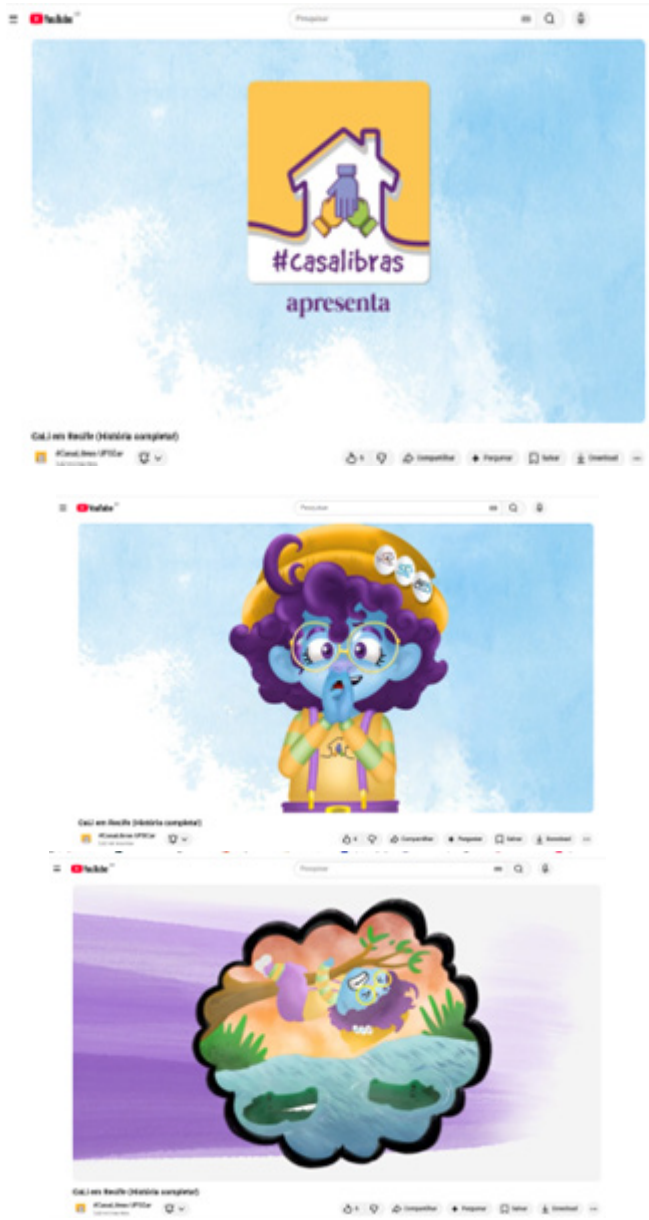
Animações - CaLi

Produção de animações da narrativa do personagem CaLi, ampliando o acesso ao conteúdo por meio da linguagem audiovisual e reforçando a centralidade da experiência visual surda no processo pedagógico. Trata-se da primeira experiência do programa com a animação do personagem por meio

do uso de inteligência artificial, possibilitando a sinalização em Libras pelo próprio mascote. Para a viabilização dessa etapa, foi necessário o desenvolvimento de um protocolo específico de captura dos tradutores realizando o texto em Libras, que posteriormente subsidiou a adequação do material, permitindo que a inteligência artificial espelhasse o personagem CaLi sinalizando o conteúdo produzido pela equipe.

Na imagem a seguir, CaLi sinaliza "Recife" em Libras, em referência ao título da história em quadrinhos. A animação da HQ digital conta com edição que produz movimento nas imagens, criando uma estética fílmica para a narrativa. Além disso, houve cuidado com a qualidade da produção sonora, de modo a torná-la atrativa também para crianças ouvintes, considerando que o objetivo do programa é promover a circulação da Libras e dos marcadores culturais surdos para públicos diversos. Dessa forma, o material busca alcançar não apenas crianças surdas, mas também crianças ouvintes, filhos/as de pessoas surdas, sujeitos próximos à comunidade surda e pessoas que ainda não a conhecem, possibilitando seu uso em diferentes contextos do espaço escolar e contribuindo para a valorização social da Libras e da cultura surda.

Figura 10. Animação – CaLi em Recife.



Fonte: canal do YouTube do #CasaLibras (https://www.youtube.com/watch?v=eRkRoAt-QUc).

Criação videogravada da poesia Eu, surda... vida que pulsa!

Produção de videogravação da poesia *Eu, surda... vida que pulsa!*, inspirada na técnica de colagem de Kilma Coutinho, em sua biografia e em suas produções artísticas. A obra poética foi concebida como material formativo e estético, articulando literatura surda, expressividade corporal e visualidade, e integrando o conjunto de referências artísticas que fundamentaram o campeonato.

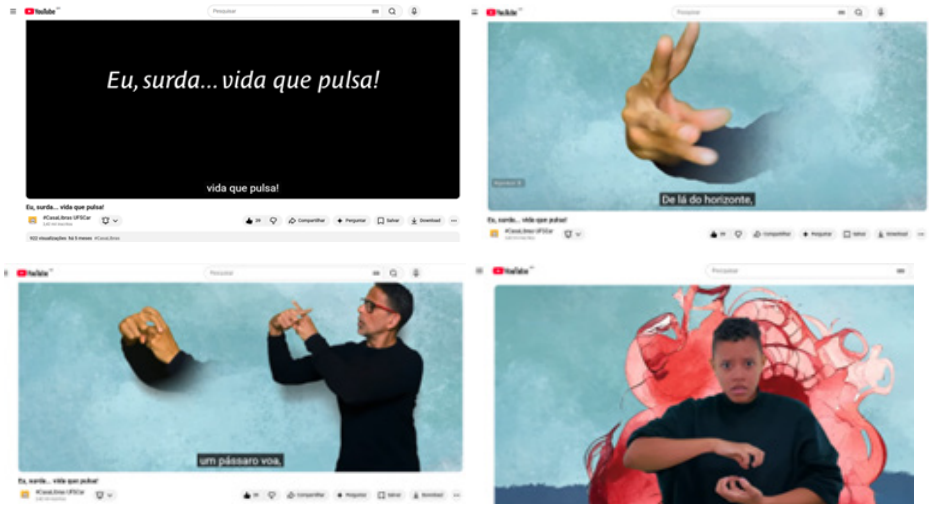
A criação da versão em língua portuguesa, concebida como desdobramento da criação original em Libras, foi realizada por Anne Caroline Santana Iriarte, membro da equipe do programa e técnica administrativa da UFSCar. Essa versão buscou preservar a qualidade estética e os efeitos de visualidade próprios da Libras, sendo submetida à apreciação e aprovação dos criadores da poesia em Libras, Yanna Porcino e Cláudio Mourão.

A edição da poesia, a inserção das imagens e a construção da colagem digital, incorporando elementos de diferentes colagens das obras de Kilma Coutinho, em diálogo direto com a colagem poética produzida pelos poetas surdos, foram orientadas por Anderson Marques da Silva, docente do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa, à época técnico administrativo da UFSCar na função de tradutor e intérprete. O trabalho foi desenvolvido em diálogo com o editor Rodrigo Vecchio Fornari e sob a coordenação de Vanessa Regina de Oliveira Martins. Todo o processo ocorreu de forma colaborativa, com acompanhamento contínuo

e aprovação final dos poetas surdos.

Considerando que as produções de Kilma Coutinho apresentam, de modo recorrente, o coração como elemento simbólico associado à constituição subjetiva de sujeitos surdos sinalizadores, forjada na relação com a língua de sinais, o título da poesia incorpora o pulsar como eixo temático. A sonoridade da obra foi iniciada com o som de um coração pulsando, estabelecendo diálogo com a visualidade da produção. No título, a edição realizou o movimento de apresentação das letras em sincronia com o ritmo pulsante do coração, reforçando a articulação entre som, imagem, corpo e experiência surda.

Figura 11. Trechos da poesia do 4° Campeonato.



Fonte: canal do YouTube do #CasaLibras (https://www.youtube.com/watch?v=1hHDAOzdmyY).

Criação de três videogravações sobre orientações acerca da técnica de colagem:

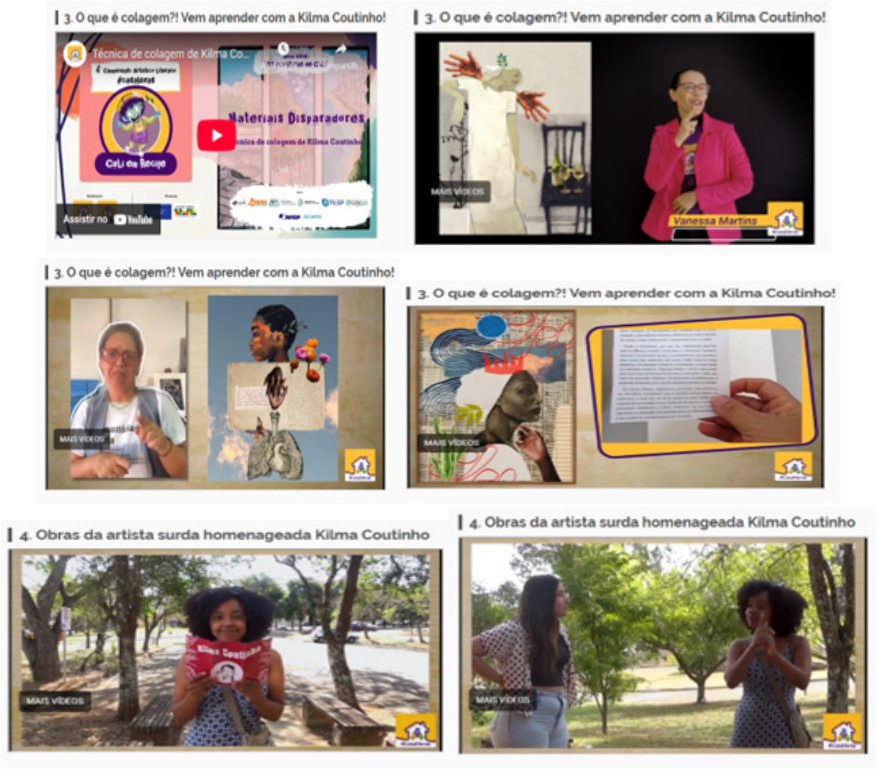
1. Videogravação sobre a trajetória de vida e a produção artística de Kilma Coutinho, contextualizando sua obra, referências estéticas e a centralidade da colagem em sua produção.

2. Videogravação formativa com orientações específicas sobre a técnica de colagem, apresentada a partir da perspectiva artística de Kilma Coutinho, com o objetivo de subsidiar o trabalho pedagógico dos docentes e apoiar o desenvolvimento das produções artísticas realizadas nas escolas participantes.

3. Videogravação com imagens das obras de Kilma Coutinho autorizadas para uso no 4° Campeonato, apresentando a exposição da artista no Museu do Homem do Nordeste, como forma de ampliar o repertório visual e cultural dos estudantes e docentes.

Figura 12. Trechos dos três vídeos produzidos pelo #CasaLibras como materiais disparadores.





Fonte: site institucional do #CasaLibras (https://www.casalibras.ufscar.br/pt-br/campeonatos/4o-campeonato/materiais-disparadores-e-complementares).

Formação em lives (encontros síncronos)

Realização de oito encontros formativos síncronos, em formato de lives, destinados aos docentes participantes do campeonato, com o objetivo de esclarecer dúvidas, aprofundar a proposta pedagógica e fortalecer o uso dos materiais disparadores no desenvolvimento das atividades em sala de aula.

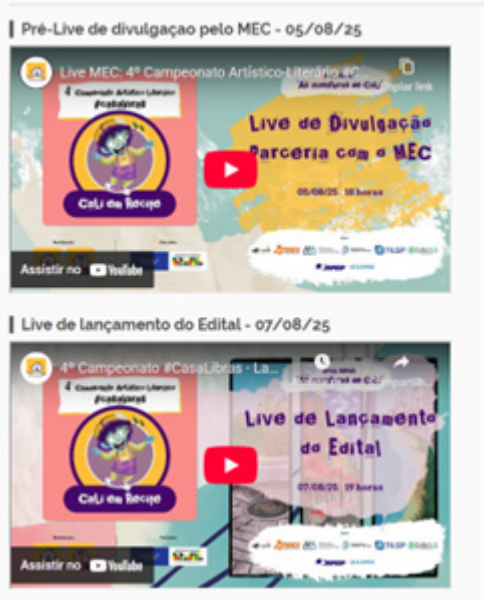
As lives abrangeram todo o percurso do campeonato, desde a live de pré-lançamento e abertura do edital, passando por encontros de acompanhamento pedagógico com as escolas participantes, até a live de divulgação dos vencedores, bem

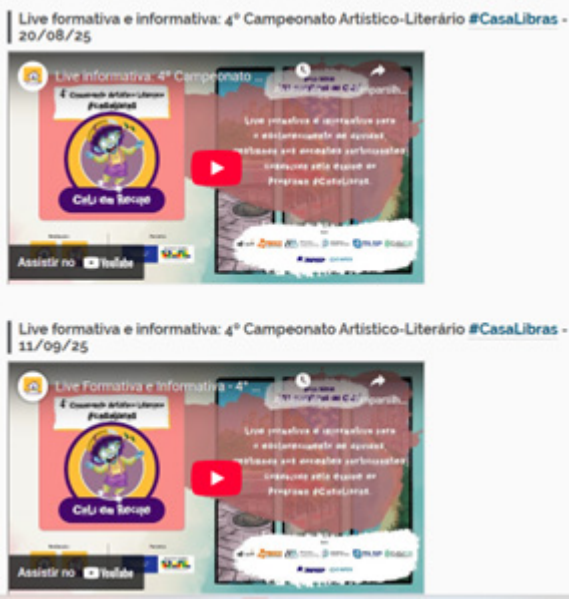
como a live de orientações para o evento presencial, realizado em 5 de dezembro de 2025.

Destaca-se que o evento de premiação foi transmitido on-line, possibilitando a participação de todas as escolas inscritas no campeonato, com a divulgação dos vencedores dos primeiros lugares em todas as etapas. Na mesma ocasião, foi realizado um festival cultural infantil, com apresentações teatrais e artísticas, ocorrido no período da manhã do evento presencial.

Os vídeos com registros e sínteses das atividades formativas e do evento de premiação estão disponíveis para acesso no canal e no site do #CasaLibras, ampliando o alcance das ações e garantindo a continuidade formativa junto às escolas.

Figura 13. Recorte das capas das lives de formação do 4° Campeonato.





Fonte: site institucional do #CasaLibras (https://www.casalibras.ufscar.br/pt-br/campeonatos/4o-campeonato/lancamento-do-4o-campeonato).

Organização, gestão e acompanhamento da execução do evento formativo e comemorativo do 4º Campeonato

A definição dos serviços e dos critérios de escolha para a realização do evento formativo do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, ocorrido no dia 5 de dezembro de 2025, foi orientada por uma concepção que articulou formação, cultura, diversão e reconhecimento, tendo como eixo central o público envolvido: crianças de escolas públicas, docentes vencedores de cada uma das etapas e participantes do campeonato, de diferentes etapas da Educação Básica e em distintos contextos educacionais.

O evento foi realizado no Anfiteatro Bento Prado Júnior, na UFSCar, com transmissão ao vivo para as escolas participantes e demais interessados por meio do canal do YouTube do #CasaLibras, ampliando o alcance e garantindo o acesso remoto às atividades propostas.

Ao longo do dia, o evento formativo, como culminância do campeonato, foi estruturado em dois momentos principais. O primeiro, realizado no período da manhã, teve início com a solenidade de abertura, que contou com a presença do Secretário de Cultura e Turismo da Prefeitura Municipal de São Carlos, bem como de autoridades da UFSCar, representando a Reitoria e o Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH). A abertura foi conduzida pela coordenação geral do evento e do campeonato, sob responsabilidade da Profa. Dra. Vanessa Regina de Oliveira Martins.

Na sequência, as atividades da manhã tiveram como foco a criação de um espaço lúdico, cultural e formativo destinado às crianças convidadas, promovendo experiências de diversão articuladas ao contato com a cultura e à aprendizagem por meio de oficinas. Buscou-se, nesse período, garantir um ambiente acolhedor, inclusivo e estimulante, no qual as crianças pudessem brincar, experimentar diferentes linguagens artísticas e culturais em Libras e vivenciar práticas educativas em um contexto universitário. Essas ações contribuíram para o fortalecimento dos vínculos com o conhecimento e com a universidade pública, reafirmando seu papel social, cultural e formativo.

O segundo momento, desenvolvido no período da tarde, foi dedicado à escuta, visibilidade e valorização dos docentes

vencedores do campeonato. Esses professores foram convidados a participar presencialmente do evento na UFSCar, onde puderam relatar suas experiências no campeonato, socializar práticas pedagógicas desenvolvidas em suas escolas e compartilhar processos, desafios e aprendizagens construídas junto aos estudantes. Esse espaço teve como objetivo reconhecer o papel fundamental do professor como mediador cultural e linguístico, além de fomentar a troca de saberes e o fortalecimento das práticas educacionais inclusivas.

Todos os gastos relacionados ao campeonato foram planejados de forma criteriosa e alinhados a esses objetivos, buscando garantir a qualidade das atividades, a acessibilidade do evento e o pleno aproveitamento por parte das crianças e dos docentes participantes. A seguir, destacam-se os principais serviços e despesas.

1. Reserva de passagens, transporte, hotel e alimentação para os professores vencedores das seguintes categorias: Educação Infantil; Ensino Fundamental I (1° ao 5° ano); Ensino Fundamental II (6° ao 9° ano); Ensino Médio; EJA e Outros (salas multifuncionais e associações de surdos). Todos os vencedores foram convidados a participar presencialmente do evento, tendo garantidas as condições necessárias para seu deslocamento e permanência.

2. Coffee breaks realizados em dois momentos ao longo do evento, planejados de acordo com o perfil do público. No período da manhã, as crianças tiveram acesso a alimentos como sorvete e cachorro-quente, garantindo um momento de cuidado, convivência e descontração.

Figura 14. Convidados reunidos durante o coffee break do evento.





Fonte: registro das autoras.

3. Contratação de brinquedos infláveis, incluindo pula-pula, piscina de bolinhas, cama elástica e escorregador, disponibilizados nos intervalos das atividades formativas.

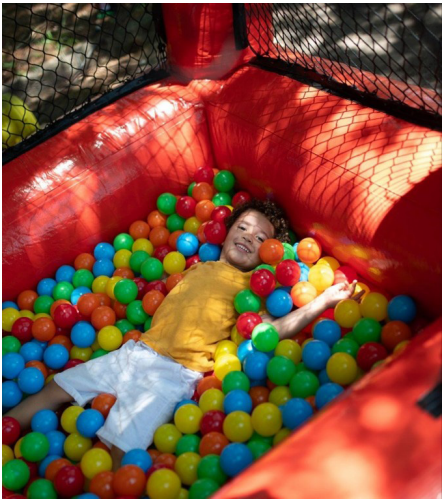
A programação contemplou ainda barraquinhas de algodão-doce e pipoca, bem como oficinas recreativas em Libras, envolvendo pintura de rosto, pintura artística em papel, confecção de guarda-chuvas de frevo e oficina de xilogravura, ampliando as possibilidades de lazer, expressão cultural e interação entre as crianças, em consonância com os princípios de acessibilidade linguística e valorização da cultura surda.

Figura 15. Convidados reunidos na área externa do evento, durante as atividades recreativas.



Fonte: registro das autoras.

Figura 16. Brinquedos infláveis para recreação na área externa.





Fonte: registro das autoras.

4. Participação de um grupo de dança de Maracatu, proporcionando uma vivência cultural significativa, na qual as crianças puderam acompanhar, interagir e dançar junto aos artistas, fortalecendo o contato com manifestações culturais brasileiras.

Figura 17. Grupo de Maracatu *Rochedo de Ouro*.

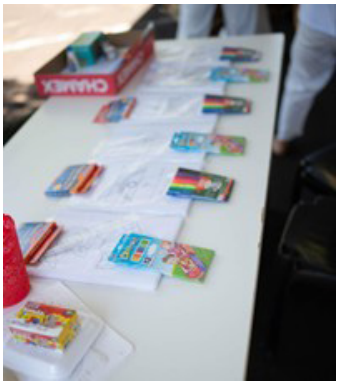


Fonte: registro das autoras.

5. Aquisição de brindes para as oficinas formativas Boca do CaLi, incluindo materiais para pintura facial e lembranças distribuídas aos participantes, valorizando a participação das crianças nas atividades educativas.

Figura 18. Oficinas formativas com as crianças.





Fonte: registro das autoras.

6. Produção de materiais institucionais do CaLi, como cadernos, canetas, broches, canecas, camisetas, adesivos, marca-páginas e calendários, entregues a todos os convidados, juntamente de materiais escolares (giz de cera e lápis), reforçando a identidade do projeto e o caráter educativo do evento.

Figura 19. Materiais institucionais do CaLi.





Fonte: registro das autoras.

7. Compra de materiais para a produção do teatro, incluindo tecidos, EVA e outros insumos necessários para a criação cênica, garantindo a qualidade estética e pedagógica da apresentação.

Figura 20. Apresentação do teatro CaLi em Recife.



Fonte: registro das autoras.

8. Contratação de intérpretes de Libras, assegurando a acessibilidade comunicacional do evento e o direito de participação plena das pessoas surdas e ouvintes em todas as atividades. Uma vez que todo o evento foi realizado em Libras, tivemos a interpretação para a língua portuguesa de todas as ações.

9. Contratação de um ilustrador, responsável pela elaboração da história em quadrinhos do CaLi, ampliando as linguagens utilizadas no campeonato e fortalecendo a dimensão artístico-literária da proposta.

10. Confecção de medalhas e troféus, incluindo peças personalizadas nas categorias ouro, prata, bronze e participação, destinadas às categorias vencedoras e aos demais participantes, como forma de reconhecimento e valorização do envolvimento de docentes e estudantes. A todos os participantes foi encaminhada medalha de participação, bem como um caderno personalizado do CaLi, acompanhado de adesivos, ambos na identidade visual temática do campeonato, reforçando o caráter formativo, cultural e simbólico da ação.

Figura 21. Medalhas e troféus entregues para os vencedores.



Fonte: registro das autoras.

Figura 22. Medalha de participação e caderno com adesivos personalizados, entregues pelo correio para todos os participantes.



Fonte: registro das autoras.

Figura 23. Parte das caixas enviadas pelo correio com os brindes e medalhas de participação no campeonato.



Fonte: registro das autoras.

Portanto, as atividades foram planejadas e executadas com intencionalidade pedagógica, compromisso com a acessibilidade e atenção às especificidades do público participante, assegurando que crianças e docentes pudessem usufruir plenamente do evento e vivenciar experiências significativas de cultura, aprendizagem, reconhecimento e pertencimento à universidade pública.

Todas as contratações de produtos e serviços foram realizadas por intermédio da Fundação de Apoio Institucional ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FAI-UFSCar), o que contribuiu significativamente para a adequada gestão administrativa e financeira do evento. A atuação da FAI-UFSCar garantiu a observância dos princípios da legalidade, da transparência e da eficiência na aplicação dos recursos públicos, bem como o cumprimento dos trâmites institucionais necessários para a contratação de fornecedores e prestadores de serviços. Além disso, o apoio da FAI-UFSCar possibilitou maior agilidade nos processos de aquisição, assegurando que os serviços e materiais fossem disponibilizados dentro dos prazos estabelecidos e em consonância com as necessidades pedagógicas e logísticas do campeonato. Esse modelo de gestão foi fundamental para viabilizar a execução integrada das atividades planejadas, reduzir riscos administrativos e assegurar a qualidade das ações desenvolvidas, fortalecendo a parceria institucional e contribuindo para o sucesso do evento.

Evento de premiação das equipes vencedoras: culminância de um processo formativo

O evento de premiação das equipes vencedoras do 4º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras constituiu-se como a culminância de um processo pedagógico, cultural e institucional desenvolvido ao longo de todo o ano de 2025, com especial intensidade no decorrer do segundo semestre letivo, a partir das práticas realizadas pelas escolas participantes em diferentes regiões do país. De agosto a novembro, inúmeras escolas encaminharam imagens, registros audiovisuais e relatos pedagógicos das atividades desenvolvidas com seus estudantes, subsidiando a produção das colagens artísticas e das demais criações realizadas pelos alunos surdos no âmbito do campeonato. Dessa forma, o evento presencial realizado em dezembro deve ser compreendido como uma das ações que integram um conjunto mais amplo de iniciativas, e não como um momento isolado ou desvinculado do percurso formativo vivido nas escolas.

Nessa perspectiva, a premiação ultrapassou a condição de ato formal de encerramento, ao materializar publicamente um percurso formativo construído cotidianamente nos contextos escolares, mediado pelos docentes e protagonizado pelas crianças, adolescentes e jovens surdos, em diálogo constante com as proposições pedagógicas, estéticas e culturais do campeonato. O evento tornou visíveis processos que já vinham sendo gestados ao longo do semestre, conferindo reconhecimento institucional a práticas educativas desenvolvidas de forma situada, sensível às realidades locais e comprometida com a educação bilíngue de surdos.

Ao longo do semestre, as ações do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras foram implementadas nas escolas a partir de um conjunto articulado de estratégias, que incluiu a disponibilização de um edital acessível, a produção de materiais didático-pedagógicos inéditos, elaborados especificamente para esta edição, e a oferta de ações formativas direcionadas aos docentes participantes. Esse arranjo possibilitou que professores e estudantes se engajassem em processos contínuos de criação artística e literária em Libras, nos quais se articularam práticas pedagógicas, experimentação estética, reflexão cultural e produção coletiva.

As escolas configuraram-se, assim, como espaços privilegiados de desenvolvimento das propostas do campeonato, mobilizando a arte e a literatura surda não apenas como produtos finais, mas como estratégias pedagógicas de aprendizagem, expressão, autoria e fortalecimento identitário das crianças surdas. As produções inscritas refletiram esse movimento, evidenciando percursos de trabalho desenvolvidos ao longo do tempo, nos quais o processo assumiu centralidade em relação ao resultado.

Nesse percurso, os docentes assumiram papel fundamental como mediadores culturais e linguísticos, responsáveis por traduzir as propostas do campeonato para seus contextos específicos, adequando-as às realidades das turmas, às diferentes etapas da Educação Básica e às singularidades dos estudantes surdos. As produções apresentadas revelaram não apenas os resultados finais das atividades, mas, sobretudo, os processos pedagógicos vivenciados nas escolas, tornando visíveis escolhas didáticas, modos de organização do trabalho coletivo e concep-

ções de educação bilíngue sensíveis às diferenças linguísticas, culturais e subjetivas.

O evento formativo e a cerimônia de premiação, realizados ao final desse percurso, assumiram, portanto, um papel de fechamento analítico e simbólico do campeonato. Ao reunir crianças, docentes, artistas, pesquisadores e representantes institucionais no espaço universitário, o evento promoveu a socialização das experiências desenvolvidas ao longo do semestre, ampliou a visibilidade das práticas pedagógicas construídas nas escolas e reafirmou o caráter formativo do campeonato, que ultrapassa a lógica estritamente competitiva para valorizar trajetórias, processos e aprendizagens coletivas.

A premiação das equipes vencedoras representou o reconhecimento institucional do trabalho pedagógico coletivo desenvolvido nas escolas, destacando a criatividade, o compromisso ético-político e a potência formativa das produções artísticas e literárias em Libras. Ao mesmo tempo, esse momento contribuiu para o fortalecimento das redes de colaboração entre universidade, escolas públicas e comunidade surda, reafirmando o #CasaLibras como uma iniciativa que articula, de modo integrado e contínuo, extensão universitária, pesquisa e formação docente.

Dessa forma, o evento de premiação configurou-se não apenas como encerramento formal do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, mas como um marco de síntese, visibilidade e projeção, ao consolidar aprendizagens construídas ao longo do semestre, fortalecer vínculos institucionais e reafirmar os princípios que sustentam o programa como referência nacional na promoção da arte, da literatura e da educação bilíngue de surdos.

Figura 24. Encerramento do evento.



Fonte: registro das autoras.

Considerações finais

Ao apresentar os bastidores do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, este capítulo evidenciou que a realização do evento se constituiu como um processo pedagógico, institucional e político de longa duração, iniciado antes mesmo da publicação do edital e sustentado por escolhas formativas que atravessaram todo o ano de 2025. A narrativa recuperou o percurso de planejamento do tema, iniciado em janeiro, e a consolidação pública da edição por meio de dois marcos formativos inaugurais – a pré-live de divulgação (05/08/2025) e

a live de abertura oficial do edital (07/08/2025) –, momentos em que se materializaram as redes de colaboração e a parceria institucional com o Ministério da Educação, via Dipebs, fortalecendo a agenda de apoio à educação bilíngue de surdos e à qualificação do ensino em Libras.

No plano conceitual, o capítulo registrou o desafio de articular, de modo coerente e sensível, território (Recife/Nordeste), gênero e raça, cultura afro-brasileira, marcadores culturais surdos e visualidade, tomando como eixo central a obra de Kilma Coutinho – artista surda pernambucana reconhecida pela técnica de colagem – e sua exposição no Museu do Homem do Nordeste, aspecto que tensionou criticamente desigualdades históricas no campo artístico e impulsionou a construção de uma proposta estético-política. Nesse contexto, destacaram-se a definição da história em quadrinhos como linguagem estruturante e a escolha do mascote CaLi como protagonista, resultando na criação do enredo *As Aventuras de CaLi – CaLi em Recife* e no acionamento do dispositivo narrativo dos "quadros perdidos", que orientou as produções das escolas.

O capítulo também sistematizou as ações de desenvolvimento técnico-pedagógico e de comunicação acessível que garantiram a execução nacional do campeonato, entre elas a elaboração e disponibilização do edital bilíngue (Libras/língua portuguesa), o desenho do conjunto de materiais disparadores (e-books, videogravações, materiais produzidos de forma inédita pelo #CasaLibras e materiais complementares) e a organização interna do programa, com divisão de trabalho entre equipes de idealização, mídia e edição, divulgação e identidade visual,

equipe pedagógica com liderança de educadores surdos, equipe de tradução e participação formativa de bolsistas dos cursos de Tilsp e Imagem e Som. Registraram-se, ainda, a produção da HQ em formato e-book (incluindo versão final com as produções vencedoras), a criação de animações do CaLi com uso de inteligência artificial – apoiada por protocolo específico de captura em Libras para espelhamento do personagem – e o cuidado em ampliar o alcance do material a públicos diversos, sem perder a centralidade da experiência visual surda.

No campo da literatura surda e da produção artística, o texto explicitou a criação da poesia *Eu, surda... vida que pulsa!*, concebida como obra inédita e como material formativo estruturante, com protagonismo de Yanna Porcino e participação colaborativa de Cláudio Mourão, em consonância com o gesto político-pedagógico de valorização das mulheres surdas e nordestinas. Foram descritos os processos de tradução, edição e construção do quadro digital em colagem como desfecho poético-visual, em diálogo direto com marcas estéticas da obra de Kilma Coutinho, bem como as decisões de linguagem sonora e visual (o pulsar do coração e a apresentação rítmica do título), compondo uma homenagem que levou simbolicamente a presença da artista às múltiplas escolas participantes.

O capítulo registrou ainda a realização de três videogravações técnicas disparadoras (trajetória e obra de Kilma; orientações formativas sobre a técnica de colagem; apresentação de obras autorizadas no contexto da exposição no Museu do Homem do Nordeste); além de oito encontros formativos síncronos em formato de lives, cobrindo todo o percurso do campeonato,

do pré-lançamento à divulgação dos vencedores, incluindo live específica de orientações para o evento presencial de 5 de dezembro de 2025. Destacou-se que a cerimônia de premiação foi transmitida on-line para garantir participação ampliada das escolas, articulada a um festival cultural infantil com teatro e apresentações artísticas no período da manhã, com disponibilização posterior de registros e sínteses no canal e no site do #CasaLibras.

Por fim, o capítulo sistematizou as ações de gestão e execução do evento, evidenciando critérios de contratação orientados por uma concepção de formação que integra cultura, ludicidade, acessibilidade e reconhecimento docente. Foram registradas a organização da programação em dois períodos (manhã voltada às crianças e tarde dedicada à escuta e valorização dos docentes vencedores), a viabilização logística de deslocamento e estadia dos premiados, a estrutura de acolhimento (alimentação e coffee breaks), a oferta de atividades culturais e recreativas (brinquedos, pipoca/algodão-doce, maracatu, oficinas), a produção de materiais institucionais do CaLi, a confecção de medalhas e troféus, a contratação de intérpretes de Libras e de serviços artísticos e técnicos, bem como a gestão administrativa e financeira realizada por intermédio da FAI-UFSCar, assegurando legalidade, transparência e adequação dos trâmites institucionais.

Assim, as ações registradas neste capítulo demonstram que o 4° Campeonato se configurou como um dispositivo estético-pedagógico complexo, sustentado por articulações institucionais, produção de materiais inéditos, formação continua-

da e culminância cultural acessível, reafirmando o #CasaLibras como iniciativa de referência nacional na educação bilíngue de surdos. Ao entrelaçar arte, literatura, visualidade e território, o campeonato consolidou uma prática coletiva que não apenas reconhece produções finais, mas valoriza processos, saberes docentes, protagonismo surdo e a diferença como potência criadora e constitutiva da experiência surda.

Figura 25. Professores vencedores do campeonato e equipe do #CasaLibras.



Fonte: registro das autoras.

Referências

COUTINHO, K.; REZENDE, P. Arte Surda Kilma Coutinho. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 51, p. 165-167, 30 jun. 2019. Disponível em: https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1561/1505. Acesso em: 4 fev. 2026.

FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros**. Curso dado no Collége de France (1982-1983). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LOPES, M. C. **Surdez e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOPES, M. C.; THOMA, A. da S. Subjectivation, normalisation et constitution de l'éthos sourd: politiques publiques et paradoxes contemporains. L**a nouvelle revue de l'adaptation et de la scolarisation**, [s. l.], v. 64, n. 4, p. 105-116, 2013. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-la-nouvelle-revue-de-l-adaptation-et-de-la-scolarisation-2013-4-page-105.htm. Acesso em: 4 fev. 2026.

MARTINS, V. R. de O.; LOPES, M. C.; NICHOLS, G. **Arte e literatura surda**: afectos visuais e expressividade poética em Libras. Campinas: Mercado de Letras, 2024.

MARTINS, V. R. de O.; TORRES, R. C.; SILVA, A. M. da; BENGTSON, C. **Nova Série "As aventuras de CaLi" – CaLi em Recife**: 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras. São Carlos: Edesp, 2025.

A arte dramatúrgica no campeonato: o teatro – As Aventuras de CaLi

Guilherme Nichols
Lucas Araújo da Silva

Introdução

Este capítulo tem como objetivo descrever uma experiência de atuação no espetáculo *As Aventuras de CaLi – CaLi em Recife*, realizado no contexto do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob coordenação da Profa. Dra. Vanessa Martins.

No início de 2025, fomos convidados a trabalhar na produção teatral, na atuação e na direção do espetáculo, compondo a programação do referido campeonato. Nesta edição, o tema proposto foi "CaLi em Recife". A experiência foi desenvolvida no âmbito da formação no Curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa (Tilsp), em articulação com a esfera artístico-cultural.

Nesse processo, foi feita uma releitura da história em quadrinhos *CaLi em Recife*. Para tanto, tivemos acesso aos materiais disparadores desenvolvidos em conjunto com a equipe do #CasaLibras. A partir deles, o processo de adaptação teatral foi conduzido com atores sinalizantes e com a participação de tradutores-intérpretes de Libras, de modo a compor o espetáculo como uma manifestação menor. Nesse percurso, o trabalho

teatral envolveu estudantes surdos e estudantes não surdos, que participaram do campeonato e acompanharam a apresentação.

A experiência foi organizada em quatro etapas: (1) pré-produção técnica; (2) ensaios técnicos; (3) montagem e afinação; e (4) ensaio geral e estreia. O registro da atividade ocorreu por meio de filmagem/gravação ao vivo no canal #CasaLibras, disponível em: https://youtu.be/Pf1fxk19YUg.

A experiência teatral, a nosso ver, foi atravessada por forças inventivas, numa abordagem filosófica em Deleuze e Guattari (2010). Essa percepção conceitual é afinada com a perspectiva da arte como potência. De certo modo, esta escrita ensaística busca compreender como os encontros atravessados por percepto e afectos operaram no interior de uma manifestação menor. Interessou-nos examinar de que modo essa experiência tornou possível fazer existir o espetáculo e, simultaneamente, reconfigurar a sensibilidade e o pensamento, tanto no corpo em cena quanto na relação com a plateia.

Nesse sentido, o espetáculo CaLi em Recife possibilitou trabalhar o conceito de manifestação menor, tal como formulado por Deleuze e Guattari (2010) e Nichols (2025), para os quais o "menor" pode ser compreendido como um modo de enunciação que, no interior de um campo majoritário, desterritorializa formas de expressão, constitui agenciamentos coletivos e produz efeitos micropolíticos imediatos. Nessa perspectiva, compreendemos os afectos como forças que atravessam corpo e plateia, e os perceptos como aquilo que permanece para além da experiência individual de quem assiste imagens-cena, ritmos e gestos que persistem como marcas do acontecimento teatral.

#CasaLibras: arte e poesia

O programa #CasaLibras aproxima arte, poesia e teatro. Nesse contexto, o 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras constitui uma ação de extensão universitária que busca fortalecer a produção literária em Libras e criar condições para que estudantes surdos, vinculados à educação bilíngue, participem de experiências formativas e competitivas. Ao participarem, desenvolvem estratégias para lidar com frustrações, persistem diante de desafios e ampliam a autonomia, compreendendo melhor o funcionamento de regras, limites e responsabilidades que atravessam a vida social.

Neste texto, focalizamos a dramaturgia como um percurso de criação que envolve pré-produção técnica, ensaios técnicos, montagem e afinação, ensaio geral e estreia. Ao longo dessas etapas, mostramos como arte e poesia são adaptadas ao teatro, articulando linguagem, estética e procedimentos técnicos.

Dessa forma, foi articulada a colaboração de dois profissionais de referência no teatro, com participação de ator surdo e diretor bilíngue: Guilherme Nichols e Luccas Araújo. Ao fazê-lo, reafirmaram-se o eixo artístico-teatral da iniciativa e o compromisso do campeonato com a valorização da arte e do teatro, por meio de condições de acessibilidade bilíngue, ampliando a participação do público e o acesso à fruição cultural.

Os atores e diretores tiveram acesso aos materiais do programa #CasaLibras, utilizados como referência para a construção cênica da peça a partir da narrativa em quadrinhos. No

processo de adaptação do enredo para o espetáculo, orientaram-se por diferentes materiais: (1) o quadrinho em formato PDF, (2) a animação da narrativa em quadrinhos e (3) o vídeo-poesia *Eu, surda... vida que pulsa!*, todos disponibilizados gratuitamente.

Figura 1. Materiais disparadores desenvolvidos pelo #CasaLibras.



Fonte: https://www.casalibras.ufscar.br/pt-br/campeonatos/4o-campeonato/materiais-disparadores-e-complementares.

O quadrinho *CaLi em Recife* acompanha a personagem CaLi, mascote surda sinalizante, em uma viagem ao Nordeste, centrada na cidade de Recife. A narrativa mobiliza deslocamentos sucessivos, observação de paisagens e referências culturais locais, culminando na visita a um espaço museal e no encontro com a artista plástica surda Kilma Coutinho, ampliando as referências culturais e artísticas mobilizadas na narrativa. A organização gráfico-sequencial privilegia quadros predominantemente visuais, ressaltando expressões faciais, gestualidade, direcionalidade do movimento e transições de cenário. Em um ponto de inflexão do enredo, CaLi passa a interagir com obras do museu, e instala-se um problema que demanda intervenção prática, associada à reorganização e à preservação dos materiais. O fecha-

mento do percurso acentua a experiência cultural, a curiosidade exploratória e a valorização de elementos regionais.

No plano audiovisual, o vídeo *CaLi em Recife* reconfigura a HQ como narrativa em movimento, preservando sua base gráfico-sequencial. A progressão narrativa estrutura-se por encadeamento de cenas e por marcadores de deslocamento que explicitam a trajetória da personagem (preparação/partida → chegada exploração cultural). Predominam estratégias visuais de direcionamento do olhar, alternância de planos, ênfase em elementos icônicos do lugar e sincronização entre transições de quadro e avanço dos eventos narrativos, o que reforça a visualidade como eixo de construção do sentido e favorece a compreensão por reconhecimento. O vídeo está disponível no YouTube, conforme indicado abaixo.

Figura 2. Animação da história em quadrinhos, à direita, QR Code que direciona ao vídeo no YouTube.



Fonte: https://youtu.be/5l_yNHbdWD0.

Por fim, quanto ao vídeo-poesia *Eu, surda... vida que pulsa!*, trata-se de uma criação inspirada na trajetória e na pro-

dução da artista surda nordestina Kilma Coutinho. Inicialmente, a coordenação do projeto convidou Cláudio Mourão para elaborar a poesia; contudo, ao reavaliar a proposta, consideraram mais coerente convidar uma mulher surda nordestina, de modo a aproximar autoria, lugar de fala e perfil da referência inspiradora. Assim, convidaram Yanna Porcino, por compreenderem que sua presença e atuação se alinhavam mais diretamente ao universo de Kilma, assumindo papel de protagonismo na performance.

No que se refere ao processo de criação, os poetas registram que não se tratou de um percurso simples: envolveu escolhas estéticas, negociações de sentido e desafios de composição, até alcançarem uma forma final consistente. Como resultado, a poesia mobilizou criatividade e engajamento, especialmente entre estudantes de escola bilíngue, que passaram a desenvolver atividades de colagem inspiradas em procedimentos e referências associadas ao trabalho de Kilma Coutinho.

A seguir, apresentamos, ainda que brevemente, a artista surda que inspira a proposta: Kilma Coutinho

Kilma Coutinho: Conhecer um pouco mais...

Na *Revista Espaço*, Kilma Marques Coutinho foi a artista convidada da seção *Galeria de Arte*, sob curadoria de Patrícia Rezende. Kilma é apresentada como artista visual surda pernambucana, e na matéria foram recuperados aspectos de sua trajetória, indicando que o interesse pelo desenho surgiu ainda na infância, com incentivo familiar e práticas recorrentes; posteriormente, a revista menciona a interrupção de um curso de

pintura por motivos financeiros e a retomada do aprendizado artístico com apoio de um amigo surdo com formação em arte.

No que se refere à produção, Kilma faz uso de diferentes técnicas, como tinta acrílica, aquarela, lápis e pastel seco, sendo este o último o mais priorizado pela artista à época. Como observação do conjunto apresentado, caracteriza-se sua poética visual como centrada em mãos e olhos, sob uma perspectiva surda (Coutinho; Rezende, 2019), na medida em que tais elementos evidenciam a centralidade da visualidade e da sinalização como formas de acesso à informação e ao conhecimento. Nesse enquadramento, mãos e olhos operam como marcas recorrentes de pertencimento e representação da comunidade surda.

Figura 3. Três obras de Kilma Coutinho com retratos femininos e elementos naturais – folhas e flores.



Fonte: Coutinho e Rezende (2019).

Na Figura 3, identificamos a presença recorrente de elementos da natureza – folhas e flores – e a explicitação de temas

como sociedade, mulher surda e língua de sinais. As folhas e flores como motivos insistentes são como signos de vida e renovação, articulados à dimensão identitária.

Em diálogo com Deleuze e Guattari (2010), propomos que tais elementos naturais podem ser compreendidos como operadores estéticos: produzem perceptos (cores, volumes, texturas e ritmos de queda e florescimento) e afectos (intensidades como delicadeza, transitoriedade, expansão e retração) que a obra conserva como sensação. Assim, não os tratam como símbolo psicológico, mas como forças sensíveis que permanecem no plano da composição e da experiência estética.

Ainda na Figura 3, descreve-se um encontro marcado por um detalhe recorrente: folhas e flores junto à orelha, como se a figura carregasse, nessa região, um pequeno jardim. Nesse arranjo, interpreta-se a "flor que nasce junto à orelha" como um percepto estável associado ao renascer identitário, à aceitação de ser pessoa surda e ao reconhecimento da língua de sinais como linguagem própria. Assinala-se, ainda, a proximidade estética com referências pictóricas atribuídas a Frida Kahlo, observável em escolhas de composição, temática e cores. Nessa direção, mobilizamos a leitura segundo a qual os "afetos, na perspectiva deleuze-guattariana, ultrapassam a sensação como mera impressão e se afirmam como potência criadora que mobiliza ação e deslocamento no sujeito" (Nichols, 2025, p. 67).

Ao final, a matéria enfatiza que a artista expressa o desejo de viver de arte e "sinaliza ser surdo" por meio da pintura, convidando o público a apreciar as obras apresentadas. Para além da apreciação, esse repertório visual inspira processos

de adaptação teatral e fundamenta materiais do campeonato, contribuindo para a circulação artístico-cultural da produção em diferentes suportes. Na sequência, desenvolvemos uma análise teórico-prática do processo cênico, examinando afectos e perceptos no acontecimento teatral.

Construção do teatro As aventuras de CaLi

Conforme o Censo Demográfico 2010 do IBGE, a deficiência auditiva acometia 9,7 milhões de pessoas no Brasil (Brasil, 2010). Nesse sentido, garantir o acesso ao teatro em igualdade de condições configura-se como exigência constitucional, à luz do art. 215 da Constituição Federal, que assegura o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes da cultura nacional (Brasil, 1988). Trata-se, ainda, de compromisso reafirmado pela Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015), ao orientar a eliminação de barreiras e a promoção de acessibilidade também na vida cultural, inclusive por meio de recursos de comunicação quando necessários (Brasil, 2015).

No âmbito do 4º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, a coordenação convidou os dois autores deste texto para colaborar com a proposta, sendo um ator surdo e um diretor bilíngue. Ambos possuem trajetória na área de teatro e integraram a circulação do espetáculo Dois Perdidos: A língua não dita numa relação, em 2025, sob direção de Leo, com apresentações em diferentes cidades, como São Carlos-SP, Araraquara-SP e Aracaju-SE.

Para alinhar o processo de criação do teatro *CaLi em Recife*, reunimo-nos inicialmente para leitura e discussão dos ma-

teriais-base do #CasaLibras, com destaque para a história em quadrinhos, tomada como referência para a adaptação cênica. Coube à direção conduzir o trabalho de transposição do texto, definindo cortes, reorganizações e a estruturação das cenas, de modo a favorecer a construção dramatúrgica e a coerência do espetáculo.

Ao longo de diversas reuniões com estudantes do Tilsp, construímos coletivamente a adaptação do texto teatral. Em cada encontro, desenvolvemos atividades voltadas ao estudo de personagens, aquecimento corporal, exercícios de criação e experimentações de cenas, consolidando gradualmente escolhas de linguagem, ritmo e composição cênica. Na sequência, relatamos a experiência, organizada em quatro etapas.

1. Pré-produção técnica. Nessa etapa, delimitamos papéis e responsabilidades no processo criativo. A direção definiu a visão de encenação, orientando a leitura e a interpretação da história, bem como a estética do espetáculo, em diálogo com a adaptação dramatúrgica. O ator, por sua vez, contribuiu para conferir presença corporal, tempo cênico e escolhas expressivas à personagem, assegurando consistência interpretativa e densidade afetiva em cena. Ainda nessa etapa, a direção realizou estudos de referência relacionados ao povo nordestino, às mulheres e à cultura da região, bem como a repertórios vinculados ao movimento artístico surdo, com o objetivo de sustentar a construção do texto teatral e da proposta de cena. Nesse enquadramento, tratamos o texto teatral como escrita orientada à representação, organizada por ações

e relações em cena, com centralidade no diálogo e na composição físico-espacial do acontecimento cênico.

2. Ensaios técnicos. A segunda etapa concentrou-se nos ensaios técnicos, realizados no auditório do Núcleo de Apoio à Pesquisa (NAP) da UFSCar, com a participação de integrantes do curso de Tilsp. Os ensaios ocorreram duas vezes por semana, com duração de duas horas. Nessa fase, revisamos o roteiro, ajustamos as sinalizações, organizamos efeitos sonoros e iluminação, definimos a disposição do cenário e a utilização dos figurinos. Também cronometramos o tempo de execução das cenas, a fim de estimar a duração total do espetáculo e organizar a progressão dos atos. Ao longo do processo, a direção apresentou orientações, sobretudo quanto à montagem do cenário, à iluminação e aos efeitos sonoros, visando qualificar a clareza e a coerência da composição cênica.

3. Montagem e afinação. A terceira etapa abrangeu a montagem do cenário no Anfiteatro Bento Prado Júnior (UFSCar), sobre palco de madeira, com composição frontal e leitura clara para o público. Ao fundo, foi instalado um painel cênico formado por faixas verticais de tecido em cores variadas, com fitas e serpentinas pendentes, produzindo textura, movimento e uma ambiência associada à cultura nordestina, conforme indicado na Figura 4, a seguir.

Figura 4. Vista geral do palco do Anfiteatro Bento Prado Júnior (UFSCar), com fundo cênico colorido, duas cadeiras e telas laterais de projeção.



Fonte: acervo do #CasaLibras.

No centro do palco, posicionamos duas cadeiras vermelhas, que estruturam a área principal de ação e diálogo. Nas laterais, à direita e à esquerda, foram colocadas duas telas de projeção, integrando recursos audiovisuais ao espaço cênico; em determinado momento, foi projetado o vídeo em que CaLi entra no avião e viaja ao Nordeste, conforme link indicado abaixo.

Figura 5. Personagem CaLi em versão animada, enquadrado pela janela de um avião; à direita, QR Code que direciona ao vídeo no YouTube.



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=vra8fsXskWA.

Na frente do palco, distribuíram-se refletores de piso e pequenos elementos de cena, como vasos com árvores, folhas e flores, acionados como referência à pintura da artista surda homenageada. Além disso, incluiu-se um guarda-chuva colorido, mobilizado como signo cênico associado ao frevo, à dança e à música.

Figura 6. Cena do espetáculo *CaLi em Recife*, com elenco em palco, iluminação cênica colorida e participação do público.



Fonte: acervo do #CasaLibras.

6. Ensaio geral. A quarta etapa correspondeu ao ensaio geral, realizado duas vezes por semana, com a participação de todos os integrantes. Nessa fase, organizamos os encontros em dois momentos: (i) produção e ajustes do cenário e (ii) ensaio de atuação. Além disso, dividimos o espetáculo por atos e consolidamos procedimentos de cena, incluindo jogo de memória, marcação de espaço e incorporação improvisada dos personagens.

A seguir, apresentamos alguns atos do espetáculo, descrevendo suas principais ações e escolhas cênicas.

Apresentação da peça teatral

Durante a apresentação, distribuímos as funções de modo a contemplar: (i) efeitos sonoros e vídeos (discente); (ii) iluminação (discente/diretor); e (iii) figurino e organização do cenário (todos os discentes). Embora o espetáculo se organizasse em diversos atos, destacaram CaLi como personagem protagonista; os demais participantes assumiram personagens como literatura, arte, jacarés, vendedor e curadoria.

A peça teatral foi apresentada no 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, na UFSCar, em 5 de dezembro de 2025, no contexto de anúncio e entrega da premiação de participação do campeonato. A apresentação teve duração aproximada de 35 a 40 minutos e contou com público majoritariamente composto de estudantes de escola bilíngue, além de profissionais e estudantes de diferentes municípios, totalizando cerca de 300 pessoas.

Quanto à recepção, registramos feedback positivo, pois o público demonstrou alegria, risos e envolvimento ao longo da apresentação. Após o espetáculo, alguns estudantes, especialmente, buscaram se aproximar para abraçar e tirar fotos com CaLi, mascote surda sinalizante. Interpretamos esse momento como significativo, uma vez que muitos estudantes haviam acompanhado, ao longo do semestre, a proposta do campeonato e puderam, então, reconhecer e vivenciar de perto a personagem, ampliando a compreensão e o vínculo com o projeto.

No primeiro ato, apresentamos a realidade de CaLi: ao entrar em cena, a personagem é acolhida por duas figuras adultas responsáveis por seus cuidados – Literatura e Arte –, que estão assistindo à televisão. Nesse momento, CaLi, como personagem sinalizante, integra a plateia à ação cênica e convoca o público a imitar uma sequência de sinais ("1", "2" e "3"), com o objetivo de "assustar" Literatura e Arte em cena, produzindo interação, humor e participação imediata.

Percebemos que a plateia, composta de surdos e ouvintes, participou com muita alegria e imitou os sinais "1", "2" e "3". Esse momento evidenciou a importância de integrar a língua de sinais ao espetáculo, pois isso amplia as condições de participação, a dimensão de pertencimento e a compreensão da cena.

Figura 7. Ato 1 – CaLi assustou Literatura e Arte.



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=UDulWUuNuQc.

Entretanto, no Brasil, diversos espaços teatrais ainda não estão preparados para garantir o acesso de pessoas surdas e de outras pessoas com deficiência, seja pela ausência de recursos em Libras, seja pela persistência de barreiras comunicacionais e estruturais. Nichols (2016) afirma que o contato com a Libras é fundamental para que crianças surdas desenvolvam fantasia, criatividade e compreensão de ideias, bem como para a construção de conhecimentos.

No Ato III, CaLi demonstra curiosidade sobre o destino da viagem quando as personagens Literatura e Arte apresentam o sinal referente a Pernambuco. Nesse momento, CaLi interpreta o sinal como "jacaré" e confunde o referente, tomando-o como se fosse o nome da cidade Recife. A cena explora essa ambiguidade como recurso cômico e pedagógico, evidenciando processos de construção de sentido em Libras e engajando a plateia pela via do humor e da identificação.

Figura 8. Ato III – CaLi em destaque e personagens "jacarés" em ação no palco.



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=UDulWUuNuQc.

No último ato, CaLi convidou a plateia a dançar, mobilizando referências da cultura nordestina. Com a música, acionamos um recurso de cena que estourou e liberou confetes, produzindo uma marca visual, cujo objetivo foi tornar o acontecimento imediatamente compreensível e compartilhável. Desse modo, o público passou a dançar, favorecendo a participação de pessoas surdas e evitando que se sentissem à margem da experiência coletiva.

Figura 9. Cena final da apresentação teatral *As Aventuras de CaLi*, marcada pela presença conjunta do elenco em um momento de dança e celebração com o público.





Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=UDulWUuNuQc.

Nesse momento, CaLi, em dança e sinalização, realiza uma performance que retoma a narrativa do espetáculo e reafirma o percurso da personagem em sua viagem a Recife, articulando corpo, ritmo e visualidade como modos de narrar e envolver a plateia.

Conclusão

A experiência relatada demonstra a relevância de práticas artístico-pedagógicas que aproximam a formação em Tilsp, a cultura e a extensão universitária, produzindo repertórios de fruição cultural acessível em Libras. Ao organizar a criação em etapas (pré-produção, ensaios técnicos, montagem/afinação e ensaio geral/estreia), consolidaram-se procedimentos de cena que favorecem clareza visual, participação e pertencimento.

Como desdobramento, indicamos a necessidade de ampliar componentes curriculares e ações formativas na esfera da arte e da cultura, uma vez que, no processo de ensaios, identificamos dificuldades entre estudantes do Tilsp, sobretudo no trabalho com práticas artísticas e com a linguagem teatral. Nesse sentido, a universidade, enquanto instituição pública, mantém compromisso com a comunidade surda e deve fortalecer iniciativas que sustentem a criação e a circulação de produções bilíngues.

Por fim, reafirmamos a urgência de implementar e ampliar políticas e infraestruturas de acessibilidade nos espaços teatrais, bem como de consolidar circuitos de veiculação de espetáculos bilíngues, de modo que crianças surdas e ouvintes possam compartilhar experiências culturais em condições de equidade.

Referências

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, p. 1, 5 out. 1988.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, p. 2, 7 jul. 2015.

COUTINHO, K. M.; REZENDE, P. Arte Surda Kilma Coutinho. **Revista Espaço**: periódico científico do Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, n. 51, p. 267-278, 2019. Disponível em: https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1561. Acesso em: 4 mar. 2026.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

FORNARI, Rodrigo Vecchio. CaLi em Recife. In: **#CasaLibras**. [Animação da história em quadrinho, 5m21s]. São Carlos: UFSCar, 2023. Disponível em: https://youtu.be/5l_yNHbdWD0 Acesso em: 04/03/2026

MARTINS, Vanessa Regina de Olivera; TORRES, Regina Célia; SILVA, Marques Anderson; BENGTSON (org.). **Nova série 'As aventuras de CaLi'** - CaLi em 4º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras. Documento eletrônico, São Carlos; EDESP-UFSCar, 2025. 20p.

NICHOLS, G. **Literatura Surda**: além da língua de sinais. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

NICHOLS, G. **Além da Literatura Surda**: a sinalização menor como potência criativa no uso da língua brasileira de sinais. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2025.

Nossa protagonista: a arte de Kilma Coutinho e sua travessia pelo Campeonato #CasaLibras

Kilma Coutinho

Introdução

Este capítulo apresenta a trajetória artística e identitária da artista visual surda Kilma Coutinho, tomando como eixo central sua participação no 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras. A escrita assume o formato de um relato analítico-reflexivo, no qual experiência vivida, reflexão teórica e análise crítica se entrelaçam a partir do lugar que ocupo enquanto mulher surda, artista visual e agente cultural comprometida com a valorização da cultura surda e da língua brasileira de sinais (Libras).

Minha produção artística nasce da experiência surda como modo singular de perceber, interpretar e significar o mundo. A visualidade, o corpo e os símbolos associados à surdez constituem elementos estruturantes de minhas obras, que buscam tensionar discursos historicamente marcados pela medicalização, pelo ouvintismo e pela compreensão da surdez como deficiência. Nesse sentido, a arte apresenta-se não apenas como expressão estética, mas como estratégia de resistência, afirmação identitária e produção de conhecimento.

A obra *Orelha Saiu Flor* configura-se como um dos marcos centrais dessa trajetória. A imagem da orelha transformada em flor opera como metáfora visual da ressignificação da surdez enquanto potência, crescimento e beleza, deslocando sentidos historicamente associados à falta, à correção ou ao silenciamento. Ao transformar a orelha – símbolo recorrente de estigmatização – em flor, a obra afirma a identidade surda como diferença cultural e linguística, inscrita no campo da arte contemporânea e da estética surda.

Figura 1. *Retrato em azul e vermelho.*



Fonte: acervo pessoal.

Figura 2. *Dois retratos, universo.*



Fonte: acervo pessoal.

O convite para integrar o 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras insere-se em um conjunto mais amplo de ações voltadas à valorização das práticas culturais surdas, das expressões artísticas de mulheres e das múltiplas identidades que compõem a cultura do povo do Sertão e do Nordeste brasileiro. O campeonato constitui-se como um espaço formativo, artístico e político que reconhece a Libras como língua de criação, mediação pedagógica e produção de sentidos, assegurando o acesso linguístico e cultural da comunidade surda.

Nesta edição, o campeonato incentiva práticas pedagógicas significativas que articulam arte, literatura surda e direitos humanos, com ênfase nos direitos linguísticos e culturais, nas questões étnico-raciais e no reconhecimento de grupos histori-

camente minorizados. A valorização da diversidade regional e cultural brasileira apresenta-se como eixo estruturante das propostas desenvolvidas, reafirmando o compromisso do #CasaLibras com uma educação inclusiva, crítica e socialmente situada.

A proposta intitulada *As Aventuras de CaLi*, com o tema *CaLi em Recife*, apresenta uma jornada artístico-literária inspirada tanto em minha trajetória, enquanto artista visual surda nordestina, quanto na potência criativa da poeta surda Yanna Porcino, também nordestina. Em parceria com o poeta surdo Cláudio Mourão, Yanna criou uma poesia inédita inspirada em minhas obras visuais, evidenciando a centralidade da experiência visual surda, o protagonismo feminino, a riqueza cultural e ambiental do Nordeste e a diversidade étnico-racial do Brasil.

Educadores de diferentes regiões do país, atuantes na Educação Básica, foram convidados a desenvolver, junto a seus alunos surdos, atividades pedagógicas bilíngues que resultaram em produções artísticas no formato de colagem, conforme orientações do edital do campeonato. Essa proposta reafirma a arte e a literatura surda como experiências pedagógicas acessíveis, inclusive em níveis iniciais de ensino, estimulando a criatividade, a participação estudantil e o enfrentamento de desafios artísticos de forma inclusiva e significativa.

Dessa forma, este capítulo tem como objetivo analisar e refletir sobre minha travessia artística no âmbito do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, considerando os sentidos pedagógicos, estéticos, artísticos e políticos mobilizados ao longo dos processos de criação, circulação e recepção das obras apresentadas. A escrita parte de uma perspectiva auto-

ral e situada, reconhecendo a experiência vivida como fonte legítima de produção de conhecimento artístico, pedagógico e acadêmico.

A arte surda, compreendida como campo em expansão, afirma-se pela centralidade da visualidade, do corpo e da língua de sinais enquanto elementos constitutivos da criação estética. Nesse contexto, o campeonato configura-se como espaço de legitimação dessas produções, ao promover visibilidade, protagonismo e reconhecimento das autorias surdas em diálogo com a educação, a arte e a pesquisa. Assim, este capítulo integra o livro coletivo como contribuição crítica e sensível à consolidação de narrativas plurais, comprometidas com os saberes, as artes e as línguas das comunidades surdas.

Desenvolvimento do relato

Arte surda, visualidade e experiência vivida

Minha produção artística emerge da experiência surda como forma singular de perceber, interpretar e significar o mundo. Diferentemente de perspectivas centradas na oralidade e na escuta, a arte surda ancora-se na visualidade, no corpo e na experiência sensorial como dimensões constitutivas da linguagem e da produção de sentido. A criação artística, nesse contexto, torna-se espaço de elaboração simbólica das vivências surdas e de enfrentamento de discursos hegemônicos que historicamente associaram a surdez à deficiência, à falta ou à inadequação.

Enquanto mulher surda e artista nordestina, minha trajetória é atravessada por múltiplas camadas identitárias que se inscrevem no campo da arte. O corpo surdo, marcado por gestos,

expressões e modos próprios de comunicação, ocupa centralidade em minhas obras, não como objeto de exotização, mas como lugar de enunciação estética e política. A visualidade, compreendida como eixo estruturante da cultura surda, orienta escolhas cromáticas, composições e símbolos que dialogam com a memória, a identidade e a coletividade.

No âmbito do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, essa dimensão da experiência vivida ganhou visibilidade ampliada. O campeonato constituiu-se como espaço no qual a arte surda pôde circular a partir de seus próprios referenciais culturais, sem subordinação a traduções ou adaptações que descaracterizassem seus sentidos. A acessibilidade plena em Libras e o reconhecimento das autorias surdas favoreceram a construção de um ambiente formativo, acolhedor e politicamente comprometido com a diversidade linguística.

A obra Orelha Saiu Flor como narrativa estética e política

A obra *Orelha Saiu Flor* ocupa lugar central em minha poética visual e foi uma das referências fundamentais para minha participação no campeonato. A imagem da orelha transformada em flor constitui uma metáfora visual que expressa a ressignificação da surdez enquanto potência, crescimento e afirmação identitária. Historicamente associada à ausência, à correção médica ou ao silenciamento, a orelha é reconfigurada como elemento de vida, beleza e resistência.

Essa transformação simbólica nasce de vivências pessoais e coletivas, articulando memória, aceitação e enfrentamento do ouvintismo. Ao ocupar o espaço do campeonato, a imagem

da orelha-flor assume também um caráter político, pois confronta narrativas medicalizantes e capacitistas ainda presentes nos campos da arte, da educação e da saúde. A obra desloca o olhar do déficit para a diferença cultural, afirmando a surdez como identidade legítima e produtora de sentidos estéticos.

No contexto do campeonato, *Orelha Saiu Flor* ultrapassou o espaço expositivo e passou a integrar processos pedagógicos mediados pela Libras. Educadores e estudantes surdos reinterpretaram a obra por meio da técnica da colagem, criando novas narrativas visuais a partir de suas próprias experiências. Esse movimento ampliou o alcance simbólico da obra, transformando-a em dispositivo pedagógico, artístico e cultural, capaz de fomentar reflexões sobre identidade, pertencimento e direitos linguísticos.

O Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras como espaço de travessia

A participação no 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras configurou-se como uma verdadeira travessia artística, pedagógica e política. O convite para integrar a proposta *As Aventuras de CaLi – CaLi em Recife* possibilitou o encontro entre diferentes linguagens artísticas surdas, como a poesia em Libras, a produção visual e as práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação Básica.

A parceria com a poeta surda Yanna Porcino e com o poeta surdo Cláudio Mourão evidenciou a potência da criação coletiva no campo da arte surda. A poesia inédita criada a partir de minhas obras visuais reafirma a centralidade da experiência visual, o protagonismo feminino surdo e a riqueza cultural e am-

biental do Nordeste brasileiro. Essa interlocução entre imagem e poesia fortalece a compreensão da arte surda como campo interlinguístico e interdisciplinar.

Além disso, o envolvimento de educadores de diferentes regiões do país ampliou o alcance do campeonato, permitindo que estudantes surdos participassem ativamente dos processos de criação artística. A técnica da colagem, escolhida como linguagem acessível e inclusiva, possibilitou a expressão de subjetividades, narrativas territoriais e identidades plurais, mesmo em contextos educacionais com recursos limitados.

O campeonato, ao articular arte, educação e direitos humanos, afirma-se como espaço de legitimação das produções surdas e de fortalecimento da cultura visual.

Para mim, enquanto artista visual surda, essa experiência reafirmou o sentido político da arte como instrumento de transformação social, de construção de pertencimento e de ampliação dos espaços de autoria surda nos campos acadêmico e cultural.

Análise da experiência

Dimensão pedagógica

Sob a perspectiva pedagógica, o Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras evidencia a arte como prática formativa, emancipadora e culturalmente situada. Ao reconhecer a Libras como língua de mediação pedagógica e a visualidade como eixo estruturante das propostas, o campeonato rompe com modelos educacionais centrados na oralidade e amplia as

possibilidades de aprendizagem para sujeitos surdos.

A experiência de ver minhas obras circulando em contextos educacionais, sendo reinterpretadas por estudantes surdos por meio da colagem, reafirma a potência da arte surda como dispositivo pedagógico acessível, inclusive em níveis iniciais de ensino. As produções realizadas pelos alunos não se limitaram à reprodução estética, mas se configuraram como narrativas visuais autorais, atravessadas por suas vivências, territórios e identidades.

Nesse sentido, o campeonato contribui para práticas educativas que valorizam o protagonismo estudantil, a criatividade e o pensamento crítico. A arte deixa de ocupar um lugar periférico no currículo e passa a ser compreendida como linguagem legítima de produção de conhecimento, fortalecendo processos educativos bilíngues e culturalmente responsivos às especificidades da comunidade surda.

Dimensão artística e estética

No campo artístico e estético, o campeonato reafirma a arte surda como um campo autônomo de criação, dotado de linguagens, símbolos e narrativas próprias. Minhas obras foram acolhidas e interpretadas a partir de sua visualidade e de sua relação com a experiência surda, sem a necessidade de mediações que descaracterizassem seus sentidos. Esse reconhecimento fortalece a estética surda como expressão coletiva, situada histórica e culturalmente.

A centralidade da visualidade, do corpo e da língua de sinais na produção artística surda desloca paradigmas tradicio-

nais da arte, frequentemente baseados na sonoridade e na oralidade. No campeonato, a experiência estética foi construída a partir de referenciais surdos, possibilitando um diálogo horizontal entre artistas, educadores e estudantes que compartilham uma experiência visual do mundo.

A obra *Orelha Saiu Flor*, ao ser ressignificada em diferentes contextos e linguagens, evidencia a capacidade da arte surda de gerar múltiplas leituras e sentidos. A estética aqui não se limita à forma, mas envolve também os processos, as relações e os afetos mobilizados ao longo da criação e da circulação das obras. Trata-se de uma estética comprometida com a afirmação da diferença e com a construção de novas narrativas visuais sobre a surdez.

Dimensão política

Do ponto de vista político, participar do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras significa ocupar espaços historicamente negados às pessoas surdas nos campos da arte, da educação e da produção acadêmica. A autoria surda, especialmente de mulheres surdas, ainda enfrenta barreiras estruturais que limitam o reconhecimento e a visibilidade de suas produções.

Ao afirmar minha autoria enquanto mulher surda e artista visual, reivindico o direito de narrar minha própria história e de produzir conhecimento a partir de minha experiência. Essa afirmação constitui um ato político de enfrentamento do capacitismo, do ouvintismo e das práticas excludentes que ainda marcam as instituições culturais e educacionais.

O campeonato, ao garantir acessibilidade plena em Libras e ao valorizar as produções surdas em seus próprios termos, contribui para a construção de políticas culturais mais inclusivas e democráticas. A experiência vivida no campeonato reforça a compreensão da arte surda como prática estética, ação pedagógica e posicionamento político, capaz de ampliar espaços de participação, fortalecer identidades e promover transformações sociais.

Assim, a análise da experiência no campeonato evidencia que a arte surda não se restringe à expressão individual, mas se configura como movimento coletivo de resistência, pertencimento e afirmação cultural. Participar desse espaço significa contribuir para a consolidação de narrativas plurais e para o reconhecimento da cultura surda como parte constitutiva da diversidade brasileira.

Considerações finais

A participação no 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras representou um marco significativo em minha trajetória enquanto artista visual surda, mulher e agente cultural. A experiência vivida no campeonato reafirmou a potência da arte surda como prática estética, ação pedagógica e posicionamento político, evidenciando que a produção artística surda constitui um campo legítimo de criação e de produção de conhecimento.

Ao longo deste capítulo, buscou-se articular experiência vivida, reflexão teórica e análise crítica a partir de uma perspectiva autoral e situada. A obra *Orelha Saiu Flor*, tomada como eixo da narrativa, revelou-se não apenas como expressão esté-

tica individual, mas como símbolo coletivo de ressignificação da surdez enquanto diferença cultural e linguística. Sua circulação no campeonato, especialmente por meio de práticas pedagógicas mediadas pela Libras e pela técnica da colagem, ampliou seus sentidos e fortaleceu seu caráter educativo e político.

Do ponto de vista pedagógico, o campeonato demonstrou que práticas educativas ancoradas na visualidade, na arte e na Libras favorecem processos de aprendizagem mais significativos para estudantes surdos. A valorização do protagonismo estudantil e das produções artísticas autorais contribui para a construção de uma educação bilíngue que reconhece as especificidades culturais e linguísticas da comunidade surda, rompendo com modelos excludentes e assimilacionistas.

No campo artístico e estético, o campeonato reafirmou a estética surda como expressão coletiva, dotada de linguagens, símbolos e narrativas próprias. O reconhecimento das produções visuais surdas a partir de seus próprios referenciais culturais fortalece a autonomia artística e amplia os espaços de visibilidade para artistas surdos, especialmente mulheres surdas, historicamente invisibilizadas nos circuitos da arte e da academia.

Politicamente, ocupar o espaço do campeonato significa afirmar o direito à autoria, à representação e à produção de saberes a partir da experiência surda.Trata-se de um gesto de resistência frente ao ouvintismo e ao capacitismo ainda presentes nas instituições culturais e educacionais. Ao promover acessibilidade plena em Libras e valorizar as produções surdas, o campeonato contribui para a construção de políticas culturais e

educacionais comprometidas com a diversidade linguística, regional e identitária do Brasil.

Ao integrar este livro coletivo, o presente capítulo dialoga diretamente com os saberes, as artes, as literaturas e a Libras como campos indissociáveis da formação humana e da produção de conhecimento. A experiência relatada reafirma a importância de iniciativas como o Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras para a consolidação da arte surda como campo acadêmico, pedagógico e cultural, abrindo caminhos para que novas gerações de artistas surdos possam criar, se expressar e ocupar espaços de autoria com autonomia, reconhecimento e pertencimento.

Tradução do edital do 4º Campeonato do #CasaLibras: para além de um produto, um processo formativo

Ityara Aguiar da Silva Pinto Girke
Yasmin Corrêa dos Santos
Liandra Kamila da Fonseca
Giulia de Oliveira Carmo
Patrick Luciano de Oliveira
César Augusto Girke

Introdução

As ações do #CasaLibras nasceram no período da pandemia, com o desejo de oferecer entretenimento e desenfadamento para crianças surdas, que viviam a fase do isolamento social. O Programa tem um canal no YouTube[1] que disponibiliza histórias bilíngues, em língua brasileira de sinais (Libras) e língua portuguesa, as quais até hoje recebem visualizações e participações de crianças surdas e ouvintes.

A fim de continuar promovendo a Libras e o protagonismo da pessoa surda, o Programa criou, enquanto atividade, o "Campeonato Artístico-Literário", no qual a equipe #CasaLibras convida escolas e associações de surdos a participarem, produzindo atividades educativas com base em obras ligadas ao

[1] https://www.youtube.com/@CasaLibrasUFSCar.

tema da edição do campeonato. Para fins de organização, o campeonato é dividido por categorias de acordo com as etapas de ensino da Educação Básica, e, para garantir o entendimento de todos os participantes, o #CasaLibras divulga previamente o período em que abrirá as inscrições.

Nesse período, foram realizadas algumas lives informativas e formativas. Além disso, os materiais norteadores e o edital oficial foram disponibilizados de forma bilíngue, a fim de suprir dúvidas e esclarecer o processo de execução das atividades realizadas pelas escolas e/ou associações participantes. Os critérios de avaliação e de seleção das atividades vencedoras em cada categoria também foram divulgados de forma bilíngue (via edital e lives informativas), além da live de divulgação dos vencedores, que é sempre um evento muito esperado pelos participantes surdos de todo o país.

Sendo assim, um dos trabalhos essenciais para o acontecimento do Campeonato Artístico-Literário é a garantia de que todos os materiais estejam acessíveis em Libras. Por ser a comunidade surda o principal foco de público, o edital, que a princípio foi redigido em língua portuguesa, foi pensado e adequado para a Libras, para que educadores surdos pudessem acompanhar as informações por meio de sua língua matriz (Soler; Martins, 2024), assegurando o "direito social e linguístico da comunidade surda" (Nascimento; Nogueira, 2019, p. 106).

Os produtos construídos pela equipe de tradução desta edição do Campeonato podem ser acessados no site do programa[2]. No entanto, algo que não se pode mensurar em imagens e

[2] https://www.casalibras.ufscar.br/pt-br.

números é o impacto formativo que essas traduções trouxeram aos tradutores e intérpretes em língua de sinais (TILS) envolvidos. Assim, o presente relato de experiência tem como objetivo expor como se deu o processo de tradução do edital do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras e, para além disso, explanar como esse desafio foi visto como um processo formativo na vida de cada integrante.

Sobre o 4º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras e a tradução do edital

O Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras tem ganhado, a cada edição, maior relevância e notoriedade no âmbito da língua brasileira de sinais, da comunidade surda e da educação brasileira. Em 2025, o 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras inaugurou a nova série As aventuras de CaLi, e o tema escolhido foi "CaLi em Recife"[3].

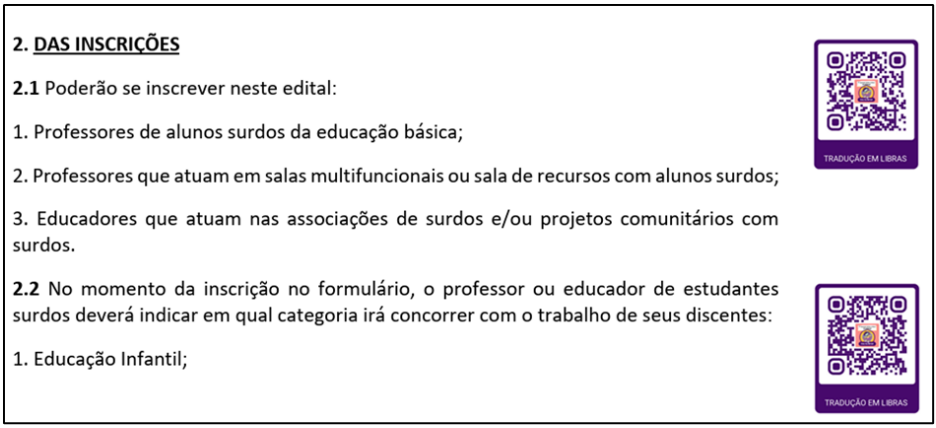
O processo de produção dos materiais começou muito antes das gravações dos vídeos. A equipe geral do #CasaLibras reuniu-se para estipular o calendário para a divulgação do edital, abertura das inscrições, a divisão dos grupos/modalidades que iriam concorrer, possíveis datas das lives de divulgação do campeonato etc. Isso, claro, sem levar em conta o trabalho que já havia sido feito anteriormente para a produção da História em Quadrinhos *CaLi em Recife* e a participação dos poetas e artistas surdos Cacau Mourão, Yanna Porcino e Kilma Coutinho,

[3] As aventuras de CaLi em Recife e os materiais disparadores podem ser acessadas no site do #CasaLibras: https://www.casalibras.ufscar.br/pt-br/campeonatos/4o-campeonato/materiais-disparadores-e-complementares.

os quais produziram os materiais disparadores das atividades que seriam realizadas pelos grupos participantes.

Com o calendário em mãos, começou a corrida contra o tempo para que o edital pudesse ser divulgado de forma bilíngue. Assim, a equipe de tradução do edital começou seu trabalho.

Figura 1. Como ficou o edital bilíngue na divulgação.



Fonte: site institucional do #CasaLibras https://www.casalibras.ufscar.br/pt-br/assets/arquivos/edital_4_campeonato_casalibras_editado_qr_code_assinado_210825.pdf.

Dessa forma, o edital poderia ser acessado por educadores ouvintes em língua portuguesa e por educadores surdos em Libras, pois, conforme Nascimento e Nogueira (2019, p. 106), "Se quisermos, de fato, incluir as pessoas surdas nas sociedades majoritárias é preciso defender e promover a circulação dessa língua nas mais diversas esferas de atividade humana, dentre elas, as mídias audiovisuais".

Convém, no entanto, salientar que uma das principais características da equipe que trabalhou nessa tradução é a fraternidade entre os participantes, o que trouxe maior facilidade no processo de construção de uma sinalização clara e objetiva, levando em conta o público a ser atingido. Apesar de cada integrante assumir a responsabilidade pela sinalização/gravação de um trecho para fazer a interpretação, a construção foi feita a muitas mãos.

Entretanto, neste artigo, não se pretende apenas divulgar um produto final realizado com as traduções dos materiais pertinentes ao 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras; a intenção aqui é expor o percurso formativo envolvido no processo tradutório e mostrar sua importância para o aperfeiçoamento das práticas tradutórias de TILS que já atuam de forma profissional e para aqueles que estão em formação inicial também.

Conhecendo os integrantes do grupo de tradução

A equipe de tradução do edital e das ações do 4° Campeonato foi composta de dois profissionais TILS – servidores federais, membros do Programa #CasaLibras, ambos com mais de 20 anos de experiência na língua brasileira de sinais e interpretação em diversas esferas – e de um grupo de jovens intérpretes em formação inicial – alunos do curso de Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa (TILSP) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Durante as ações do presente campeonato, três graduandos estavam no 4° ano do curso (já matriculados na disciplina de Estágio Supervisionado III) e uma aluna estava no 2° ano de sua formação acadêmica.

Assim, o processo de tradução do edital e das lives informativas não foi apenas um espaço de tradução, mas, sim, um ambiente formativo tanto para os intérpretes em formação quanto para os mais experientes. Isso porque

> Compreende-se que a troca entre pares beneficia o processo de desenvolvimento e aprendizagem e a reflexão sobre a prática, individual, mas principalmente em colaboração, favorece um olhar avaliativo prospectivo em processos de interação em que a cooperação se estabelece nas ações de mediação entre pares (Giamlourenço, 2021, p. 159).

Eis a razão deste relato de experiência: mostrar para os leitores deste texto e espectadores dos vídeos construídos que a formação de um profissional nunca é estanque, nunca cessa. Todo sujeito está em constante formação, e as relações tecidas diante de um desafio como o de entregar um produto como um edital bilíngue trazem consigo momentos e instrumentos valiosos para o crescimento pessoal e profissional.

Por isso, pedimos licença ao leitor para que, em alguns momentos, possamos escrever em primeira pessoa a redação deste texto, a fim de aproximar a leitura de nossa experiência sobre o trabalho em conjunto realizado para o cumprimento de tal tarefa.

Dessa forma, apresentamos, a seguir, os integrantes da equipe de tradução.

Inicialmente, enquanto integrante da equipe audiovisual do projeto #CasaLibras, foi-me atribuída exclusivamente a responsabilidade pela edição, curadoria e manutenção da estética visual do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras. Contudo, posteriormente, foi-me oferecida a oportunidade de integrar também a equipe de tradução e interpretação, com atuação prioritária na tradução dos elementos do edital vigente do campeonato e das transmissões ao vivo (lives) realizadas ao longo de sua execução. Dessa forma, atuei concomitantemente nos processos de tradução e interpretação, bem como nas atividades de edição, curadoria e composição estética do 4° Campeonato.

Yasmin

No período de construção do edital em Libras eu era aluna do curso de TILSP na UFSCar, mas não fazia parte da equipe do projeto. Tinha ciência do campeonato por estar na disciplina de Estágio Supervisionado III, vinculado ao #CasaLibras. Quando surgiu o convite, fiquei muito contente em participar, apesar de saber o desafio que seria e a responsabilidade que tínhamos. Participar da tradução do edital do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras representou, para mim, uma experiência de grande relevância acadêmica e pessoal.

Giulia

Fui convidada a participar do Programa #CasaLibras em 2025, ano de inauguração da série As Aventuras de CaLi. Participei dos eventos tanto como integrante da equipe do programa quanto como estagiária. Viver essa experiência foi muito importante para minha formação, pois pude assumir diferentes funções, como atuar como modelo de sinalização em algumas animações do CaLi, mediar o evento de premiação e integrar a equipe de tradução do edital – uma das partes mais desafiadoras e enriquecedoras de todo o processo.

Liandra

Minha participação na tradução do edital do 4º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras se deu por conta da minha graduação no curso de TILSP da UFSCar. No período de tradução do edital, eu estava frequentando o último semestre do curso. Apesar da minha longa trajetória na faculdade em diversas áreas de atuação, eu nunca havia me deparado com a tradução de um edital, fazendo com que fosse um grande desafio. Eu ajudei em todo o processo, mas tive um papel predominante na tradução do formulário de inscrição do edital. Por se tratar de um contexto em que eu nunca havia traduzido, foi uma experiência desafiadora e também muito enriquecedora para a minha formação.

Patrick

Eu sou tradutor e intérprete de Libras no Instituto Federal de São Paulo (IFSP), campus de São Carlos. Acompanhei os bastidores das traduções do #CasaLibras com minha esposa, Ityara Aguiar Girke, desde 2023, dando suporte nas traduções que ela realizava. Entrei oficialmente para a equipe em 2024, fazendo parte da equipe de tradução do edital e das lives informativas.

César

Sou tradutora e intérprete de Libras na UFSCar e sou membro da equipe do #CasaLibras desde 2023. Nesta edição do campeonato, fiquei responsável pela organização da equipe de tradução do edital, do formulário de inscrição e das lives. Já traduzi alguns materiais disponíveis no canal do YouTube, tanto do português para Libras quanto da Libras para o português.

Ityara

Metodologia do processo tradutório

O processo tradutório do edital teve início a partir de uma reunião com toda a equipe de tradução. Esse primeiro encontro teve como objetivo a leitura coletiva do material a ser traduzido, visando à compreensão integral do conteúdo por todos os membros da equipe. Tal estratégia possibilitou momentos de fala, troca de experiências e esclarecimento de dúvidas, assegurando um entendimento compartilhado do documento.

> Nessa perspectiva, a mediação constitui-se como ação de aprendizagem, propiciada pela ação e interação a partir do constructo de que não se aprende sozinho, mas [...] na troca com o outro e em situações reais, vivenciadas e transformadas em novas ações efetivas. E nessa direção, tanto o mediador quanto o mediado aprendem na ação. A premissa é de que o homem constitui-se através de suas interações sociais, portanto, é visto como alguém que modifica e é modificado nas relações produzidas em uma determinada sociedade. É, portanto, nessa relação dialética com o mundo que o indivíduo se constitui (Costa, 2013, p. 54).

Após essa leitura coletiva, cada integrante ficou responsável pelo estudo individual de uma parte do texto, que foi dividido de acordo com a afinidade de cada membro. Nesse estudo particular, cada um levantou possíveis termos que necessitariam de padronização de tradução e/ou dúvidas de vocabulário.

A segunda reunião da equipe, após a apropriação do conteúdo do edital, foi voltada ao alinhamento das escolhas tradutórias. Considerando que cada integrante ficou responsável pela tradução de uma parte específica do documento, tornou-se necessário estabelecer critérios de coerência e padronização

linguística. Isso porque para uma boa tradução é necessário que haja um

> Conhecimento aprofundado das línguas envolvidas nos processos tradutórios para além de seus aspectos linguísticos e/ou gramaticais, domínio de diversas formas de dizer em cada uma das línguas considerando a pluralidade de contextos e de sentidos possíveis, fidelidade aos sentidos e aos modos de enunciá-los em cada uma das línguas. Trata-se de aspectos que não serão facilmente construídos apenas pela atuação prática, necessitando de reflexão teórica e possibilidades de experiências que favoreçam que tais aspectos sejam apreendidos por aqueles que pretendem atuar como TILS (Lacerda, 2010, p. 148).

O objetivo foi garantir que o produto final apresentasse continuidade e fluidez, evitando discrepâncias tradutórias perceptíveis ao público. Para tanto, além das discussões coletivas, foi elaborado um glossário em documento compartilhado, armazenado em uma pasta criada pelo próprio grupo, possibilitando o acesso, a consulta e a inserção de informações por todos os participantes.

Nos períodos em que não havia reuniões, a equipe dedicava-se à construção individual das traduções. Essa etapa envolveu a pesquisa de termos específicos, a investigação de sinais adequados, a elaboração de estratégias para a expressão de conceitos abstratos e, sobretudo, a adoção de uma perspectiva linguística própria da Libras, desvinculando-se da estrutura do texto em língua portuguesa, sem prejuízo de seu sentido fundamental. Ademais, contou-se com o apoio de outros TILS, integrantes ou não da equipe do #CasaLibras, para o esclarecimento de dúvidas relacionadas à composição vocabular, ga-

rantindo que as decisões de padronização fossem devidamente fundamentadas.

Após as reuniões, debates coletivos, ajustes nas glosas,[4] pré-traduções e concordâncias vocabulares, iniciaram-se as gravações do edital em Libras, que ocorreram no Laboratório de Tradução Audiovisual de Língua de Sinais (Lipes), localizado na Secretaria Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (Saade) da UFSCar, no campus de São Carlos. Durante esse período, com a presença de todos os membros da equipe, a tradução ainda passava por ajustes, visando assegurar que o material final fosse apresentado ao público-alvo de maneira clara, acessível e compreensível. Ao todo, foram necessários três dias de gravação.

Além disso, a equipe priorizou duas estratégias tradutórias de suma importância para a garantia do entendimento nacional. Como já mencionado, a organização da glosa colabora para que, no momento de gravação, o tradutor-intérprete lembre as escolhas feitas a partir de seus estudos. Mas, para garantir a maior fluidez no momento de sinalização, usamos o conteúdo da glosa como apoio, não seguindo firmemente o que estava escrito, ou seja, fazíamos a leitura para lembrar do conteúdo a ser traduzido e, assim, poder realizar a gravação de forma natural.

---

[4] "A glosa utilizada na tradução de textos para Libras constitui uma notação escrita na Língua Portuguesa dos significados a serem empregados. Ela serve de apoio para o intérprete 'lembrar' a construção planejada no discurso a ser traduzido para Libras para ser usada futuramente, no momento da gravação" (Girke, 2024, p. 89).

Outro combinado realizado foi de, além de convencionar os sinais a serem utilizados nas diversas seções do edital, para manter uma padronização linguística, combinamos também as escolhas por sinais que não são usados apenas em contextos acadêmicos. A preocupação era deixar as informações contidas no edital mais acessíveis para todos os públicos, pois, como já dito neste relato, o edital seria divulgado para todo o Brasil. Com isso, houve o desafio de deixar as informações mais claras, com um vocabulário menos acadêmico, para, assim, atingir um maior público de educadores surdos, independentemente das variações linguísticas.

Figura 2. Imagem de como foi realizado o trabalho de apoio entre a equipe no momento da gravação (da esquerda para a direita, César estava de apoio de interpretação, Patrick fazia a leitura do texto e/ou glosa e operava a gravação, e Yasmin interpretava seu trecho do edital).



Fonte: arquivo pessoal.

Enquanto um dos TILS sinalizava sua parte, um membro da equipe ficava responsável por ler o texto para a interpretação, e outro membro observava a sinalização, verificando se estava coesa ou se precisaria ser regravada para fazer algum tipo de ajuste. Dessa forma, é possível corroborar a importância de uma ação em equipe para a realização do trabalho de tradução de material, pois um trabalho colaborativo proporciona maior enriquecimento pessoal e a entrega de um produto de melhor qualidade.

> A troca com profissionais institui processos mais elaborados de reflexão sobre a profissão. Seja individual, em pares ou coletivamente, além da questão linguística, observar, registrar e sistematizar a reflexão pode levar o profissional a melhor compreender e gerenciar sua prática e questões dela emergentes, inclusive no tocante a sua gestão, como organização do tempo e do trabalho a ser desenvolvido individual, em duplas ou em equipes (Giamlourenço, 2021, p. 158).

Concluída a etapa de gravação, os arquivos foram inseridos na pasta compartilhada da equipe e, posteriormente, editados pela integrante Yasmin, que, como já mencionado em sua apresentação, além de intérprete em formação, fazia parte da equipe audiovisual do programa. Essa fase compreendeu ajustes de fundo, inserção e adequação de legendas (quando aplicável), correções de iluminação e refinamentos visuais, a fim de garantir qualidade estética e comunicacional. Após a finalização, o material foi disponibilizado à equipe do #CasaLibras e integrado ao edital em língua portuguesa.

Figura 3. Imagem do vídeo editado da seção 2.7 do edital em língua portuguesa.



Fonte: Edital do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras.

Na minha perspectiva sobre o processo de tradução do material, entendo que foi um processo minucioso e com grande responsabilidade de todas as partes envolvidas.

Para o estudo do material, utilizei o glossário elaborado coletivamente pela equipe, o qual serviu como instrumento de consulta para sinais de que eu ainda não tinha conhecimento. Além disso, realizei pesquisas complementares em plataformas digitais, buscando ampliar meu repertório e verificar a recorrência de determinados sinais em diferentes contextos de uso e diferentes estados do país.

Durante o momento das gravações, foi necessário regravar alguns trechos, a fim de garantir maior clareza e acessibilidade do conteúdo. A equipe toda atentou-se para a escolha de sinais reconhecidos em âmbito nacional, evitando regionalismos que pudessem comprometer a compreensão por parte de públicos

de diferentes localidades. Buscou-se, assim, assegurar que o edital fosse acessível tanto a pessoas com trajetória acadêmica quanto àquelas sem vivência universitária, prezando por uma comunicação clara com todos. Em alguns momentos, os colegas ajudaram-me a pensar em trechos que ficassem mais visuais e mais bem estruturados, além de adaptar as formas de apoio um para o outro e possibilitar que as gravações fossem mais fluidas.

Um dos sentimentos mais marcantes ao longo do processo foi o orgulho de saber que o edital traduzido em Libras não permaneceria restrito ao nosso grupo ou à universidade, mas circularia pelo país para que as escolas pudessem participar. Embora tenha enfrentado inseguranças quanto às escolhas linguísticas e à reorganização discursiva do edital, o processo evidenciou que o trabalho colaborativo é fundamental para alcançar qualidade e coerência.

Ao final, mais do que o aprendizado técnico, tenho a satisfação de ter contribuído para um material que ultrapassou os limites institucionais e alcançou o Brasil como um todo. Essa experiência ampliou minha compreensão sobre o papel que exercemos como tradutores e intérpretes de Libras.

Giulia

Discussões: alguns relatos pessoais da experiência

Compreende-se que a formação do profissional tradutor e intérprete de língua de sinais não se restringe ao espaço acadêmico nem acontece de forma linear, mas se amplia na vivência prática em diferentes contextos de atuação e tomadas de decisões estratégicas (Lacerda, 2010). A seção a seguir apresenta reflexões individuais acerca do processo tradutório, evidenciando os desafios, aprendizados e implicações formativas decorrentes desse percurso.

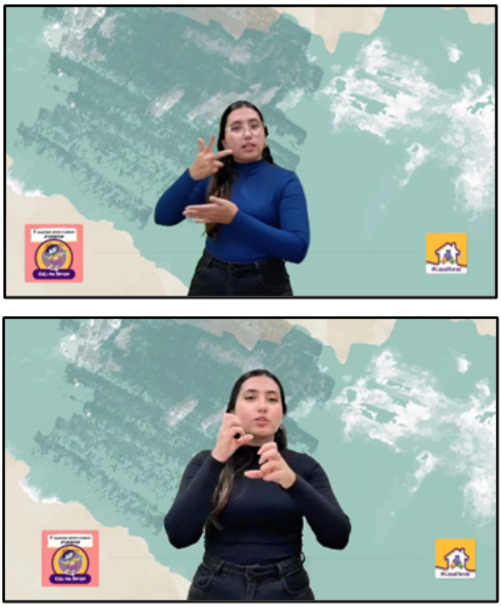
Quando me foi atribuída a função de integrar a equipe de tradução, considerei a tarefa um desafio significativo, uma vez que me encontrava no segundo ano de um curso de graduação com duração total de quatro anos, o que ainda implicava inseguranças no processo de transposição de conteúdos da língua portuguesa para a Libras. O principal desafio consistiu na desconstrução do texto-fonte e na reorganização de seu conteúdo, preservando o significado central e os objetivos do edital, sem comprometer sua adequação linguística à Libras. Esse processo também contribuiu para a compreensão de que não existe uma tradução absolutamente "correta", visto que o ato tradutório é influenciado pelos conhecimentos linguísticos, históricos, enciclopédicos e pelas vivências dos sujeitos envolvidos. Assim, desde que os critérios linguísticos da língua-alvo sejam respeitados e a mensagem seja transmitida de forma eficaz, o objetivo tradutório pode ser considerado alcançado.

Yasmin

Como já mencionado, todo o processo de tradução em equipe foi enriquecedor, mas quero destacar dois pontos que me marcaram como estudante e profissional.

O edital apresentava algumas notas de rodapé, e, a fim de que ficassem visivelmente separadas – assim como na escrita em português se utiliza um tamanho diferente de fonte para indicar a distinção no texto –, usei duas cores diferentes de blusa para indicar tal distinção. Com isso, a cor azul marinho ficou atribuída para as notas de rodapé, enquanto a cor preta ficou padronizada para todo o discurso principal ao longo do edital.

Figura 4. À esquerda, a blusa azul marinho indica a nota de rodapé doedital, e, à direita, a roupa preta indica o fluxo do edital em si.

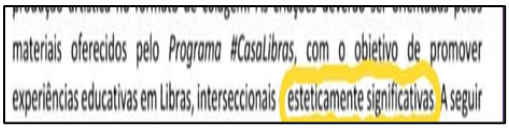


Fonte: Edital do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras.

Outra experiência que tive durante as gravações – e foi um fato interessante – é que, mesmo com a equipe toda atenta para não escolher sinais regionais e acadêmicos, após uma postagem rotineira no meu Instagram, em que expus apenas um trecho do processo de tradução, um instrutor surdo, possível participante do campeonato, perguntou-me o significado de um sinal que, até então, na perspectiva da equipe, era comum. O sinal em questão traduziria a palavra "estética".

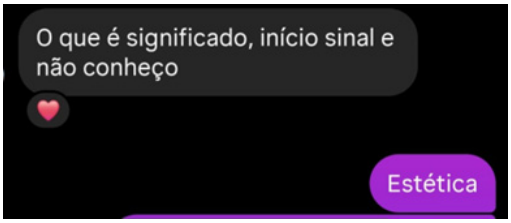
Após o feedback, reunimo-nos em equipe e buscamos encontrar sinais estratégicos que – nos outros trechos mencionados – explicariam o significado e a orientação da palavra de outras formas, não nos prendendo mais em apenas um sinal.

Figura 5. Um dos trechos em português que fala sobre estética.


materiais oferecidos pelo *Programa #CasaLibras*, com o objetivo de promover experiências educativas em Libras, interseccionais esteticamente significativas. A seguir

Fonte: Edital do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras.

Figura 6. Instrutor surdo me perguntando o que é o sinal junto do sinal "significado".



Fonte: acervo pessoal.

Como podemos ver a seguir, na Figura 7, o primeiro sinal escolhido foi o que representa a expressão "esteticamente significativo", o segundo sinal (Figura 8) foi usado em outro trecho do edital para explicar o significado, e na Figura 9 foi explicada a mesma coisa, com escolhas tradutórias diferentes.

Figura 7. Sinal "estética".[5]

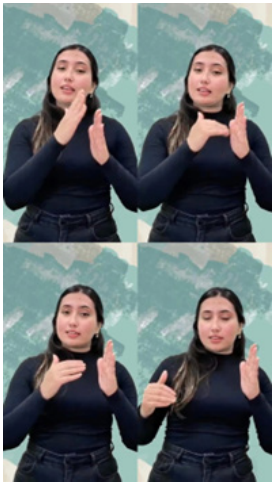
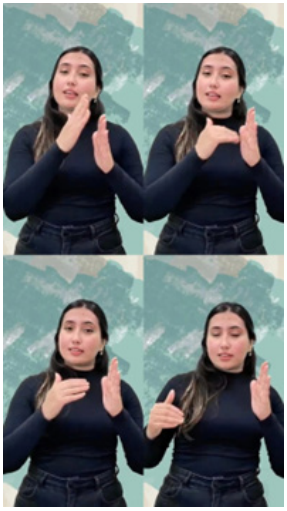


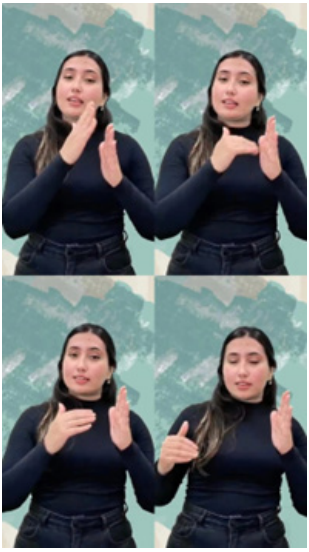
Figura 8. Primeira adaptação – "Visual representar"[6].



[5] O vídeo completo pode ser visualizado em: https://youtu.be/Mz3HM1h3-wI?feature=shared

[6] O vídeo completo pode ser visualizado em: https://youtu.be/3_Fi7paOt-zs?feature=shared.

Figura 9. Segunda adaptação – "Precisa admirar copiar referência artista"[7].



Fonte: Edital do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras.

Após as adaptações, priorizamos não usar sinais específicos, e sim explicar visualmente e com escolhas tradutórias diferentes o que a orientação exigia.

A tradução do edital oportunizou-me viver experiências e desafios que tive durante a tradução do material utilizado no meu TCC, e ter a consciência de que esses materiais trabalhados e traduzidos foram disponibilizados para pessoas surdas de todo o Brasil me dá o sentimento de que o dever está sendo cumprido e que tudo isso, graças ao trabalho em equipe, garantiu um resultado mais eficaz e seguro.

Liandra

[7] Vídeo completo pode ser visualizado em: https://youtu.be/3_Fi7paOtzs?feature=shared.

Tendo em vista que esse edital envolvia uma competição que tinha regras muito bem definidas e que um grande número de pessoas surdas participaria, foi necessária uma tradução bastante clara. Então, tivemos que fazer uma boa adaptação do português escrito para a língua de sinais.

Um dos maiores desafios enfrentados foi a compreensão das informações contidas no edital, que, em diversos momentos, não se faziam claras. Sendo assim, precisamos ler todo o edital, entendê-lo de modo geral e inclusive contatar os responsáveis pela escrita da versão em língua portuguesa para saber o que exatamente estava sendo pedido e consequentemente pudéssemos fazer uma tradução com mais clareza e de fácil entendimento pela pessoa surda.

Quando esse tipo de situação ligada à linguística acontece, isso dificulta o nosso trabalho, pois, se as informações não estão compreensíveis em sua língua-fonte, como traduzi-las de forma coerente para uma segunda língua? Nesses momentos percebemos como nossa profissão não se limita meramente ao ato de traduzir e interpretar, mas também requer compreender uma mensagem e estar apto a adaptá-la para transmiti-la de forma acessível.

Com isso, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, foi uma tradução muito enriquecedora e formativa para mim, por se tratar da prática de um contexto que na graduação não nos foi oferecida, apropriando-me de vocabulários específicos de textos de editais e também das melhores estratégias tradutórias que podemos adotar em textos que englobam regras, tópicos e, principalmente, o público-alvo.

Patrick

O propósito do levantamento dos relatos supracitados não se restringe à mera exposição do processo de criação empreendido, mas se configura como estratégia formativa voltada ao aprimoramento de futuros profissionais TILS e daqueles já atuantes na área.

Ao terem acesso a tais registros, os leitores podem compreender que as decisões adotadas ao longo da prática, sejam elas relativas às escolhas tradutórias ou à relevância do trabalho colaborativo, constituem elementos fundamentais para o desenvolvimento da autorreflexão acerca do próprio fazer profissional. Visto que a posição de TILS é envolvida no processo comunicativo e, portanto, tem o poder de influenciar o objeto e o resultado da tradução, o profissional necessita dominar ambas as línguas, Libras e português, conforme afirma Quadros (1997), e estar apto a cumprir esse papel de forma ética pessoal, mas também em concordância com o Código de Conduta e Ética da profissão, que reforça que

> Art. 8° – O TILS e o GI[8] devem aceitar serviços de acordo com o seu nível de competência tradutória [...] Parágrafo Único – O TILS e o GI não aceitarão uma prestação de serviços a que não se julguem qualificados, contudo, sua aceitação implica total responsabilidade moral pela seriedade da sua prestação (Febrapils, 2014, p. 4).

Nesse sentido, ao explicitar os critérios, desafios e estratégias envolvidos na elaboração do produto final, busca-se não apenas descrever as ações realizadas, mas também fomentar uma postura crítica nos pares que entram em contato com o texto, contribuindo para o aprofundamento e o enriquecimento de suas práticas tradutórias. Tal perspectiva reforça, ainda, a valorização da Libras, especialmente quando os resultados apresentados reconhecem suas variações linguísticas e a multiplicidade de escolhas tradutórias possíveis, em consonância com

[8] As siglas referem-se aos termos "tradutor e intérprete de língua de sinais" e "guia-intérprete", respectivamente.

as especificidades contextuais, como o gênero discursivo e as especificidades do público-alvo e comunicativas.

Desse modo, contribui-se para que o TILS compreenda que o ato tradutório não se limita à consideração de fatores estritamente linguísticos, mas abrange, de maneira indissociável, os contextos sociais, culturais e discursivos que circundam a produção de sentidos. Nessa perspectiva, constitui função primordial do intérprete manter um processo contínuo de reavaliação e reconstrução de sua prática, revendo, acrescentando, ajustando e consolidando escolhas, a fim de qualificar o produto tradutório. Como defende, novamente, o Código de Conduta e Ética do TILS, "Art. 10 – É de responsabilidade do TILS e do GI: [...] II. Buscar formação continuada e aperfeiçoamento profissional" (Febrapils, 2014, p. 4).

Tal movimento implica reconhecer as múltiplas possibilidades expressivas da língua, considerando a interação entre gêneros discursivos, autores, épocas, propósitos comunicativos, terminologias específicas e diferentes áreas do conhecimento, de modo a promover uma articulação de sentidos clara, coesa e consistente, conforme defende Lacerda (2010). Nesse contexto, destaca-se, ainda, a importância da desverbalização do português como etapa fundamental no processo de tradução para a Libras, favorecendo uma produção linguística mais natural e adequada à modalidade visuoespacial.

Conclusões

Ao longo desse percurso, tornou-se evidente a relevância da somatória do esforço individual ao trabalho em equipe e também do próprio trabalho em conjunto no campo da tradução e interpretação. Em momentos de esgotamento de possibilidades tradutórias ou de necessidade de conhecimentos até então não acessados individualmente, a colaboração coletiva mostrou-se essencial para suprir lacunas e enriquecer o processo. O trabalho em equipe possibilita, desde a formação acadêmica, o reconhecimento de múltiplas perspectivas e a compreensão de que o tradutor/intérprete deve atuar em uma zona de apoio mútuo, com suporte linguístico e divisão de responsabilidades. Como resultado, o produto final, seja uma tradução ou uma interpretação, torna-se mais completo, integrando diferentes linhas de raciocínio, diversidades e pluralidades de forma organizada e coerente.

Paralelamente, destaca-se a importância de que o próprio profissional utilize os materiais produzidos e as experiências vivenciadas como instrumentos de aprimoramento contínuo de sua prática, buscando permanentemente integrar novos conhecimentos teóricos, técnicos e culturais ao seu fazer tradutório. Tal postura favorece não apenas a qualificação do desempenho individual, mas também a consolidação do objetivo maior da atuação do tradutor e intérprete: promover uma comunicação plena, acessível e de alta qualidade à comunidade surda. Ademais, esse movimento reflexivo contínuo sobre os próprios processos tradutórios contribui para o reconhecimento e a valorização das especificidades e da pluralidade da língua brasileira de

sinais, evidenciando sua riqueza linguística e sua complexidade enquanto língua legítima e autônoma.

E para encerrar este relato de experiência, que, assim como o processo de tradução do edital, também foi construído a diversas mãos, deixamos aqui um último relato de uma das integrantes da equipe.

Declaro que, embora a tarefa tenha sido inicialmente apreensiva, especialmente no que se refere à elaboração discursiva em Libras, o apoio da equipe tornou essa incumbência viável e enriquecedora. Ainda que exigente, o processo revelou-se mais fluido e construtivo do que o esperado. Dessa forma, considero fundamental que tradutores e intérpretes de Libras, bem como estudantes em formação, vivenciem todas as etapas desse processo, assegurando alinhamento entre os membros da equipe. Tal entrosamento, aliado a uma preparação integral, contribui significativamente para a qualidade dos resultados finais e transforma o ato de traduzir e interpretar em um espaço de troca e construção de conhecimentos.

No âmbito da minha formação acadêmica e pessoal, acredito que essa experiência possibilitou um aprofundamento no conhecimento da Libras, no entendimento da dinâmica do trabalho em equipe e, sobretudo, no desenvolvimento de uma postura profissional mais segura e respeitosa, tanto diante de possíveis situações de desvalorização da profissão quanto frente a divergências de perspectivas entre os próprios integrantes da equipe.

Yasmin

Figura 10. Equipe de tradução do edital do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras (da esquerda para a direita, Yasmin, Ityara, César, Giulia (ao centro), Liandra e Patrick).



Fonte: arquivo pessoal.

Referências

COSTA, I. M. **Concepções de Mediação pedagógica**: a análise de conteúdo a partir da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações BDTD (2000-2010). 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4767/1/arquivototal.pdf. Acesso em: 24 fev. 2026.

FEBRAPILS – Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guias-Intérpretes de Língua de Sinais. **Código de Conduta e Ética**. 2014. Disponível em: https://febrapils.org.br/wp-content/uploads/2022/01/Codigo-de-Conduta-e-Etica.pdf. Acesso em: 26 fev. 2026.

GIAMLOURENÇO, P. R. G. M. **Formação continuada e desenvolvimento profissional do tradutor e intérprete de língua de sinais na Educação a Distância (EaD)**. 2021. 237 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15488. Acesso em: 21 fev. 2026.

GIRKE, I. A. S. P. **Ações formativas com Tradutores e Intérpretes de Libras para o aperfeiçoamento das práticas interpretativas**. 2024. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/21251. Acesso em: 14 fev. 2026

LACERDA, C. F. Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 36, p. 133-153, maio/ago. 2010.

NASCIMENTO, M. V. B.; NOGUEIRA, T. C. Tradução audiovisual e o direito à cultura: o caso da comunidade surda. **Percursos linguísticos**, Vitória, Espírito Santo, v. 9, n. 21, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/23740/18392. Acesso em: 16 fev. 2026.

SOLER, P. S.; MARTINS, V. R. O. **Língua Matriz & Língua Adicional**: relações entre línguas e a experiência do aprender surdo. São Paulo: Dialética, 2024.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

Estratégias de design para a construção da identidade visual e de materiais audiovisuais acessíveis no 4º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras

Regina Célia Torres
Rodrigo Vecchio Fornari

Introdução

O presente capítulo tem como objetivo apresentar o percurso criativo de construção da identidade visual e dos recursos midiáticos audiovisuais para o 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, cujo tema foi "As Aventuras de CaLi – CaLi em Recife". A proposta desta edição foi estruturada a partir de um conjunto de ações voltadas à valorização das práticas culturais surdas, das expressões artísticas de mulheres e das identidades plurais que se expressam nas culturas dos povos do Sertão e do Nordeste, materializadas em criações inéditas mediadas pedagogicamente pela língua brasileira de sinais (Libras). O evento foi realizado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em parceria com o Ministério da Educação (MEC), no âmbito do Processo ProEx/UFSCar n° 23112.007172/2025-17.

As atividades audiovisuais, desenvolvidas entre abril e dezembro de 2025, tiveram como finalidade a formação e a orientação dos educadores participantes, além da divulgação

das etapas do processo de produção, visando, sobretudo, ao fortalecimento de práticas educativas bilíngues (Libras/língua portuguesa) nas escolas inscritas.

Processo criativo

O percurso criativo teve início com a apresentação da proposta do 4° Campeonato pela coordenadora geral do Programa #CasaLibras, Vanessa Regina de Oliveira Martins. Nesta edição, as práticas pedagógicas a serem desenvolvidas deveriam articular arte, literatura surda e direitos humanos – com destaque para os direitos linguísticos, culturais, étnico-raciais e dos grupos minorizados –, bem como a valorização da diversidade regional e cultural brasileira.

A 4ª edição do campeonato contou com o lançamento da nova série *As Aventuras de CaLi*, tendo como tema central CaLi em Recife. O processo criativo fundamentou-se na literatura surda e na poética visual em Libras, inspirando-se na obra e na trajetória de vida da artista surda nordestina Kilma Coutinho. Suas produções visuais constituíram referências estéticas e narrativas para a criação de uma poesia inédita em Libras, concebida por Yanna Porcino, também surda e nordestina, em parceria com o poeta surdo Cláudio Mourão, valorizando a visualidade, a corporalidade e a expressividade próprias da literatura surda.

A partir da definição do tema central – atividades pedagógicas que culminassem em uma produção artística no formato de colagem, inspirada na obra de Kilma Coutinho –, foi proposta a elaboração de materiais disparadores concebidos como instrumentos de mediação pedagógica bilíngue, com centralidade

na Libras. Esses materiais tiveram como finalidade subsidiar o lançamento da proposta para educadores de todo o Brasil que atuam na Educação Básica – da Educação Infantil ao Ensino Médio, incluindo a Educação de Jovens e Adultos (EJA) –, bem como em outras instituições que atendem estudantes surdos, favorecendo práticas educativas visualmente orientadas e linguisticamente acessíveis.

Nesse sentido, já no edital de chamamento para participação na proposta, foram disponibilizados os seguintes materiais: (a) e-book em formato de história em quadrinhos, acompanhado de sua versão animada; (b) vídeo-poema, com poetas surdos interpretando obras de Kilma Coutinho; (c) vídeo-tutorial sobre a técnica de colagem desenvolvida por Kilma Coutinho; (d) vídeo com imagens das obras da artista homenageada nesta edição do campeonato.

Identidade visual

O desenvolvimento da identidade visual do campeonato, cuja responsável foi Regina Torres, teve início com uma inquietação central: como traduzir visualmente não apenas um evento, mas sua dimensão cultural, linguística e afetiva? A partir dessa questão, o processo projetual passou a se estruturar em torno da criação de uma identidade que fosse, ao mesmo tempo, coerente, reconhecível e simbolicamente representativa.

Compreendendo a identidade visual como um sistema estratégico de comunicação – e não apenas como um conjunto de elementos estéticos –, buscou-se fundamentar cada decisão nos princípios do design. Conforme destaca Strunck (2007), a

identidade visual é responsável por expressar a personalidade e os valores de uma instituição, sendo a consistência e a padronização fatores determinantes para seu reconhecimento público. Essa compreensão orientou o cuidado com a repetição de cores, formas e tipografias, de modo a construir unidade e fortalecer a memória visual do campeonato.

O ponto de partida conceitual foi o personagem CaLi, criado por Anderson Marques para a história em quadrinhos. Durante o processo, percebemos que o personagem possuía forte potencial simbólico e afetivo, o que motivou sua ressignificação como elemento central da identidade visual. Considerando o conceito de pregnância discutido por Dondis (1997), buscamos organizar os elementos visuais de modo que CaLi assumisse posição de destaque, tornando-se o núcleo semântico da composição.

A incorporação da musicalidade e da energia do Recife, especialmente representadas pelo frevo, constituiu outro momento significativo do processo. A intenção não era ilustrar literalmente a manifestação cultural, mas sugerir seu ritmo e movimento por meio da linguagem visual. Nesse sentido, a inclinação corporal do personagem, as linhas curvas e a dinâmica da composição foram pensadas para gerar tensão e sensação de deslocamento. Arnheim (2005) afirma que o movimento pode ser sugerido em imagens estáticas por meio de forças perceptivas implícitas; essa perspectiva teórica contribuiu para orientar as decisões formais, permitindo que a peça evocasse ritmo e vitalidade, mesmo sendo estática.

Outro elemento simbólico incorporado foi o galho posi-

cionado no ouvido do personagem, referência às obras de Kilma Coutinho. Durante o processo criativo, esse detalhe assumiu grande relevância conceitual. Ele representa o mundo do silêncio e a experiência da incompreensão, mas também ressignifica a noção de "falta". A metáfora visual propõe que, daquilo que é socialmente interpretado como ausência, emerge potência: é pelas mãos que a comunicação das pessoas surdas acontece, afirmando identidade, cultura e protagonismo. Assim, o elemento gráfico deixou de ser apenas decorativo para tornar-se um marcador simbólico da cultura surda.

Do ponto de vista compositivo, optamos pela centralização do personagem e por sua inserção em dois círculos concêntricos. Essa decisão buscou reforçar equilíbrio e hierarquia visual. Como aponta Arnheim (2005), toda composição estabelece campos de força que orientam o olhar; nesse caso, a estrutura circular funcionou como elemento organizador, promovendo estabilidade e foco.

No tratamento tipográfico do 4° Campeonato, escolhemos uma fonte cujas características formais evocam fluidez e movimento, em consonância com o conceito dinâmico que orienta toda a identidade visual. A tipografia foi pensada como elemento expressivo, participando ativamente da construção de sentido, e não apenas como recurso informativo. Sua forma, ritmo e desenho contribuem para reforçar a ideia de energia e deslocamento já presentes na composição gráfica.

Com o intuito de valorizar ainda mais o protagonismo do personagem, a organização textual foi estrategicamente definida: a nomenclatura "4° Campeonato Artístico-Literário do #Ca-

saLibras" foi posicionada na parte superior da marca, enquanto a indicação da narrativa "CaLi em Recife" foi inserida na parte inferior. Essa distribuição estabelece uma hierarquia clara de leitura, preserva o destaque visual do personagem no centro da composição e garante equilíbrio entre os elementos verbais e imagéticos da marca.

Quanto à paleta cromática, optamos pela manutenção das cores institucionais do #CasaLibras – roxo e amarelo –, garantindo continuidade e reconhecimento, e foi associado a elas um tom de salmão, inspirado no pôr do sol das praias pernambucanas, estabelecendo uma conexão simbólica com o território no qual ocorreu a narrativa. Conforme Dondis (1997), a cor possui forte impacto emocional e perceptivo; por isso, sua escolha foi pensada estrategicamente para ampliar a expressividade e a identificação cultural.

Ao longo do processo, ficou evidente que a construção da identidade visual não se limitou a decisões formais, mas constituiu um exercício de articulação entre teoria, cultura e experiência. Cada elemento foi pensado como parte de um sistema integrado, capaz de comunicar valores, fortalecer pertencimento e dar visibilidade à cultura surda por meio do design. Tais características podem ser observadas na Figura 1.

Figura 1. Logotipo desenvolvido para o 4° Campeonato.



Fonte: elaboração própria.

Edital de chamamento

Com o intuito de garantir transparência e clareza no desenvolvimento das propostas pelas escolas participantes, elaboramos e lançamos um edital bilíngue, em Libras e em língua portuguesa. Nesse documento, detalhamos todas as etapas do processo, bem como os critérios que deveriam ser observados por professores e estudantes ao longo da participação no campeonato.

Entre os critérios estabelecidos, definiu-se que cada equipe deveria contar com a participação de, pelo menos, um aluno surdo, reafirmando o compromisso do projeto com o protagonismo da comunidade surda. As equipes poderiam ser formadas por até cinco estudantes e três docentes, favorecendo o trabalho colaborativo e a organização coletiva das propostas.

Com o propósito de preservar a unidade visual do campeonato, entendemos que o edital também deveria refletir a identidade construída nas demais peças gráficas. Assim, desenvolvemos seu layout em consonância com o sistema visual já estabelecido, garantindo coerência estética e fortalecendo a identidade do evento. O resultado dessa integração pode ser observado na figura a seguir.

Figura 2. Capa e página interna do edital bilíngue.



Fonte: elaboração própria.

Para cada trecho textual, apresentamos um QR Code com a tradução em Libras, garantindo acessibilidade linguística a todos os participantes.

Figura 3. Tradução do edital em Libras.



Fonte: Edital do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras.

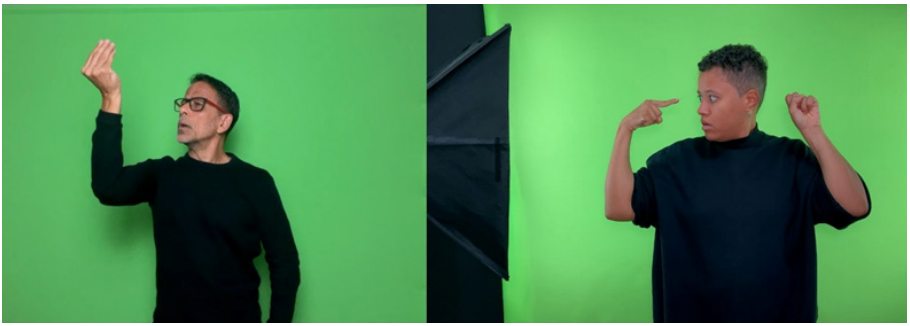
Materiais audiovisuais acessíveis

Após o sucesso do vídeo-poesia do 3° Campeonato, sobre a arte de Van Gogh, a expectativa era grande para os vídeos do 4° Campeonato. Cláudio Mourão foi novamente convidado a participar, mas Yanna Porcino teve protagonismo no processo, já que um dos principais temas do campeonato era a mulher. Outra convidada foi Kilma Coutinho, artista surda que trabalha com colagens, entre outras técnicas. Assim, após várias conversas entre a equipe e os envolvidos, ficou definida a criação de diversos vídeos para suporte e inspiração aos professores e alunos participantes do campeonato. Vamos abordar o processo de criação e produção de dois desses vídeos: a poesia Eu, surda... vida que pulsa! e a animação em vídeo da história em quadrinhos *CaLi em Recife*.

Eu, surda... vida que pulsa!

Assim como no vídeo da poesia do 3° Campeonato, Cláudio Mourão, desta vez em conjunto com Yanna Porcino, criaram a poesia, gravaram a sinalização em um estúdio com fundo verde (para o recorte em *chroma-key*) e nos enviaram os arquivos da gravação para edição, sem instruções ou exigências, permitindo à equipe do #CasaLibras criar com liberdade em um processo colaborativo que descrevemos a seguir.

Figura 4. Claudio e Yanna gravando em fundo verde.



Fonte: captura de tela do vídeo enviado pelos poetas.

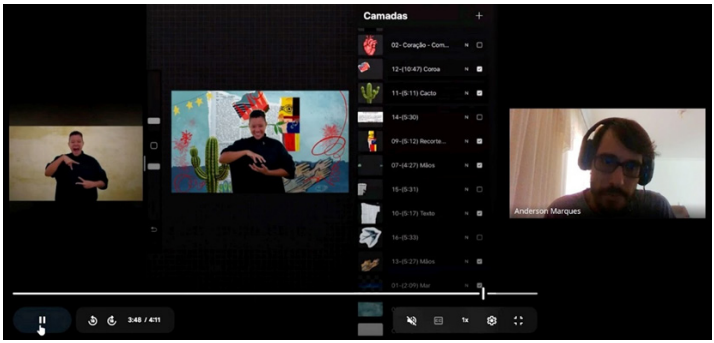
Vanessa Martins enviou os arquivos para Rodrigo Fornari, responsável pela edição de vídeos, e também para os intérpretes, que trabalharam na tradução para o português.

Rodrigo iniciou a edição juntando a introdução e o encerramento de Cláudio com a poesia da Yanna, além de adicionar cortes com enquadramentos mais abertos ou fechados para destacar movimentos ou sinais e evidenciar um ritmo mais dinâmico à poesia.

Anderson Marques, que também participou do desenvolvimento do vídeo da poesia do 3° Campeonato, foi convidado a pensar e elaborar conosco as imagens que preencheriam o fundo e interagiriam com a sinalização dos poetas surdos. Após algumas reuniões on-line entre nós três, Anderson preparou uma proposta em que elementos surgiam no fundo enquanto Yanna sinalizava e, como em uma arte de colagem, esses elementos iam se sobrepondo até o final do vídeo, quando a própria Yanna se transformava em desenho e completava a colagem, a obra de arte, retratada na tela.

Vários desses elementos foram "recortados" das obras de Kilma, que nos cedeu e enviou as imagens digitalizadas do seu acervo. Outros elementos foram baseados em objetos, texturas ou até sentimentos utilizados por Kilma ou sinalizados por Yanna, representando a surdez, a mulher e o Nordeste. Após algumas sugestões da equipe, a proposta foi aprovada, e a edição continuou avançando.

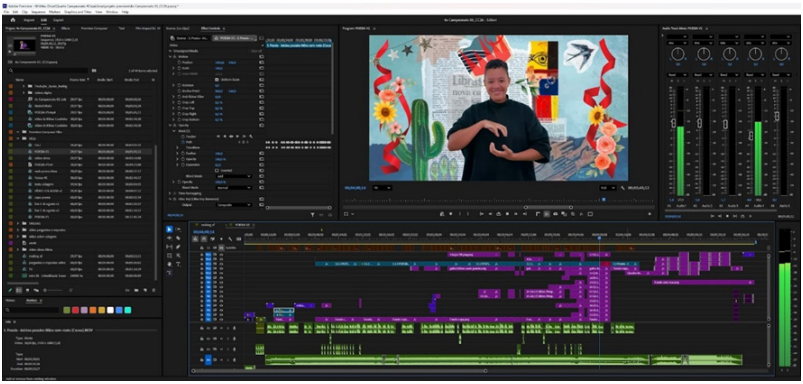
Figura 5. Anderson Marques apresenta sua proposta para o vídeo da poesia.



Fonte: captura de tela da reunião com Anderson Marques.

A ideia de trabalhar o tema "colagem" no campeonato se relacionou muito bem com a edição de imagens e vídeos, visto que os softwares de edição trabalham com imagens, vídeos e sons em camadas. Esse conceito de agrupamento, organização e hierarquia de vários elementos em uma composição ou em uma linha de tempo é fundamental para o desenvolvimento e a produção de imagens estáticas e/ou vídeos.

Figura 6. Edição: diversos elementos organizados em camadas, como uma colagem.



Fonte: captura de tela do processo de edição de vídeo.

Após finalizar a edição, sentimos a necessidade de incluir a imagem de Kilma também no quadro criado pela poesia. Assim, depois dos créditos, a imagem final volta, mas desta vez com Kilma e Yanna lado a lado, em um desenho colorido, criado a partir da imagem das duas e alterado com o uso dos modelos de inteligência artificial de edição de imagem disponíveis na época (agosto de 2025): *GPT Image 1.0* e *Flux 1.0 Kontext*.

Figura 7. Imagem do final do vídeo com Kilma e Yanna.



Fonte: elaboração própria.

Um *preview* do vídeo foi enviado para os intérpretes algumas semanas antes de chegar à versão final, para que eles trabalhassem na tradução para o português não apenas com as imagens dos poetas no fundo verde, mas com a possibilidade de integrar da melhor forma essa tradução à edição de imagens. Esse processo de tradução é detalhado em outro capítulo deste livro.

Após receber o áudio gravado por Anne Iriarte, foi feita a sincronização com o vídeo, e também uma trilha sonora foi incorporada para preencher alguns espaços entre frases e adicionar mais emoção à produção final. O vídeo foi publicado em 11 de agosto de 2025 e pode ser assistido neste link: https://youtu.be/1hHDAOzdmyY.

Figura 8. Capa do vídeo publicado no YouTube.



Fonte: elaboração própria.

CaLi em Recife

Antes do final do 3° Campeonato, no ano de 2024, Vanessa Martins já tinha a ideia de trabalhar com um "mascote", um personagem criado para representar o projeto #CasaLibras. A sua primeira versão, em desenho 2D, foi criada por Anderson Marques em novembro de 2024. No dia da premiação do 3° Campeonato, em 6 de dezembro de 2024, no final do evento, foi exibido um vídeo em que o professor Guilherme Nichols apresentava CaLi e os dois desejavam Feliz Natal e Feliz Ano Novo pelo telão do anfiteatro. CaLi foi animado somente com o software *After Effects*, ficando sempre de frente e fazendo apenas os movimentos de oi/tchau e de piscar de olhos.

Figura 9. CaLi em 2024 – Animação simples, sem recursos de inteligência artificial.

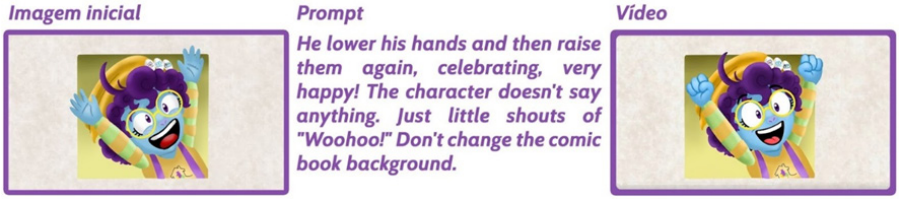


Fonte: elaboração própria.

Já em 2025, um mar de possibilidades para a criação de vídeos e animações surgiu com a entrada das plataformas de inteligência artificial para geração de imagens e vídeos. Para o 4° Campeonato, além da poesia em vídeo, necessitamos também de um vídeo voltado ao público infantil e desejávamos muito incluir o CaLi no campeonato. Assim, Vanessa Martins mais uma vez convidou Anderson Marques para que ele produzisse uma história em quadrinhos (HQ) com o CaLi como protagonista. Essa história deveria conter os elementos e temas do campeonato: Nordeste (Recife) e as obras de Kilma Coutinho. Essa HQ seria disponibilizada digitalmente para os professores e alunos em um arquivo PDF, porém, com as tecnologias disponíveis, percebemos que poderíamos criar uma animação em vídeo dessa historinha com uma qualidade muito maior do que a apresentada no final de 2024.

Com a HQ de dez páginas finalizada, em junho foram iniciados os primeiros testes com o modelo *Seedance 1.0 Lite*, mas a animação só começou a tomar corpo mesmo quando o modelo *VEO 3.0* do Google começou a ser utilizado, em meados de julho. Cada quadrinho foi utilizado como imagem inicial de uma cena. A imagem é importada na plataforma, acompanhada de um *prompt* em que descrevemos a ação, ou seja, o que acontece a partir daquela imagem.

Figura 10. Criação de cenas com o modelo de IA VEO 3.0.



Fonte: elaboração própria.

As imagens no vídeo mantêm as bordas e o fundo de quadrinho, exatamente como na HQ, e a mudança de um quadrinho para o próximo se dá com um movimento na direção em que os quadrinhos estão posicionados na página, como se o espectador estivesse lendo a HQ. Também foi adicionada uma transição de "virada de página" para cada passagem de página da HQ.

Figura 11. O vídeo segue o posicionamento dos quadrinhos nas páginas da HQ.



Fonte: elaboração própria.

Durante a história, em três momentos há falas em português, de uma mulher que trabalha no museu. Para manter a proposta de um vídeo bilíngue, optamos por incluir uma "janela de Libras" em cada uma das falas dessa personagem. Convidamos a professora Mariana Campos para gravar os vídeos em fundo verde para recorte em *chroma-key*. A imagem dela foi adaptada para se adequar ao estilo da HQ, com o objetivo de que o espectador não perdesse a imersão na história.

Figura 12. Sinalização em Libras incluída no estilo da HQ.



Fonte: elaboração própria.

Para a introdução do vídeo, queríamos que CaLi sinalizasse em Libras, apresentando-se e convidando os espectadores a assistir à história. Não era possível fazer isso com o *VEO 3.0* nem com outro modelo de IA disponível quando iniciamos a edição do vídeo. Somente no início de agosto, quando a edição já estava quase finalizada, a equipe tomou conhecimento de um novo modelo de inteligência artificial capaz de importar um vídeo de uma pessoa sinalizando e transferir os movimentos para uma imagem de outra pessoa (ou personagem). Esse modelo era o *Act-2* da *Runway*. Assim, Liandra Fonseca, estudante do Tilsp e integrante do #CasaLibras, gravou a sinalização dessa introdução, e o resultado foi satisfatório para aquela época. Atualmente, estamos utilizando o modelo *Kling 2.6 Motion Control*, que foi lançado no final de dezembro de 2025 e que traz resultados muito melhores.

Figura 13. Introdução do vídeo com *Runway Act-2*.



Fonte: elaboração própria.

O vídeo foi publicado no canal do #CasaLibras em duas versões. A primeira, em 15 de setembro de 2025, quando o campeonato ainda estava em andamento, mostra sinais de interrogação no lugar dos cinco quadros de colagens que CaLi fez. Já a segunda versão, publicada em 14 de novembro, mostra as

cinco obras vencedoras do campeonato. O mesmo foi feito com a HQ. A primeira versão foi disponibilizada em PDF no site, e a segunda versão, além do PDF, foi impressa e entregue para os participantes do campeonato.

Figura 14. Duas versões do vídeo e da HQ – antes e depois da revelação dos vencedores. O vídeo finalizado pode ser conferido no link: https://youtu.be/eRkRoAt-QUc.



Fonte: elaboração própria.

Figura 15. Capa do vídeo publicado no YouTube.



Fonte: elaboração própria.

E-book da história em quadrinhos

Com a identidade visual já consolidada e a narrativa da história em quadrinhos definida, iniciamos o desenvolvimento da versão digital do e-book, compreendido não apenas como suporte de leitura, mas como extensão da experiência estética do projeto. A transposição para o meio digital demandou uma abordagem que articulasse linguagem gráfica, narrativa visual e recursos compositivos próprios do ambiente virtual.

A orientação estética do projeto foi inspirada nas obras de Kilma Coutinho, cuja produção artística se destaca pela expressiva plasticidade formal e pela exploração de composições híbridas. Sua linguagem visual, marcada pelo uso de colagens, sobreposições e contrastes cromáticos, evidencia uma construção imagética pautada na fragmentação e na recomposição de sentidos, como pode ser observado na Figura 16.

Figura 16. Obras de Kilma Coutinho.



Fonte: acervo da artista disponibilizado para o #CasaLibras.

A partir desse referencial, começamos a experimentar, no e-book, o uso de colagens digitais e sobreposições de formas. A intenção era romper com uma diagramação rígida e explorar camadas visuais que trouxessem mais dinamismo às páginas. Aos poucos, percebemos que essas camadas não apenas tornavam a composição mais interessante visualmente, mas também ampliavam a expressividade gráfica do material.

Figura 17. Capa e contracapa do e-book.



Fonte: Martins et al. (2025).

A escolha por esse recurso surgiu do próprio diálogo com a história em quadrinhos. Como a narrativa já apresentava uma linguagem visual marcada por movimento, ritmo e expressividade, parecia coerente que o suporte digital acompanhasse essa mesma lógica. Assim, a colagem e a sobreposição passaram a funcionar como extensão da narrativa, criando uma unidade estética entre conteúdo e formato.

Figura 18. Páginas internas da HQ.



Fonte: Martins et al. (2025).

Durante o processo, ficou evidente que a organização dos elementos gráficos no espaço digital não era apenas uma decisão estética, mas parte estruturante da experiência de leitura. A disposição das imagens, os recortes, as camadas e os vazios passaram a orientar o olhar, sugerir percursos e reforçar a dimensão sensível e cultural do projeto. O e-book deixou de ser apenas um suporte e passou a integrar ativamente a proposta comunicacional, como pode ser observado nas figuras a seguir.

Figura 19. Páginas internas do e-book.



Fonte: Martins et al. (2025).

A versão digital do e-book pode ser acessada no seguinte endereço: https://www.edesp.ufscar.br/arquivos/colecoes/casalibras/ebook_cali_em_recife.pdf.

Divulgação das lives formativas

Considerando a necessidade de ampliar a divulgação do campeonato junto às escolas, foram desenvolvidas peças gráficas complementares, dentre elas folhetos digitais destinados ao chamamento para as lives formativas. Essas peças não se limitaram a cumprir função informativa, mas integraram uma estratégia comunicacional orientada para a mobilização pedagógica, buscando sensibilizar os docentes quanto à relevância do campeonato como prática educativa.

Figura 20. Folheto das lives formativas.



Fonte: elaboração própria.

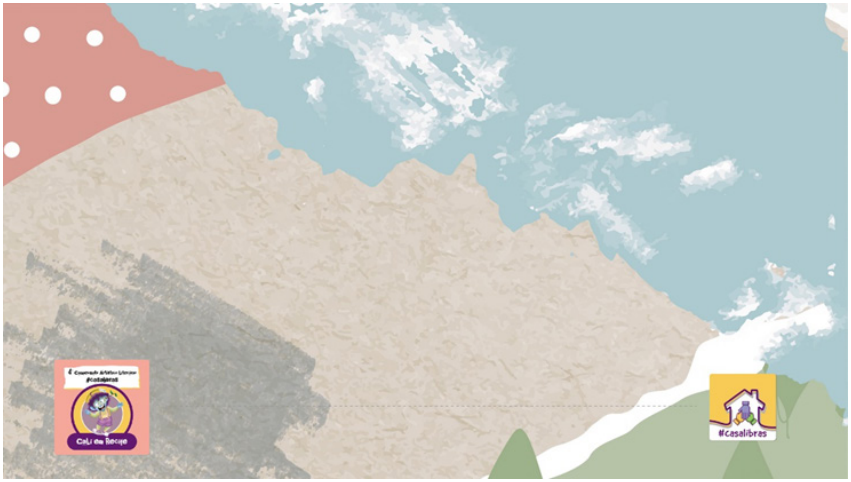
Com a intenção de fortalecer a unidade visual dos encontros formativos, sentimos a necessidade de criar capas e *backgrounds* próprios para esses momentos, assegurando coerência estética e identidade ao longo das transmissões.

Figura 21. Capa das lives formativas para o YouTube.



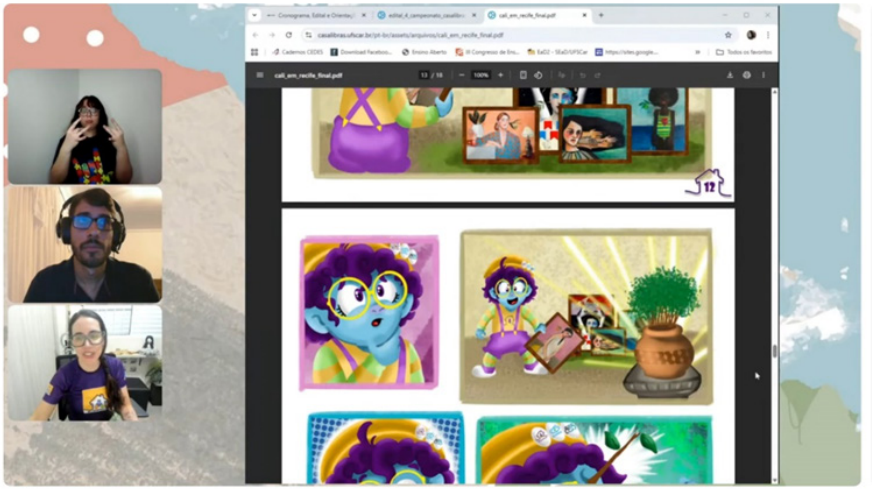
Fonte: elaboração própria.

Figura 22. *Background* utilizado nas lives formativas.



Fonte: elaboração própria.

Figura 23. Exemplo de utilização do *background* nas lives formativas.



Fonte: captura de tela do canal do #CasaLibras no YouTube.

As lives nasceram inicialmente como uma estratégia de aproximação, mas, ao longo do processo, foram se consolidando como verdadeiros espaços de formação continuada. Desde o início, a intenção não era apenas transmitir conteúdos, mas criar momentos de diálogo, escuta e troca entre os participantes. Aos poucos, percebemos que os encontros síncronos se tornaram ambientes de partilha genuína de experiências, dúvidas e práticas pedagógicas.

Paralelamente, as peças gráficas criadas para divulgação das lives tiveram um papel que ultrapassou a função informativa. Ao organizar visualmente datas, temas e objetivos de maneira clara e hierarquizada, os materiais contribuíram para tornar a comunicação mais acessível e atrativa. Com o tempo, ficou evidente que os folhetos não eram apenas convites, mas também dispositivos de mobilização pedagógica. A linguagem

visual adotada dialogava com a proposta formativa e ajudava a construir uma identidade para os encontros.

Ao final do percurso, as lives consolidaram-se como espaços de aprendizagem colaborativa, marcados pela interação entre pares e pela reflexão crítica sobre a prática. A experiência evidenciou que, quando há intencionalidade pedagógica e cuidado na comunicação visual, é possível fortalecer vínculos, promover pertencimento e contribuir para a construção de uma comunidade de aprendizagem mais engajada e participativa.

Site institucional

Outro meio de divulgação que se mostrou fundamental ao longo do processo foi o site institucional do #CasaLibras. Desde o início, percebemos que não bastava divulgar informações de forma pontual nas redes sociais; era necessário concentrar, em um único espaço, todos os dados referentes ao 4° Campeonato, bem como registrar as ações e eventos das edições anteriores.

Ao organizar esse conteúdo no site, compreendemos que ele não funcionaria apenas como um espaço informativo, mas como uma plataforma estruturada de comunicação institucional. A preocupação foi garantir clareza, acessibilidade e transparência, permitindo que escolas, professores, estudantes e demais interessados encontrassem facilmente regulamentos, cronogramas, materiais formativos e registros das atividades já realizadas.

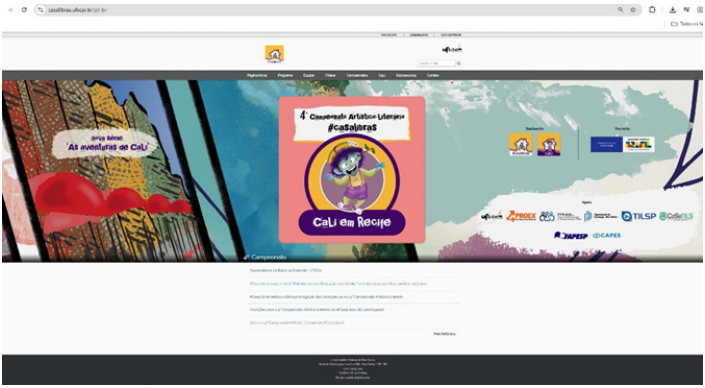
Durante esse processo, ficou evidente que o site se tornava uma interface estratégica entre a equipe organizadora e

o público externo. Cada decisão – desde a organização das abas até a disposição dos conteúdos – foi pensada para favorecer uma navegação intuitiva e uma compreensão clara das informações. A identidade visual do campeonato também foi incorporada ao ambiente digital, reforçando a unidade estética e a coerência comunicacional.

Com o tempo, o site passou a assumir uma função ainda mais significativa: além de divulgar o campeonato, consolidou-se como espaço de memória institucional. Ali ficaram registrados os percursos, as produções e as experiências das edições anteriores, fortalecendo a continuidade histórica das iniciativas do #CasaLibras.

Essa experiência evidenciou que o ambiente digital não é apenas um suporte técnico, mas um elemento ativo na construção da visibilidade e da credibilidade institucional. Ao estruturar cuidadosamente o site, foi possível ampliar o alcance da proposta, fortalecer o diálogo com a comunidade escolar e consolidar o posicionamento do #CasaLibras no cenário digital.

Figura 24. Site institucional do #CasaLibras.



Fonte: captura de tela do site casalibras.ufscar.br.

Considerações finais

Ao final do percurso, avaliamos que o objetivo de desenvolver uma identidade visual consistente e materiais bilíngues acessíveis foi, de fato, alcançado. Ao longo da execução do campeonato, tornou-se evidente que a identidade visual não atuou apenas como elemento estético, mas como eixo estruturador de toda a comunicação do projeto. Ela garantiu unidade, reconhecimento e coerência entre as diferentes peças produzidas – do edital às peças digitais, das lives ao site institucional – fortalecendo a presença simbólica do campeonato e facilitando sua identificação pelo público.

Paralelamente, os materiais bilíngues cumpriram papel formativo e informativo fundamental. Percebemos que esses recursos não apenas orientaram os educadores participantes, mas também asseguraram que todas as etapas do processo fossem amplamente divulgadas e compreendidas. A integração entre Libras e língua portuguesa não foi concebida como simples tradução, mas como uma articulação intencional entre duas línguas que dialogam e se complementam. Essa escolha ampliou o acesso à informação, reforçou o compromisso com a acessibilidade e fortaleceu práticas alinhadas aos princípios da educação bilíngue para surdos.

Nesse contexto, a identidade visual e a proposta bilíngue atuaram de forma integrada: enquanto a primeira organizava, hierarquizava e dava visibilidade às ações, a segunda assegurava que o conteúdo chegasse de maneira inclusiva e culturalmente situada aos seus públicos.

O êxito do campeonato esteve diretamente relacionado ao caráter inovador da proposta e, sobretudo, ao comprometimento da equipe envolvida. Durante meses, dedicamo-nos à construção de soluções comunicacionais e pedagógicas que respeitassem as especificidades dos professores bilíngues e do público surdo. Esse processo exigiu escuta, ajustes constantes e decisões compartilhadas. Ficou evidente que produzir materiais acessíveis demanda planejamento interdisciplinar, clareza de intenção formativa e coerência entre concepção pedagógica e estratégia comunicacional.

Outro aspecto que se revelou fundamental foi a integração entre a coordenação geral e a equipe de mídias. Ao longo do trabalho, entendemos que conteúdo e forma não poderiam caminhar separados. A coerência entre o que se comunicava e como se comunicava potencializou o alcance das ações e fortaleceu a identidade do projeto. Essa articulação entre gestão pedagógica e comunicação visual ampliou a visibilidade do campeonato e contribuiu para mobilizar um número significativo de participantes.

Referências

ARNHEIM, R. **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. Tradução de Ivonne Terezinha de Faria. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARTINS, V. R. de O.; TORRES, R. C.; SILVA, A. M. da; BENGTSON, C. (org.). **Nova série 'As aventuras de CaLi' – CaLi em Recife**: 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras. São Carlos: Edesp-UFSCar, 2025.

STRUNCK, G. **Como criar identidades visuais para marcas de sucesso**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2007.

Gênero textual formulário de inscrição on-line: desafios da tradução para Libras

Ityara Aguiar da Silva Pinto Girke
Patrick Luciano de Oliveira

Introdução

O trabalho aqui relatado refere-se à tradução para Libras (língua brasileira de sinais) de um formulário de inscrição presente no edital do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras. O programa teve seu início em 2020 como um projeto cujo objetivo principal era a contação de histórias bilíngues (Libras e língua portuguesa) para crianças surdas e, posteriormente, a inserção de práticas educativas e produção de materiais pedagógicos focados em alunos surdos, trazendo consigo grande influência da cultura e do protagonismo desse público. Sendo uma iniciativa criada pelo programa, o campeonato reúne instituições bilíngues para participarem produzindo atividades educativas a fim de promover a Libras e dar destaque à população surda.

Como a proposta do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras foi que todos os materiais estivessem bilíngues e acessíveis, a tradução do formulário de inscrição das atividades também passou pelo processo de tradução e adequação para a Libras.

Após a realização das atividades artístico-literárias com os alunos surdos, seguindo as orientações do edital, os educadores deveriam fazer as inscrições de seus trabalhos por meio de um formulário Google. Para isso, era necessário seguir uma série de instruções, como: o preenchimento correto dos dados solicitados, o envio do arquivo da obra elaborada pelos alunos e relatório redigido pelo educador responsável. A partir dos dados enviados no formulário de inscrição, os materiais passariam por uma avaliação pela comissão julgadora, a fim de contabilizar os pontos de acordo com os critérios previamente estabelecidos no edital e selecionar os vencedores em 1°, 2° e 3° lugar em cada categoria.

Assim sendo, como todo campeonato, este também possuía algumas regras bem definidas que precisavam estar devidamente esclarecidas em língua de sinais, para que os educadores surdos não fossem desclassificados devido a uma informação transmitida de forma errada ou pelo fato de esta não estar suficientemente coesa em Libras.

A tradução do material foi feita por uma profissional Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS) formada e com mais de 20 anos de experiência e por um estudante do curso de Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa (TILSP) em fase de conclusão da graduação. Ambos já estavam familiarizados com o campeonato por também terem realizado a tradução do edital da competição anteriormente. Assim sendo, alguns desafios concernentes às questões tradutórias já haviam sido sanados na tarefa anterior, de modo que não houve novos desafios no que se refere ao conteúdo, vocabulário e às especi-

ficidades do gênero exposto. Sobre esse assunto, Girke, Fornari e Girke (2025, p. 126) afirmam que "o processo tradutório para a língua de sinais pode parecer simples a princípio, mas ele comumente apresenta desafios para a transposição de ideias e sentidos contidos nas entrelinhas do texto", mostrando a importância de um estudo prévio de análises e do trabalho em equipe.

Dessa forma, a dupla de tradução do formulário preocupou-se principalmente com as estratégias e os recursos tradutórios para que todos os participantes (surdos e ouvintes) pudessem ter as mesmas condições de participação na competição.

Preocupação com o gênero

O gênero textual é mais fortemente estudado pelo campo da linguística; no entanto, para que uma tradução seja assertiva, o tradutor e intérprete de Libras precisa conhecer as nuances e especificidades de cada um deles ao trabalhar com tais textos. O gênero textual caracteriza-se por ter um formato de comunicação, ou seja, há uma forma como determinado texto se propõe. Sua intenção é, por meio do uso da linguística, promover interações sociais e disseminar informações. Sendo assim, "não há como nos comunicarmos, a não ser através dos gêneros de texto orais ou escritos. Os gêneros textuais, como construtos de natureza social, cognitiva e linguística, funcionam como modelos de referência para o usuário da língua" (Barroso, 2011, p. 139).

Um texto, para que se enquadre em determinado gênero textual, precisa passar pelo crivo de alguns fatores, como a finalidade da mensagem, o tipo de interação pretendido e o usuário do gênero em questão, além de características variadas, cada

qual com suas especificidades. De acordo com Eggins e Martin (1997, p. 232), "cada texto parece trazer com ele algumas influências do contexto em que foi produzido. O contexto entra no texto pela influência das palavras e estruturas utilizadas pelos seus produtores".

Travaglia (2012, p. 365) afirma:

> O gênero se caracteriza por exercer uma função sociocomunicativa específica. Essas nem sempre são fáceis de explicitar. O gênero é um instrumento para a ação linguística na sociedade em situações tipificadas. Alguns exemplos de gêneros são: romance, novela, conto, fábula, apólogo, parábola, mito, lenda, caso, biografia, piada, notícia, certidão, atestado, mandado, procuração, artigo, tese, dissertação, resenha, tragédia, comédia, drama, farsa, auto, esquete, edital, convite, prece, oratório (sermão, discurso, etc.), didático, contrato, correspondência, denúncia, boletim de ocorrência, etc.

Dessa forma, entende-se que os gêneros textuais são fundamentais na comunicação de modo geral, possibilitando que a linguística promova diferentes formas de interação social e cultural a depender da mensagem pretendida e de quem usufrui deles. Dito isso, "o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais" (Marcuschi, 2008, p. 155-156).

Gênero textual: formulário de inscrição

Quando se fala em formulário de inscrição, é importante salientar que se trata de um gênero técnico-documental que tem campos específicos de preenchimento para possibilitar o ingres-

so/participação de alguém naquilo a que a inscrição se propõe, sendo caracterizado por coletar e filtrar informações necessárias para a decisão de deferimento ou indeferimento.

O preenchimento de um formulário de inscrição é um momento em que erros não são permitidos, pois podem acarretar numa possível desclassificação. Sendo assim, um formulário de inscrição precisa ter suas solicitações redigidas de forma clara e objetiva para que quem venha a preencher possa fazê-lo corretamente e sem duplas interpretações.

Convém, no entanto, destacar que o formulário de inscrição on-line é um gênero textual historicamente novo, em relação a outros usados na atualidade. Em pesquisas acadêmicas, por exemplo, há uma pluralidade de gêneros explorados, porém a temática de formulários de inscrição, especificamente, ainda é escassa, visto que é um gênero consideravelmente novo, principalmente no meio digital, por conta do avanço da internet. Os formulários de inscrição via Google Forms foram mais amplamente divulgados a partir do boom on-line decorrente do isolamento social no período da pandemia de Covid-19, período em que muitos eventos virtuais foram promovidos e cujas inscrições em formato on-line passaram a ser uma realidade mais notável. Além disso, há 15 anos, por exemplo, formulários de inscrição on-line não eram tão recorrentes como nos dias de hoje, pois não existia uma vasta demanda; a ascensão da tecnologia permitiu que houvesse uma ampliação de conteúdos disponíveis em formato digital, como cursos e faculdades de Educação a Distância, além de inscrições feitas digitalmente para facilitar o ingresso de pessoas.

As informações pedidas nesses formulários variam de acordo com a sua finalidade, mas geralmente seguem um padrão para identificação, fazendo a coleta de alguns dados básicos obrigatórios, como: nome completo, e-mail, documentos, endereço, profissão etc. A maioria dos formulários padroniza a forma de preenchimento de alguns dados, como dos documentos, em que se escrevem apenas os números, sem a presença de pontos (.) e traços (-).

Vale afirmar que o gênero formulário de inscrição vem se fazendo presente na sociedade há muito tempo, porém geralmente em formato diferente do apresentado neste artigo. Isto porque há uma peculiaridade no formulário de inscrição on-line (ou via Google Forms), com a presença de hipertextos e com respostas a "um clique", diferentemente do formulário de inscrição impresso, a ser preenchido manualmente.

Marcuschi (1999) identifica o hipertexto como "um processo de escritura/leitura eletrônica multilinearizado, multisequencial e indeterminado" (Marcuschi, 1999, p. 1). No caso do formulário de inscrição bilíngue, o texto em língua portuguesa e o link dividiram o mesmo espaço para que ambos os públicos (surdos e ouvintes) pudessem acessar o conteúdo em sua língua de conforto.

Figura 1. Imagem de como ficou o layout do formulário de inscrição.



Fonte: captura de tela do formulário de inscrição do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras.

Questões tradutórias do gênero em questão

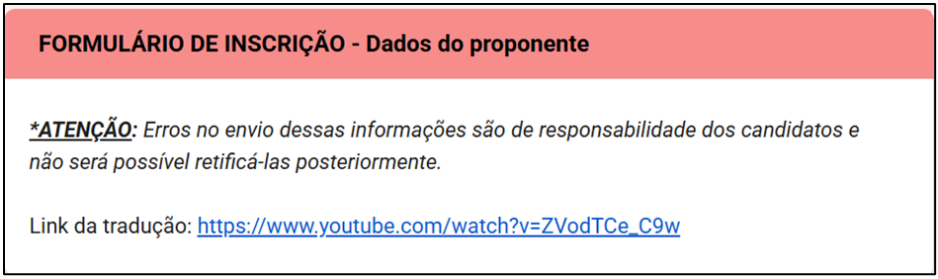
Cada gênero traz em si as características da forma de se enunciar, e tais particularidades são o que o faz diferente de outros gêneros. No que se refere à tradução para Libras, essas características devem ser mantidas no texto-alvo, para que ele seja condizente com o texto-fonte, ou seja, o ponto de partida da tradução. Santos (2014, p. 55) diz que o processo tradutório é criativo, "desde que se priorize a ideia central, os signos presentes na informação, sua forma, sua materialidade, para além da preocupação com informações semânticas".

É necessário salientar que, para alguns autores, há diferença entre o ato de interpretar e o de traduzir uma mensagem

de uma língua para outra. Enquanto interpretar está mais atrelado ao ato instantâneo, simultâneo entre as duas línguas, a tarefa de traduzir tem como premissa a presença de um texto escrito, havendo, assim, uma oportunidade de revisar o conteúdo que está sendo trabalhado "em busca de trazer os sentidos pretendidos do modo adequado" (Lacerda, 2009, p. 14).

Assim, informações importantes como a forma correta de preenchimento dos dados no formulário, a questão da impossibilidade de correção posterior das informações enviadas e a necessidade de não identificação dos nomes dos participantes nas imagens da produção anexada foram fatores de discussão e estudo sobre os quais os tradutores se debruçaram.

Figura 2. Um dos trechos do formulário de inscrição em que os tradutores trabalharam certas estratégias tradutórias. Tradução disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZVodTCe_C9w.



Fonte: captura de tela do formulário de inscrição.

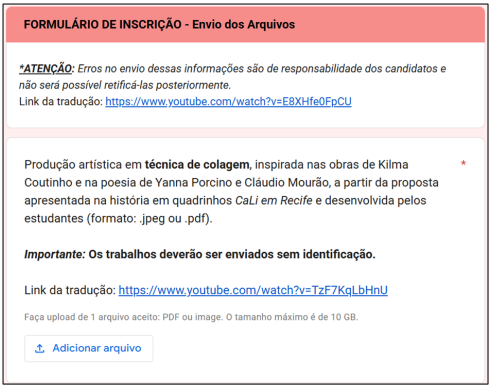
Dessa mesma forma, ao traduzir o formulário de inscrição do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, o mais importante era ter em mente o público-alvo dessa tradução, no caso, o público surdo. Pode parecer óbvio, mas isso faz completa diferença no resultado final, porque demanda adaptar toda a estrutura do português escrito para a Libras, verificando a todo

momento se a informação sinalizada está clara para as pessoas surdas. Quadros (2007, p. 27) ainda destaca que "o intérprete está completamente envolvido na interação comunicativa (social e cultural) com poder completo para influenciar o objeto e o produto da interpretação".

Dessa maneira, o sujeito tradutor e intérprete precisa conhecer muito bem a língua da qual pretende partir a tradução (língua-fonte), acompanhando as mudanças pelas quais ela passa, já que o conhecimento limitado dessa língua pode levar a traduções/interpretações equivocadas, que induzem o público-alvo a significações não pretendidas, nem pelo autor do texto, tampouco pelo tradutor/intérprete. Da mesma forma, o TILS precisa ter conhecimento amplo e significativo da língua-alvo, "buscando nela os modos mais adequados de significar aquilo que está sendo apresentado em outra língua" (Lacerda, 2009, p. 8).

A título de exemplo, uma das coisas mais relevantes a serem evidenciadas no formulário e que, se não obedecida, ocasionaria a desclassificação, era a obrigatoriedade de não identificação dos candidatos. Para fazer essa adaptação, a única alternativa foi traduzir no sentido literal e, assim, optou-se por usar o sinal de "nome" acompanhado de "não pode" ou "nada", visto que, para a comunidade surda, a palavra "identificação" pode ser ambígua ou simplesmente não tão conhecida quanto o sinal-termo "nome".

Figura 3. Trecho do formulário de inscrição na seção de envio dos arquivos.



Fonte: captura de tela do formulário de inscrição do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras.

Figura 4. Imagens dos sinais empregados na tradução.

		
"Não pode"	"Nome"	"Nada"[9]

Fonte: captura de tela da tradução do formulário de inscrição do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras.

Esse fenômeno não indica, necessariamente, falta de conhecimento por parte da comunidade surda, mas evidencia que a Libras tem sua gramática estruturada de maneira diferente da língua portuguesa, havendo a necessidade de adaptá-la para alcançar o entendimento em sua totalidade. Vale ressaltar que a comunidade surda geralmente não tem o domínio completo da língua portuguesa escrita pelo fato de esta ser considerada uma segunda língua para eles e ainda por ser de modalidade

[9] O vídeo completo pode ser visualizado em: https://www.youtube.com/watch?v=TzF7KqLbHnU.

diferente da Libras, sua língua de conforto, que é de modalidade visuogestual. Por essa razão, as informações ministradas em Libras são de mais fácil acesso para a população surda.

Brochado (2003, p. 30) afirma que,

> Considerando-se que o aprendiz de uma segunda língua (L2) parte de um estado inicial monolíngue, [...] em direção a um estado final bilíngue, associado à língua-alvo, a questão que muitos linguistas e psicólogos se colocam é como e quanto os dois sistemas linguísticos (L1 e L2) permanecem separados no cérebro dos falantes [...] ambas são línguas de modalidades diferentes (espaço-visual e oral-auditiva) e vias de recepção e expressão também diversas. Uma é adquirida visualmente e expressa-se por sinais, a outra possui a recepção auditiva e a expressão falada ou escrita.

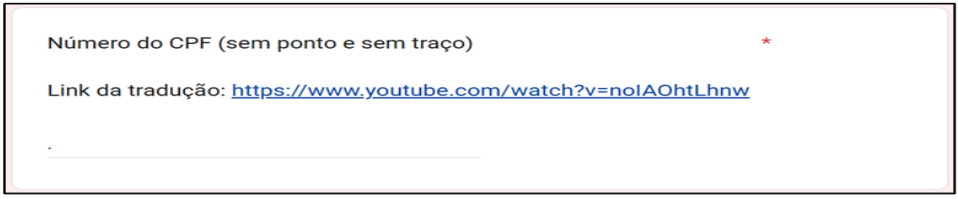
Isso é acessibilidade em sua forma pura, a importância de não apenas traduzir, mas desprender-se da língua-fonte. Um tradutor, de qualquer língua, para que seja um bom profissional, precisa enxergar além do produto, no entanto, analisando também todo o contexto em que determinado trabalho está inserido. Assim, "um profissional que não tem questionamentos, dúvidas, angústias, acaba se acomodando às práticas do cotidiano. Para promover esse tipo de reflexão é necessário que ele se veja atuando, que se coloque no lugar do outro, tentando significar e dar sentido a si mesmo" (Santos, 2014, p. 188).

Além disso, "o intérprete de Libras deve considerar as tantas significações e contextos possíveis resultantes dos/nos enunciados como um determinante para um bom desempenho" (Belém, 2010, p. 17). Desse modo, para que um tradutor de língua de sinais realize um trabalho de boa qualidade, é neces-

sário evitar a tradução literal e optar pela tradução de sentido, ou seja, a real mensagem que determinado texto pretende passar, levando em consideração a clareza do texto-fonte, a transparência de sua sinalização, suas habilidades e aptidões (bem como humildade para saber diferenciá-las) e o perfil dos surdos para os quais será feita a tradução. Conforme Lacerda (2009, p. 14) afirma, "Alguns autores advogam que o mais importante não é se ater a palavras – a chamada tradução literal – mas que é fundamental se ater aos sentidos pretendidos pelo locutor/enunciador na língua de origem e trabalhar para que estes sentidos cheguem para o outro na língua alvo".

Exemplificando essa questão com um trecho do gênero traduzido, uma das padronizações acordadas para o formulário era a instrução de que, no preenchimento do documento (CPF), deveriam ser excluídos os sinais gráficos ponto (.) e traço (-). Na tradução, optou-se por evidenciar o sinal de "nada" antecedendo os sinais "ponto" e "traço", como demonstrado a seguir.

Figura 5. Trecho do formulário de inscrição em que cada participante deverá preencher seu CPF.



Fonte: captura de tela do formulário de inscrição do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras.

A seguir, observam-se as imagens dos sinais empregados

para exemplificação:

Figura 6. Imagens dos sinais empregados na sinalização.



"Nada"	"Ponto"	"Traço"[10]

Fonte: captura de tela da tradução do formulário de inscrição do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras.

Dessa forma, a dupla de intérpretes priorizou uma sinalização mais visual e mais voltada para a gramática da Libras, intentando maior clareza na instrução a ser seguida no momento do preenchimento do formulário de inscrição pelos educadores surdos. Conforme apontam as autoras Martins e Torres (2021, p. 194), "percebemos a riqueza de descrição imagética que nos possibilita a imersão no seu discurso e a sensação de captura pela enunciação".

Metodologia

A tradução do formulário de inscrição foi realizada por uma dupla de intérpretes, como mencionado anteriormente. A metodologia de tradução deu-se por meio de reuniões de estudo coletivo (leitura do texto e apontamento das terminologias que precisavam de mais atenção e pesquisa), momento de estudo individual e, novamente, momento de discussão coletiva no momento da gravação dos vídeos. Conforme Girke, Fornari e Girke (2025, p. 128), "Nesse momento de gravação, o trabalho do intérprete de apoio é de extrema importância, pois este acom-

[10] O vídeo completo pode ser visualizado em: https://youtu.be/noIAOht-Lhnw?si=6qtVNwf701g1ru50.

panha o trabalho da interpretação e monitora a mensagem dita na língua fonte e a mensagem produzida na língua alvo pelo intérprete de turno".

Para a gravação dos vídeos, foi de muita importância o trabalho do intérprete de apoio, ou seja, enquanto um TILS sinalizava a tradução, o outro estava atento ao conteúdo da tradução, verificando se o texto sinalizado trazia o mesmo sentido do texto escrito em língua portuguesa. Isso porque "o centro do trabalho do intérprete está na percepção dos sentidos produzidos, e no melhor modo de fazer chegar ao outro este sentido, sem ficar preso a formas linguísticas da língua de partida" (Lacerda, 2009, p. 16), colaborando, assim, para os benefícios do trabalho em equipe de TILS.

Sempre que o intérprete de apoio percebia que alguma construção na sinalização não estava muito clara ou poderia ficar melhor, a gravação era interrompida para a discussão da melhor forma de realizar a tradução e de qual estratégia seria mais eficaz para transmitir tal informação em Libras. Santos (2014) afirma que, ao transmitir as informações, as palavras não são transpassadas como um ato mecânico, mas que o ato de traduzir (e interpretar) é perpassado por uma reflexão acerca dos significados pretendidos e sua contextualização por parte do TILS. Nesse sentido, Nóvoa (2007, p. 16) concorda afirmando que "não é a prática que é formadora, mas sim a reflexão sobre a prática. É a capacidade de refletirmos e analisarmos".

Ainda sobre a reflexão sobre a prática, Girke (2024) enfatiza que a mera reflexão isolada em si não necessariamente traz amadurecimento e aperfeiçoamento. A autora, com base

nos pressupostos de Vigotski, declara que, para o aperfeiçoamento das práticas interpretativas, é importante que haja uma reflexão mediada por seus pares, por um par mais experiente, e a mediação exercida pelo instrumento de trabalho, que no caso do presente texto era o gênero formulário de inscrição on-line e suas especificidades.

Após a gravação dos vídeos de todos os trechos previamente indicados no formulário on-line em língua portuguesa, os vídeos passaram por uma breve edição para a complementação do fundo e exclusão dos ruídos sonoros que porventura tivessem sido captados no momento da gravação.

Figura 7. Exemplo de imagem dos vídeos editados que compuseram o formulário on-line de inscrição.



Fonte: captura de tela da tradução do formulário de inscrição do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=f5PShj904i8.

Relatos de experiência sobre o processo de tradução

Esta seção apresenta as considerações individuais acerca da experiência do processo de tradução, refletindo sobre as

dificuldades e os aprendizados vivenciados pela equipe.

Enquanto membro da equipe de tradução do Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, fiquei majoritariamente responsável pela tradução do formulário de inscrição – uma das partes mais importantes do edital, pois, se qualquer falha fosse cometida no ato da inscrição, isso poderia acarretar na desclassificação dos candidatos. Desde evidenciar detalhes pequenos, por exemplo, ao preencher alguns números de documentos próprios que não poderia haver a presença de pontos e hifens, até detalhes mais importantes, como a proibição de identificação do candidato, eram nuances no texto a que nós, enquanto tradutores, precisávamos nos atentar. Foi uma experiência completamente nova, pois, apesar de em toda a minha graduação eu ter me deparado com a tradução de diversos tipos de gêneros, como músicas, poemas, sites, podcasts, seminários etc., a tradução de gêneros mais formais, como editais e formulários de inscrição, não esteve presente. Além disso, ser acompanhado de uma profissional tão experiente, cujo trabalho é tão admirado por mim, fez com que o processo tradutório tenha sido de grande enriquecimento acadêmico, possibilitando ampliar meu conhecimento de estratégias tradutórias, vocabulário e, sobretudo, de como traduzir um gênero textual mais formal, nunca antes explorado por mim.

Patrick

Tanto no momento do estudo prévio quanto na hora da gravação dos vídeos, nós nos preocupamos com algumas informações que não poderiam passar despercebidas pelos leitores do videotexto. Um pequeno erro ou alguma nuance do texto em língua portuguesa que não fosse transmitida para a Libras ocasionaria a desclassificação do educador surdo e a impossibilidade de sua participação no campeonato. Tivemos de acrescentar alguns sinais que, no texto da língua portuguesa, não estavam explícitos, mas que na língua de sinais se faziam necessários para a construção de sentido. Outro elemento importante de nossa preocupação com o texto em Libras foram as informações

que estavam em destaque no texto escrito. Como destacar, na sinalização, uma informação que, em língua portuguesa, apenas colocar em negrito já basta para chamar a atenção? Nesse caso, optamos por acrescentar o sinal de "preste atenção", com uma expressão facial bem marcante, para que, no momento da leitura do texto em Libras, tal informação não passasse despercebida. Foi muito satisfatório ver o resultado final. Percebemos que os desafios inicialmente levantados foram superados e que o gênero textual foi contemplado no videotexto, trazendo as mesmas nuances e também a necessária diferença de outros discursos interpretados e traduzidos por mim anteriormente. Essa foi a minha primeira experiência na tradução de um material neste gênero, formulário de inscrição on-line, mesmo já tendo experiência no ramo há mais de duas décadas.

Ityara

Conclusões

Um trabalho colaborativo em dupla é de extrema importância na área da tradução da língua de sinais, não apenas por uma simples divisão de tarefas, mas por possibilitar uma reflexão conjunta sobre as escolhas de estratégias tradutórias e, consequentemente, atingir o melhor resultado possível para que a comunicação atravesse a população surda de forma acessível. Esse trabalho colaborativo entre TILS resulta não somente na entrega de um produto de melhor qualidade, mas também desempenha uma função formativa para/pelo tradutor e intérprete de Libras. Os desafios encontrados são superados com o diálogo, a reflexão e as trocas de opiniões.

Ademais, é relevante considerar como o estudo, o preparo prévio e a familiaridade com o gênero em questão são inerentes a um trabalho de tradução para que este seja efetuado

com maestria.

Em tempo, sendo o formulário de inscrição on-line um gênero consideravelmente novo, vale dizer que é necessária uma maior gama de pesquisa sobre as características específicas desse gênero textual, principalmente no campo das pesquisas em linguística, para que assim novos conhecimentos no campo da tradução e interpretação para Libras possam ser produzidos, valendo-se de tais estudos, e dessa forma avançarmos nas estratégias e competências tradutórias para a língua de sinais.

Referências

BARROSO, T. Gênero textual como objeto de ensino: uma proposta de didatização de gêneros do argumentar. **Signum**: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 14, n. 2, p. 135-156, 2011.

BELÉM, L. J. M. **A atuação do intérprete educacional de Língua Brasileira de Sinais no Ensino Médio**. 2010. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2010.

BROCHADO, S. M. D. **A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira**. 2003. 431 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2003.

EGGINS, S; MARTIN, J. R. Genres and registers of discourse. **Discourse as structure and process**, [s. l.], v. 1, p. 230-256, 1997.

GIRKE, I. A. da S. P. **Ações formativas com Tradutores e Intérpretes de Libras para o aperfeiçoamento das práticas interpretativas**. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/21251. Acesso em: 3 mar. 2026.

GIRKE, I. A. da S. P.; FORNARI, R. V.; GIRKE, C. A. Quem sou eu? Van Gogh: processos de criação do vídeo em Libras. In: MARTINS, V. R. O.; TORRES, R. C.; BENGTSON, C. (org.). **Retratos de uma educação com surdos**: boas práticas no 3° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras. São Carlos: Edesp-UFSCar, 2025. p. 113-146.

LACERDA, C. B. F. **Intérpretes de Libras**: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação/Fapesp, 2009.

MARCUSCHI, L. A. **Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto**. 1999. Disponível em: http://web.uchile.cl/facultades/filosofia/Editorial/libros/discurso_cambio/17Marcus.pdf. Acesso em: 2 mar. 2026.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, V. R. de O.; TORRES; R. C. Aspectos culturais para a educação de crianças surdas: #CasaLibras em ação. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 56, p. 177-202, jul-dez, 2021. Disponível em: https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1666/1633. Acesso em: 1 mar. 2026.

NÓVOA, A. **Desafios do professor no mundo contemporâneo**. São Paulo: Sinpro-SP, 2007. Disponível em: http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf. Acesso em: 2 mar. 2026.

QUADROS, R. M. de. **O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. 2. ed. Brasília: MEC/Seesp, 2007.

SANTOS, L. F. dos. **O fazer do intérprete educacional: práticas, estratégias e criações**. 2014. 203 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas)

– Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

TRAVAGLIA, L. C. Aspectos da pesquisa sobre tipologia textual. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 361-387, 2012.

SEÇÃO 1 – Experiências premiadas

1º lugar

Relatório Docente das Práticas realizadas na EPG Crispiniano Soares – Guarulhos-SP

Silvia Ventura Ortiz
Larissa de Oliveira Santos

"Quando eu aceito a Língua de Sinais, eu aceito o surdo"
(Lucinda Ferreira Brito, Por uma gramática de Língua de Sinais)

O relatório documenta, de forma sistemática, o processo pedagógico de criação da colagem artística apresentada no 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, com análise crítica dos métodos, fundamentos teóricos e práticas adotadas, destacando o desenvolvimento artístico, linguístico e cultural dos educandos da Educação Infantil.

O processo iniciou-se com materiais disparadores, destacando a poesia como estímulo artístico. A expressão "colar", usada pela poetisa Yanna, despertou forte curiosidade e engajamento dos educandos, favorecendo a aprendizagem estética e linguística em Libras.

Figura 1. Educandos assistindo aos materiais disparadores.



Fonte: https://youtube.com/shorts/bbFBu0esaT0?feature=share; https://youtube.com/shorts/rjuIY2_lFMw?feature=share.

A apresentação da história em quadrinhos *As Aventuras de CaLi: CaLi em Recife* despertou encantamento e curiosidade nos educandos, que interagiram ativamente com o material impresso, promovendo trocas narrativas e sinalizações em Libras. A atividade estimulou a linguagem visual, a expressão comunicativa e o aprendizado lúdico em ambiente criativo.

Figura 2. Educadora ensina sinal de Pernambuco, e educandos recontam a história em quadrinhos de CaLi.



Fonte: https://youtube.com/shorts/zfr1s6hGS2M?feature=share; https://youtube.com/shorts/mKvkVrQPoqY?feature=share.

Na continuidade do percurso pedagógico, os educandos assistiram a vídeos introdutórios sobre técnicas de colagem e sobre o trabalho artístico de Kilma Coutinho, aprofundando seus conhecimentos e contemplando obras inspiradas em direitos humanos, com destaque para a valorização da mulher surda nordestina e da cultura recifense. Para enriquecer o repertório cultural, foram exibidos vídeos sobre tubarões, frevo, praias e outros temas regionais, com abordagens lúdicas e criativas.

Após essa fase, iniciou-se a etapa prática, com a colaboração das famílias no envio de materiais recicláveis, permitindo

a experimentação das técnicas e a criação coletiva das colagens. Uma funcionária da merenda também doou revistas de venda de cosméticos para uso nas atividades. A etapa inicial envolveu a criação de colagens de rostos e corpos femininos, com os educandos selecionando e recortando imagens para compor figuras únicas. Apesar dos desafios relacionados à coordenação motora fina, especialmente pela pouca idade dos participantes, todos se dedicaram intensamente. O resultado revelou produções visualmente ricas e indicou avanços nas habilidades artísticas e cognitivas do grupo.

Figura 3. Início do processo de colagem.



Fonte: fotografias tiradas pelo educador.

A proposta pedagógica incluiu a pintura de um galho, inspirada nas obras de Kilma Coutinho, e a composição de uma figura feminina com o galho na orelha, simbolizando o protagonismo da mulher surda. A busca por elementos naturais ampliou a experimentação estética, e os educandos demonstraram autonomia e domínio criativo, consolidando aprendizagens. O mascote CaLi foi integrado ao projeto por meio de desenhos para colorir gerados com inteligência artificial, estimulando a expressão artística e a sinalização em Libras. A atividade fortaleceu a identidade surda e desenvolveu competências comunicativas e visuais.

Figura 4. Pintura do desenho do CaLi.



Fonte: https://youtube.com/shorts/gbc5BikB9Io?si=WokBVVzmCuzwY0l0.

A transposição da HQ As Aventuras de CaLi: CaLi em Recife para animação foi exibida em sala de aula, permitindo aos educandos vivenciar a narrativa de forma audiovisual. Como atividade domiciliar, os familiares foram convidados a assistir ao vídeo com as crianças, que depois expressaram suas impressões por meio de desenhos autorais, promovendo a expressão artística e reforçando os conteúdos trabalhados.

Figura 5. Atividade com as famílias.



Fonte: https://youtube.com/shorts/xwJh0LVwxlo?feature=share.

Dando continuidade às atividades, os educandos exploraram a temática aquática por meio da pintura de uma onda, representando o mar de Recife e promovendo a contextualização cultural. Em seguida, buscaram em revistas imagens relacionadas à água ou em tons de azul, ampliando o repertório visual. Cada seção foi dedicada a uma cor, favorecendo o aprendizado de vocabulário em Libras e a compreensão das nuances cromáticas. Os fragmentos selecionados foram colados coletivamente para formar o mar, e a figura de um tubarão feita com jornal foi integrada à colagem, enriquecendo a narrativa visual e destacando elementos da cultura recifense.

Figura 6. Nossa turma e suas colagens.



Fonte: https://youtube.com/shorts/NAd3RdOJFGk?si=i5xf0UnyFFLllBeG.

Para encerrar o exercício de colagem, os educandos desenharam um coração inspirado na poesia Eu, surda... vida que pulsa!, preenchendo-o com elementos vermelhos que simbolizam o pulsar da vida e a força da identidade surda. A atividade integrou expressão artística e sensibilidade temática, aprofundando os processos criativos e a percepção cromática dos participantes.

A produção artística para o 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras foi precedida por etapas preparatórias fundamentais, que possibilitaram aos educandos se apropriarem das técnicas de colagem de Kilma Coutinho. Esse percurso favoreceu não apenas o domínio estético, mas também a compreensão dos significados ligados ao protagonismo surdo e à

representação da mulher empoderada. A trajetória formativa valorizou a arte como potência emancipatória, articulando saberes e experiências para fortalecer a identidade dos participantes e ampliar seu repertório cultural.

Figura 7. Obras de arte da artista Kilma Coutinho.



Fonte: materiais disparadores (https://www.casalibras.ufscar.br/pt-br/campeonatos/4o-campeonato/materiais-disparadores-e-complementares).

Das obras de Kilma Coutinho, foram selecionadas obras que remetessem ao fundo do mar, em consonância com a temática já explorada pelos educandos. Para aprofundar a compreensão do processo compositivo da obra coletiva, utilizaram-se recursos de inteligência artificial como apoio visual e metodológico, facilitando a assimilação das etapas criativas inspiradas na trajetória artística de Kilma Coutinho.

Figura 8. Criações utilizando a inteligência artificial.



Fonte: criadas a partir do Gemini.

Diante da limitação dos resultados obtidos com inteligência artificial, optou-se por um esboço manual em papel para concretizar a proposta visual coletiva. Com o desenho definido, escolheu-se o papel Panamá de 1,9 mm pela sua resistência e tamanho, permitindo ampla participação dos educandos. A secretaria da escola colaborou na ampliação do esboço, viabilizando a reprodução da onda em grande escala.

A onda, elemento central da obra, foi escolhida por seu forte simbolismo: representa a fluidez da vida, a força da natureza e a busca por liberdade, além de refletir superação e transformação. Para compor sua estrutura, inicialmente se pensou em usar garfinhos e colheres plásticas recicláveis, mas optou-se apenas pelos garfinhos, por melhor atender ao efeito desejado.

Antes da colagem, os educandos pintaram a base para marcar o fundo da onda e organizar os garfinhos brancos e azuis. A aplicação com cola quente foi supervisionada para garantir segurança. O envolvimento ativo dos participantes em todas as etapas favoreceu o desenvolvimento de habilidades artísticas, motoras e cognitivas, consolidando os objetivos pedagógicos do projeto.

Figura 9. Educandos usam as técnicas de colagem na produção da nossa obra.



Fonte: fotografias tiradas pelas educadoras.

Com a conclusão da estrutura da onda, os educandos avançaram para a composição do mar e do céu, reforçando o caráter artístico e experimental do projeto. Pintaram folhas de jornal em variados tons de azul, criando efeitos cromáticos expressivos. Após a secagem, os recortes ondulados representaram o mar, aplicados horizontalmente, enquanto tiras verticais formaram o céu, distinguindo os planos visuais. A aplicação de cola com rolinhos deu acabamento semelhante ao verniz, favorecendo a aderência e o refinamento estético. O processo evidenciou domínio técnico e o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e sensíveis, alinhadas aos objetivos pedagógicos.

Figura 10. Técnicas de pintura e colagem.

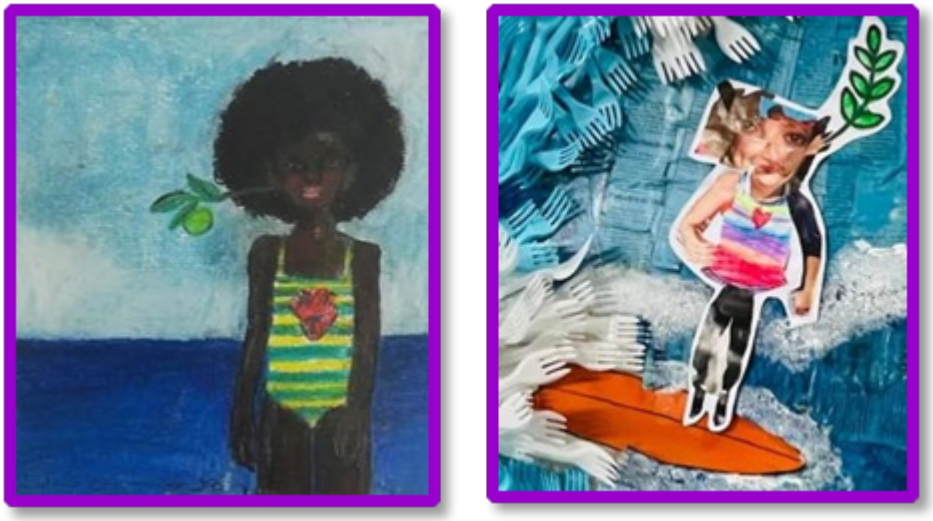


Fonte: fotografias tiradas pelas educadoras.

A imagem da mulher surda empoderada surfando, presente na colagem inaugural dos educandos, transcende o esporte e torna-se símbolo de superação, liberdade e protagonismo feminino. Ao ser situada na paisagem recifense, conecta-se à identidade regional e à obra de Kilma Coutinho, que valoriza

mulheres em espaços de escolha própria. O surfe, historicamente masculino, é ressignificado como território de conquistas femininas, expressando autonomia e enfrentamento de adversidades. A prática, exemplificada por atletas como Maya Gabeira, revela força e resiliência, inspirando outras mulheres. A trajetória do surfe feminino reflete a luta por equidade de gênero e consolida-se como referência para novas gerações.

Figura 11. Mulher surfista surda como inspiração para nossa obra.



Fonte: materiais disparadores (https://www.casalibras.ufscar.br/pt-br/campeonatos/4o-campeonato/materiais-disparadores-e-complementares) e fotografia tirada pela educadora.

A composição do cardume de peixes, feita com as mãos e os olhos dos educandos, inspira-se na poética visual de Kilma Coutinho e carrega forte simbolismo da cultura surda. As mãos representam a identidade, a comunicação e a língua de sinais, sendo o principal símbolo da comunidade surda. Os olhos, por sua vez, destacam a centralidade da experiência visual como

forma de interação com o mundo. Essa escolha reforça a valorização da expressão visual e da identidade cultural dos participantes, integrando arte e significado em uma proposta sensível e representativa.

Figura 12. Peixes como inspiração para nossa obra.



Fonte: materiais disparadores. - https://www.casalibras.ufscar.br/pt-br/campeonatos/4o-campeonato/materiais-disparadores-e-complementares e fotografias tiradas pelas educadoras.

A presença dos tubarões na obra traz forte carga simbólica, refletindo a relação cultural de temor e vigilância associada aos ataques recorrentes nas praias de Boa Viagem, em Recife. Mais que um elemento estético, os tubarões representam alerta, resistência e memória coletiva, conectando a produção artística ao contexto regional e às experiências vividas pela comunidade.

Figura 13. Tubarões.



Fonte: fotografias tiradas pelas educadoras.

A figura do sol, no contexto recifense e pernambucano, carrega um forte simbolismo de força, energia e espírito libertário, especialmente ligado à Revolução Pernambucana de 1817 e à bandeira do estado. Sua inserção na produção artística estabelece uma conexão significativa entre história, cultura e identidade, enriquecendo o projeto educativo com sentidos de emancipação e resiliência.

Figura 14. Bandeira do Pernambuco como inspiração para nossa obra.



Fonte: bandeira do Pernambuco - https://www4.planalto.gov.br/ods/eventos-ods/bandeiras-do-brasil/pernambuco/image_view_fullscreen e fotografias tiradas pelas educadoras.

O coração, elemento central da composição, simboliza a vitalidade e o "motor da vida", indo além do aspecto estético para expressar força, energia e sensibilidade. Inspirado na obra Eu, surda... vida que pulsa!, ele reforça os princípios do projeto educativo. Sua presença na roupa de banho da mulher surfista destaca o protagonismo feminino e a potência simbólica da identidade surda na narrativa visual.

Figura 15. Coração como inspiração para nossa obra.



Fonte: materiais disparadores (https://www.casalibras.ufscar.br/pt-br/campeonatos/4o-campeonato/materiais-disparadores-e-complementares) e fotografia tirada pela educadora.

Cada elemento criado pelos educandos para a obra coletiva revela o cuidado metodológico e a intencionalidade estética e simbólica desenvolvida ao longo do percurso formativo. O processo evidencia o comprometimento dos participantes com uma produção artística integrada, fruto de escolhas conscientes que articulam técnica, criatividade e identidade cultural surda. A obra finalizada pode ser contemplada a seguir, permitindo uma apreciação integral dos elementos visuais e simbólicos que compõem sua narrativa artística.

Figura 16. Nossa obra finalizada.



Fonte: fotografia tirada pela educadora.

O percurso pedagógico evidenciou avanços significativos nas aprendizagens artísticas e comunicativas dos educandos, com destaque para o uso da história de CaLi, a valorização da cultura surda e recifense, e a aplicação das técnicas de colagem inspiradas em Kilma Coutinho. A participação ativa dos alunos e o envolvimento da comunidade escolar fortaleceram vínculos e ampliaram o repertório cultural. A obra coletiva integrou elementos simbólicos como a mulher surfista, o sol, os tubarões e o coração, promovendo reflexões sobre identidade, liberdade e pertencimento. A experiência reafirmou o poder transformador da arte e da educação inclusiva.

Relatório Docente das Práticas realizadas na EPG Anísio Teixeira – Guarulhos-SP

Larissa Daniele de Jesus Coelho
Valéria da Silva Bezerra

Quem somos

O presente documento visa expor o processo didático-pedagógico da produção artística de educandos surdos que fazem parte de uma sala bilíngue de surdos multisseriada de 3°, 4° e 5° anos do Ensino Fundamental I, inserida em uma Escola-Polo (EPG Anísio Teixeira) da Rede Municipal de Guarulhos. A Libras é a língua de comunicação e instrução na sala de aula, tendo o português na modalidade escrita como segunda língua. Assim sendo, as aulas são ministradas em língua de sinais.

A turma é composta de dez educandos, sendo quatro meninas e seis meninos, com faixa etária entre 9 e 11 anos. São atendidos por duas professoras ouvintes bilíngues, e, infelizmente, não temos professor(a) surdo(a) em sala. Todas as crianças são surdas, sendo duas delas surdas com TEA (Transtorno do Espectro Autista). Dos dez alunos, seis têm implante coclear. Dois educandos possuem boa habilidade na leitura orofacial e com oralização razoável, todavia, nenhum deles utiliza o português oral na escola. Todos tiveram acesso à Libras apenas após se-

rem matriculados na escola-polo, quando tinham, em média, 5 anos de idade.

Para a organização da confecção dos quadros, a turma foi dividida em dois grupos (compostos de 5 crianças cada). Durante todo o processo, as discussões, orientações e trocas foram conduzidas em Libras e, consequentemente, respeitando a língua matriz[11] dos estudantes, valorizando, assim, a experiência visual. As professoras mediaram o diálogo, incentivando cada educando a relacionar suas percepções pessoais com os elementos artísticos apresentados. Os detalhes do processo de produção das obras das crianças estarão nos próximos tópicos.

Contextualizando a competição

Queremos esclarecer que, a partir daqui, usaremos a 1ª pessoa do plural, pois todo o processo de ensino-aprendizagem realizado em nossa participação no campeonato foi construído por diversas mãos sinalizantes, e, nisso, há não somente as professoras, mas, principalmente, as crianças, já que elas foram,

[11] Sobre a definição da Libras como língua matriz das crianças surdas, baseamo-nos nos estudos de Peluso (2024) e Martins e Peluso (2025). Segundo a perspectiva teórico-metodológica dos autores, a "língua de sinais (língua matriz) e a língua portuguesa (língua adicional) desempenham funções distintas e essenciais para o sujeito surdo". Os teóricos expõem que a língua matriz é "considerada a 'língua do coração' e do afeto, [...] crucial para o desenvolvimento das funções constitutivas, proporcionando conforto subjetivo" (Martins; Peluso, 2025, p. 153). Já a língua portuguesa surge "como a 'língua política'", pois é "a via pela qual as informações cotidianas e de massa são disseminadas socialmente" (Martins; Peluso, 2025, p. 153). Martins e Peluso (2025, p. 145) afirmam, baseados na pedagogia surda, que a língua de sinais surge como crucial para a construção integral das pessoas surdas, pois ela desempenha "um papel fundamental no desenvolvimento de habilidades linguísticas, textuais e discursivas". Em suma, essa vertente "valoriza as especificidades visuais das pessoas surdas" com destaque na utilização "das línguas de sinais nas práticas educativas" (Martins; Peluso, 2025, p. 145).

durante todo o trajeto, as protagonistas, aspecto mais significativo na produção de seus quadros.

Apresentamos aos educandos a proposta do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, explicando que trabalharíamos a partir da releitura das obras da artista surda Kilma Coutinho, em diálogo com o poema de Yanna Porcino e Cláudio Mourão. A princípio, por meio do vídeo explicativo *O que é colagem?! Vem aprender com a Kilma Coutinho!*, disponibilizado nos materiais disparadores do 4° Campeonato,[12] as crianças receberam informações sobre o concurso, bem como sobre as artistas que serviriam de inspiração para suas futuras produções.

Primeiramente, focamos em Kilma Coutinho, conversamos sobre a técnica de colagem utilizada pela artista e a composição de seus quadros. Posteriormente, fornecemos revistas, tesoura, cola e folha de sulfite A3, com o intuito de que as crianças, individualmente, produzissem quadros, de modo livre, utilizando a técnica de colagem de Kilma. Os educandos realizaram releituras das obras de Kilma Coutinho, por meio de recortes e colagens, permitindo que observássemos como cada um compreendeu a proposta. É importante informar que, nessa etapa, não fizemos grandes intervenções, deixando que os estudantes produzissem suas colagens a partir do que haviam compreendido do vídeo disparador.

[12] Os materiais disparadores utilizados estão no site do campeonato, disponíveis no seguinte link: https://www.casalibras.ufscar.br/pt-br/campeonatos/4o-campeonato/materiais-disparadores-e-complementares.

Construindo inspirações

Com o intuito de trazer maiores intervenções a partir dos materiais disparadores do campeonato, na segunda etapa, retomamos a exibição do vídeo O que é colagem?! Vem aprender com a Kilma Coutinho, destacando a técnica de colagem de Kilma, na qual há o uso de sobreposição de recortes para elaboração das obras. Trouxemos os quadros que os estudantes produziram com o intuito de que refletissem sobre o modo como usaram (ou não) a técnica de sobreposição de imagens. Ressaltamos aqui que a intenção não foi apontar erros ou defeitos, mas exaltar as percepções das crianças, explicando com detalhes como se confecciona a composição de colagens sobrepostas, aspecto extremamente marcante no trabalho de Kilma. As crianças puderam sanar as dúvidas, expor suas compreensões sobre a técnica, além de repensar sobre como construir um quadro com colagem.

Em seguida, assistimos aos vídeos Obras da artista surda homenageada *Kilma Coutinho* e *Sobre a arte surda de Kilma Coutinho, por Cláudio Mourão* e *Yanna Porcino*, trazendo detalhes sobre a vida e obra de Kilma. Promovemos uma roda de conversa, na qual os alunos puderam compartilhar suas impressões sobre os quadros da artista plástica, quais as características marcantes e quais componentes lhes chamaram atenção. Também observamos atentamente as obras de Kilma Coutinho, refletindo sobre suas estruturas e mensagens construídas simbolicamente por meio das imagens coladas. Nesse momento, as crianças explanaram, com nossa mediação, as características marcantes e/ou que mais ocorrem nas obras de Kilma. Os

educandos perceberam, baseados nos vídeos e em nossas mediações, os aspectos em destaque (mulheres e o galho saindo das orelhas), imagens permanentes e algumas que, mesmo não surgindo em todos os quadros, apresentavam certa recorrência (coroa, coração, olhos, mãos).

Sentir para entender o poema

Depois, apresentamos os vídeos *Apresentando Cláudio Mourão e Yanna Porcino* e *Eu, surda... vida que pulsa*!, a fim de que as crianças conhecessem Yanna Porcino, bem como a poesia inspirada no trabalho de Kilma que a poetisa criou em parceria com Cláudio Mourão. Novamente, houve uma roda de conversa na qual os educandos surdos expressaram o que sentiram ao ver a poesia. Notaram que a poesia e a ilustração ao final do vídeo traziam uma forte referência à obra de Kilma e, ao mesmo tempo, pontos inéditos que se relacionavam diretamente à poesia e ao ser surda de Yanna. As crianças apresentaram percepções riquíssimas sobre as artes de Kilma e Yanna e, ao mesmo tempo, refletiram como é ser surdo num mundo composto, majoritariamente, de pessoas ouvintes.

Conhecendo o Nordeste

Na sequência, trabalhamos a história em quadrinhos (HQ) *CaLi em Recife* e, a partir da narrativa da HQ e roda de conversa sobre ela, dialogamos sobre os pontos turísticos e aspectos culturais do Recife, localizando o estado de Pernambuco no mapa, contextualizando a região Nordeste e suas manifestações artísticas, trazendo conversas sobre o frevo e o cordel. Em seguida, realizamos, coletivamente, a interpretação e produção

textual a partir das imagens.

Exploramos a literatura de cordel como arte literária pertencente à cultura nordestina por meio de leitura de alguns cordéis e rodas de conversa nas quais as crianças expuseram seus entendimentos e impressões. Posteriormente, apresentamos as características do cordel e como suas ilustrações são feitas por xilogravura. Explicamos como a xilogravura é realizada por meio do entalhe numa superfície de madeira com diversas ferramentas próprias para o trabalho. A imagem surge em relevo, no qual a tinta é aplicada para, em seguida, transferir no papel, produzindo uma impressão semelhante a um carimbo. Demos todos os detalhes do processo utilizando imagens e vídeos que expunham a construção das ilustrações por meio do entalhamento. Também conversamos sobre o cordel em Libras, apresentando a poetisa surda Klícia Campos,[13] bem como alguns cordéis criados pela artista.[14] Como atividade prática, os alunos fizeram releituras de xilogravuras de cordel, primeiramente com giz de cera e lápis de cor, depois utilizando tinta e placas de isopor para vivenciarem o processo da xilogravura. Essas produções foram selecionadas para compor a obra final.

[13] Klícia de Araújo Campos é a primeira cordelista surda do Brasil, poeta, tradutora e professora assistente de Linguística Aplicada com ênfase em língua de sinais brasileira (Libras) no Departamento de Libras da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Desenvolve atividades de pesquisa, ensino e extensão voltadas à literatura em Libras, com destaque para a coordenação de projetos como o Cordel das Mãos Surdas, Literatura Surda e Tradução Literária em Libras, além do Sarau de Mãos Arretadas (informações obtidas no currículo Lattes da artista, disponíveis em: http://lattes.cnpq.br/5677630902697735).

[14] Como materiais norteadores sobre a cordelista surda Klícia Campos, utilizamos os vídeos Cordel de mulher – Klícia Campos (https://www.youtube.com/watch?v=rlHZyqU0FIU) e Arte de Sinalizar: A Mulher Vaqueira – Klícia de Araújo Campos (https://www.youtube.com/watch?v=i-GHFnoM8ss).

Buscando imagens para a produção da releitura

Nessa etapa, fizemos uma listagem de características marcantes e que mais chamaram a atenção das crianças nos quadros de Kilma Coutinho e na poesia de Yanna Porcino e Cláudio Mourão (coração, coroa, orelhas, mulher, galho, cacto, coração, olhos, mãos, flores, Nordeste, Recife etc.). Subsequentemente, os educandos utilizaram netbooks e a internet para buscar imagens que desejassem incluir como elementos na releitura coletiva.

Em seguida, os estudantes procuraram elementos que os representassem enquanto crianças surdas, seus gostos e preferências (futebol, Stitch, Roblox, pipa, black power etc.). Além disso, transformamos as fotos das crianças em desenhos, por meio da inteligência artificial, para que pudessem pintá-las e preenchê-las livremente. Também fizeram recortes dos desenhos de cordel que criaram com variados materiais, conforme detalhamos no tópico anterior.

Essa parte do processo teve a intenção de proporcionar aos alunos a reflexão sobre o ser surdo, tendo como fontes de inspiração as artes de Kilma, Yanna e Mourão, e, ao mesmo tempo, preencher suas telas com suas vivências e personalidades.[15] Por isso, ao invés de uma simples reprodução de alguma

[15] Baseados em Stumpf et al. (2021), Martins e Peluso (2025, p. 159) afirmam que, ao se considerarem as "práticas enunciativas baseadas no [...] interesse dos alunos, utilizando referências do cotidiano deles" e, também, "a adoção de materiais artístico-literários usados nas comunidades surdas", possibilitamos, aos estudantes surdos, caminhos linguísticos, sociais e cognitivos enriquecedores. "Além disso, é fundamental considerar os aspectos da interculturalidade, adotando uma perspectiva cultural que integre marcadores das comunidades surdas" (Martins; Peluso, 2025, p. 159) em nossas práticas pedagógicas. Por isso a escolha de produções inéditas, expondo como as crianças se apropriaram da Arte Surda apresentada.

obra de Kilma, o caminho escolhido foi uma espécie de releitura com a produção de quadros inéditos, em que as crianças estavam fundamentadas em suas percepções sobre si, sobre os colegas de classe e sobre a arte surda trabalhada.

Transformando ideias em arte

Apropriadas de todo esse material, as crianças dividiram-se em dois grupos (com cinco crianças cada) e selecionaram, em conjunto, quais imagens e materiais utilizariam para a construção de suas telas. Os alunos trabalharam juntos, pensaram em quais espaços da tela ficariam as imagens, fotos, os desenhos por eles produzidos. Por fim, fizeram a colagem em cartolina e finalizaram seus quadros e, na sequência, os explicaram, dizendo quais elementos os compunham.

Retomamos a HQ por meio do vídeo *Animação da História em Quadrinhos "CaLi em Recife"*, a fim de relembrar as aventuras e peraltices do mascote na cidade pernambucana, e pensamos: e se CaLi levasse nossos quadros para expor no Museu? A partir disso, as crianças mandaram um recado para CaLi, dizendo o quanto seus quadros mereciam ser expostos, argumentando para que o mascote do programa #CasaLibras levasse suas telas para expor no Museu do Homem Nordestino.

Reflexões

Os alunos demonstraram em seus trabalhos não somente a inspiração na arte surda de Kilma, Yanna, Mourão e Klícia, mas, além disso, suas experiências, suas identidades, seus modos de ser e estar no mundo. O processo foi rico em trocas e

aprendizagens. Os educandos mostraram grande envolvimento, tanto nas rodas de conversa quanto nas produções artísticas. As telas revelaram compreensão estética, cultural e histórica, valorizando a identidade surda e ampliando o contato com diferentes linguagens artísticas.

Como já dito, as crianças tiveram contato tardio com a Libras, o que determina (mediante, é claro, outros fatores) o nível linguístico discursivo de cada um. Em contrapartida, elas conseguiram, cada uma a seu modo, expressar suas compreensões. É nítido o quanto o processo de ensino-aprendizagem experienciado propiciou reflexões primorosas e profundas nos alunos sobre a arte, o ser surdo, a mulher surda artista e, consequentemente, possibilitou que se apresentassem como crianças surdas num mundo no qual sua língua e cultura fazem parte de um grupo minoritário, mas repleto de riquezas e de formas de significar por meio da Libras, da arte e das experiências visuais.

Registros visuais

Seguem fotos das obras das crianças.

Mais fotos e relatos das crianças[16] sobre todo o caminho percorrido estão no seguinte link: https://www.youtube.com/watch?v=nfOwvTI0flE.

[16] Os responsáveis das crianças autorizaram o uso de imagem e assinaram a Declaração de Autorização de Uso de Imagem e Vídeo.

Figura 1. Quadro do grupo 1.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 2. Quadro do grupo 2.



Fonte: acervo pessoal.

Referências

MARTINS, V. R. de O.; PELUSO, L. Textualidade diferida na educação de surdos: conceitos e práticas pedagógicas. In: NASCIMENTO, L. C. R.; NOGUEIRA, A. S. (org.). **Linguagens e diferenças**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025.

PELUSO, L. Os Surdos, suas línguas e sua textualidade diferida. **Tradução em Revista**, n. 36, p. 203-223, 2024.

Relatório Docente das Práticas da Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Helen Keller – Caxias do Sul-RS

Jailza dos Santos Martins
Lisandra dos Reis
Natacha Soares Perazzollo

Este relatório tem como finalidade registrar o passo a passo do processo pedagógico desenvolvido para a produção da colagem artística apresentada no 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras. O desafio maior para os alunos foi compreender a cultura nordestina, tão distante das culturas do Sul do país. Iniciamos com colagens da fauna nordestina, artistas brasileiros com enfoque na região Nordeste e fomos além, incorporando outro artistas surdos, sempre priorizando os materiais disponibilizados pelo campeonato: a poesia de Yanna Porcino e Claudio Mourão e as obras de Kilma Coutinho. Todas as aulas e processos foram mediados pela Libras, todos os alunos são surdos, e o corpo docente é composto de dois professores surdos, das disciplinas de Libras e de Cultura Surda, e da professora ouvinte bilíngue, responsável pela disciplina de Arte, em dois períodos semanais, totalizando 90 minutos.

Os alunos que participaram do projeto são alunos do 6° ao 9° ano do Ensino Fundamental, totalizando 15 alunos surdos. A professora de Arte, ouvinte bilíngue, trabalha com eles

a partir do 6° ano; assim, alguns já tinham familiaridade com o método da professora e outros tiveram o primeiro contato.

As composições a seguir pertencem à sala de artes, que é compartilhada com todas as turmas da escola, tanto em nível municipal quanto em nível estadual. É o ateliê de artes da escola. Compartilham esse espaço desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Os trabalhos a seguir estão expostos na sala para provocar a criatividade e serviram de exemplo do que se configura um trabalho com colagens.

Figura 1. Exemplos de trabalhos com colagens.





Fonte: acervo pessoal.

Os alunos estavam habituados a trabalhar com diversas técnicas, no entanto a colagem nunca foi a forma final das composições produzidas, sendo usada como exercício de composição.

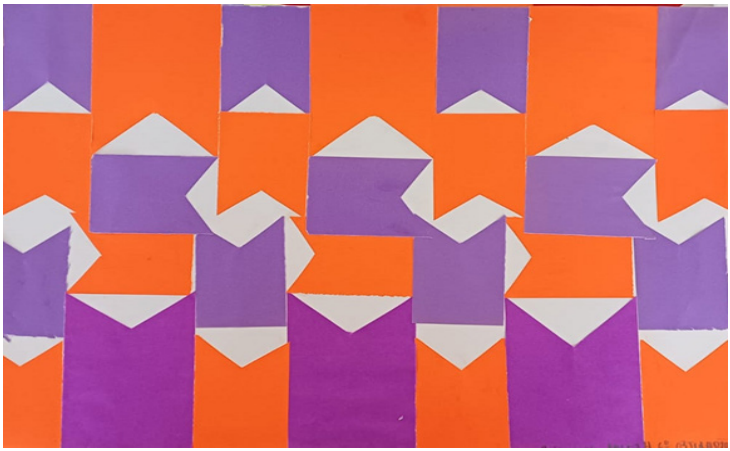
Figura 2. Exercício de composição.



Fonte: acervo pessoal.

Anteriormente ao projeto, os alunos compuseram obras com colagem de bandeiras de festa junina, recortadas de folhas coloridas A4 para origami, e tiveram acesso ao trabalho do artista Alfredo Volpi. A atividade tinha o objetivo de compor um trabalho visual com a forma geométrica das bandeiras das festas juninas. O vídeo foi criado na época da pandemia de Covid-19 e retomado esse ano. Segue link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=RgHH30DCtXQ.

Figura 3. Atividade de composição.



Fonte: acervo pessoal.

Os alunos são todos surdos, têm a língua de sinais internalizada desde a Educação Infantil e hoje frequentam do 6° ao 9° ano do Ensino Fundamental, totalizando 15 alunos. Os professores surdos das disciplinas da escola ministram as disciplinas de Libras e Cultura Surda.

Inicialmente partimos para a escolha das obras da artista Kilma que os estudantes desejavam trabalhar, e cada aluno podia escolher até quatro imagens da artista, que foram impressas

em folha A4, em cor ou em preto e branco. Também fizemos busca por imagens em revistas de notícias semanais – Veja, Isto É –, em revistas de venda de cosméticos – Avon, Natura – e em algumas revistas da National Geographic, dadas a qualidade de suas imagens e sua diversidade.

Cada aluno ganhou um envelope plástico A4, onde colocaram as imagens escolhidas, tanto das revistas disponibilizadas quanto das obras da artista Kilma Coutinho. Foram quinze envelopes nomeados e fechados com clipe binder. Na pasta da turma, as imagens perdiam-se e ficavam soltas, e, como as imagens tinham tratamento plástico ou papel reforçado, foi necessário investir nesse clipe específico.

Foram disponibilizadas aos alunos(as) outras obras de artistas surdos brasileiros que, preferencialmente, tivessem ligação com o Nordeste, como as obras de Tarsila do Amaral, Abaporu e Manacá.

Cada aluno recebeu uma folha A3 para iniciar as colagens; as primeiras colagens deveriam ser as obras de Kilma Coutinho.

Como disparador inicial, o poema Eu, surda... vida que pulsa!, de Yanna Porcino e Claudio Mourão, foi visto por diversas vezes, até que cada um soubesse que elemento do poema seria usado na construção da composição com colagem, podendo escolher frames para serem impressos para o trabalho em questão.

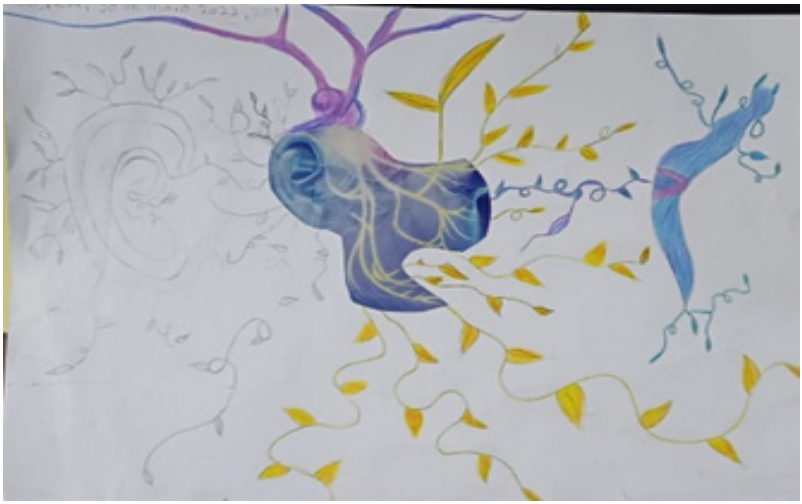
Dado o período do campeonato, que ocorreu entre agosto e novembro, durante o mês de setembro, mês de comemo-

rações do Surdo, os alunos tiveram diversas aulas com outra programação, como: teatro na escola, visita à sala de cinema com filme com janela de tradução em Libras, comemoração com brincadeiras na Sociedade de Surdos de Caxias do Sul (SSCS). Assim, foi necessário, como última alternativa, um mutirão de cedência de aulas para Artes.

Em função dos eventos, foi sugerido que os estudantes trabalhassem em folha A4, no entanto eles não quiseram e continuaram com a opção de folha A3. Argumento deles: "Queremos a mesma opção que os outros alunos".

Tivemos contratempos que geraram desconforto e outros aprendizados: os alunos desejavam colar o que viam de bonito para si nas imagens de revistas e se perdiam entre personagens, carros, utensílios, batons, unhas, prédios.

Figura 4. Início da composição.



Fonte: acervo pessoal.

Esse trabalho foi o início de nossa prática de composição para o campeonato, que partia de uma imagem para uma composição com linhas. Como incorporar mais de uma colagem em um trabalho em que a colagem fosse predominante?

Figura 5. Resultado de uma das composições.



Fonte: acervo pessoal.

O resultado foi essa composição, no entanto ela serviu para outro propósito. Explico.

O trabalho foi realizado por uma aluna que tem o "dom nato" para a arte, produz com qualidade e harmonia e demonstra às vezes ter um estilo próprio. É uma aluna do 6° ano, surda, com diagnóstico inicial de autismo, sem laudo.

Houve troca de período, e a turma do 8° e 9° anos, que é uma turma mista, questiona a personagem com flores.

– Por que ela não é branca? Está feia!

Prosseguiu o diálogo:

– Que cor tem a colega que fez o trabalho?

– Ela é morena.

– Ela é feia?

– Não, não.

– O colega "x", qual a cor de sua pele? O colega "y", qual a cor de sua pele? O colega "k", qual a cor de sua pele?

– Todos morenos! Entendi!

– São feios? A mulher da imagem é feia?

– Não, são normais. Posso perguntar?

– Sim.

– Por que não tenho professores negros? Ou morenos?

Muito, mas muito resumidamente expliquei as dificuldades das pessoas negras a partir desse exemplo. É óbvio que retornaremos ao assunto, que na verdade deveria ter mudado o rumo da aula, porém estávamos correndo contra os prazos do campeonato.

Os anos finais do Fundamental tiveram tempo suficiente para tomar certas decisões em seus trabalhos, inclusive de definirmos se os trabalhos seguiriam com ou sem fundo após as colagens. Como resolver? Os alunos do 8° e 9° anos fizeram uma enquete na escola com suas obras, que seguem abaixo.

Figura 6. Trabalho com e sem fundo.



Fonte: acervo pessoal.

Os alunos decidiram incorporar o elemento de frotagem para dar ideia de renda nordestina. A técnica de frotagem consiste sobrepor um papel em um plano com textura e pintar com giz de cera ou lápis de cor, para transferir tal textura para o papel. Segue imagem da atividade.

Figura 7. Exercício de frotagem com experimentação de cor.



Fonte: acervo pessoal.

Foi necessário criar algo que desse a eles a materialidade do que são as rendas produzidas pelas mulheres nordestinas. Os objetos utilizados foram rendas doadas pelas lojas de armarinhos, toalhas de crochê das famílias das crianças e guardanapos de material plástico, encontrados em lojas de utensílios domésticos.

Eles adoraram a textura e como era possível criar uma composição sem usar lápis de escrever para desenhar nada. Empolgaram-se!

Figura 8. Amostras de papel de parede.



Fonte: acervo pessoal.

Essas fotos são dos dois catálogos de papel de parede mais usados pelos alunos, pela cor, pelos pássaros e pelas variedades de flores que tinham. Tivemos sorte nas doações dos

catálogos para a colagem nas composições com a artista Kilma Coutinho. A cada ano ganhamos de um a três catálogos, mas para esse campeonato a escola conseguiu mais dois, como mostram as fotos a seguir.

Figura 9. Catálogos doados.



Fonte: acervo pessoal.

Com a era digital, encontrar revistas foi um desafio, então uma das possibilidades foram as revistas de cosméticos.

Figura 10. Revistas de cosméticos.



Fonte: acervo pessoal.

Sempre trazendo um elemento a mais para a venda de produtos, as revistas desse segmento oferecem opções de aro-

mas com adesivos, fator que distraía os alunos, os quais optavam às vezes pelo aroma, e não pela imagem, e foi um disparador que surgiu no caos da busca. Vários recortes de vidros de perfume ficaram sem função na composição final.

Figura 11. Professora e estudante trabalhando juntos.



Fonte: acervo pessoal.

A professora de Cultura Surda também produziu sua composição, e os alunos sentiram-se integrados numa atividade em que não havia hierarquia, só produção de algo em que todos estavam participando.

Figura 12. Início de uma das composições.



Fonte: acervo pessoal.

Este trabalho teve diversas modificações. Como as aulas são poucas, 90 minutos por semana, e espaçadas, as composições modificavam-se, pois não havia referência da montagem anterior. Pergunto-me se essa imagem já não estaria pronta? Não acabou ficando muito poluída? Vendo o processo, damo-nos conta de que houve várias possíveis finalizações no decorrer do caminho.

Figura 13. Processo de colagem.



Fonte: acervo pessoal.

Esta me parece uma das composições que estaria pronta nesse instante, porém os estudantes seguiram no processo. Não teria sido melhor ter parado aqui? O tempo, a pressa, as regras,

o edital, o desejo às vezes precisam ser controlados ou deixados um pouco de lado.

Figura 14. Formulário criado para escolha do envio dos trabalhos

2. Kilma Coutinho, artista tema do concurso, o trabalho deve ser produzido com colagens trazendo o protagonismo feminino e a cultura do nordeste. Escolha 2 imagens



Marque todas que se aplicam.



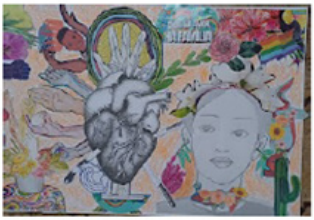
☐ O aluno se utilizou de outras obras de artistas Surdos com a colagem da obra de Kilma



☐ Kilma, poesia "Eu Surda", flora do nordeste e as rendas



☐ Aluno optou por imagens grandes e definindo claramente a flor, ramo que Kilma se utiliza nas obras



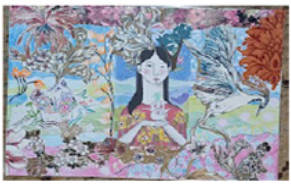
☐ O aluno não abriu mão do caração, mas optou pela imagem sem cor, a cor acontece nas mãos e na textura das rendas nordestinas



☐ A obra escolhida pelo aluno impressionou como a mão sai do corpo, assim o coração está fora, as mãos são a vida



☐ As escolhas partiram das imagens colhidas para depois optar pela obra de Kilma, pássaros e a liberdade



☐ Kilma e a vida que brota no todo, na composição de ser Surdo



☐ Kilma como uma feminista, com adesivos de palavras de ordem de nós as minorias, mulheres.

☐ Outro:



☐ A obra escolhida pelo aluno impressionou como a mão sai do corpo, assim o coração está fora, as mãos são a vida



☐ As escolhas partiram das imagens colhidas para depois optar pela obra de Kilma, pássaros e a liberdade



☐ Kilma e a vida que brota no todo, na composição de ser Surdo

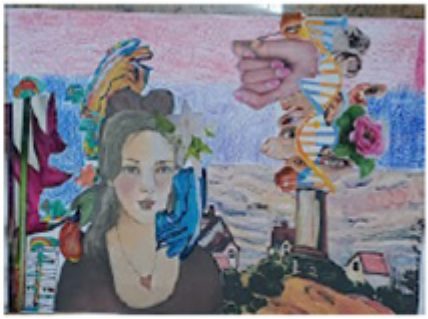


☐ Kilma como uma feminista, com adesivos de palavras de ordem de nós as minorias, mulheres.

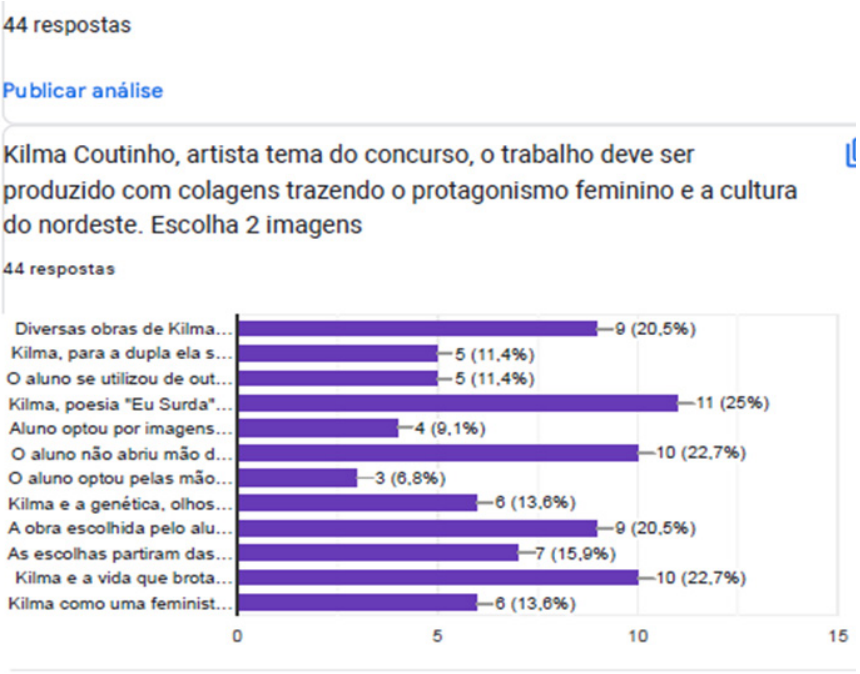
☐ Outro:



☐ O aluno optou pelas mãos coloridas de revistas, incorporou outras obras surdas e a textura das rendas nordestinas



☐ Kilma e a genética, olhos e mãos no sangue Surdo



Fonte: acervo pessoal.

As análises dos resultados obtidos por meio dos formulários levaram em consideração os itens exigidos na releitura da obra de Kilma Coutinho, e assim submetemos os seguintes trabalhos selecionados.

Figura 15. Trabalhos selecionados.



Fonte: acervo pessoal.

Relatório Docente das Práticas do Instituto Pedagógico de Apoio à Educação do Surdo de Sergipe (Ipaese) – Aracaju-SE

Mirelli Montes Dias
Gyslane Damares Feitosa Costa
Josevânia Santos Conceição

Esta análise crítica tem como objetivo detalhar a produção coletiva realizada por estudantes na atividade de Artes, centrada na construção de uma narrativa visual com ênfase na mediação em Libras. Os materiais escolhidos foram papelão como base, de dimensões 30,5 cm x 37,5 cm, papel A4 colorido, recortes de jornais e revistas, e barbante. Estes foram selecionados pela riqueza de detalhes que proporcionam. A proposta privilegiou a imagem e o espaço como veículos comunicativos, convidando os alunos a recriar representações que dialogassem com questões de identidade surda, território, gênero e autonomia. A análise a seguir descreve procedimentos observados, interpreta seus significados e apresenta considerações críticas e recomendações para intervenções futuras.

A base de papelão desempenhou papel mais do que estrutural: constituiu-se como "território" físico e simbólico da obra. Sobre o papelão foram demarcadas áreas de interação, e sobreposto a ele foi inserido jornal para um percurso visu-

al que orientou a leitura em Libras – atuando como o "palco" onde sinais, imagens e objetos estabelecem relações. O papel A4 colorido ofereceu planos de contraste e suporte gráfico para legendas, símbolos simplificados e sinais pictográficos, como o cacto, a coroa da mulher negra, as mãos, o fundo da orelha, o traço vermelho na orelha. Sua maleabilidade favoreceu experimentações de sobreposição e transparência.

Jornais e revistas trouxeram materialidade discursiva: manchetes e imagens foram recortadas e reconfiguradas, como a orelha, a mulher, os elementos identitários da comunidade surda inseridos na mulher, como as mãos, além de todos os elementos visuais no cacto – olhos, caju, diversos formatos de mãos –, tornando visíveis as narrativas hegemônicas sobre corpo, gênero e território, ao mesmo tempo que serviram de matéria-prima para a ressignificação e crítica. O barbante azul uniu o cacto a elementos da comunidade surda, e a cor azul foi escolhida para simbolizar o setembro surdo. Por fim, o barbante branco e os papéis coloridos representando as bandeiras juninas, típicas da região Nordeste, funcionaram como elementos de ligação e de traçado espacial – linhas que conectam símbolos, estabelecem trajetórias de leitura e simbolizam fronteiras ou vínculos da comunidade.

Figura 1. Trabalhos de colagem feitos pelos estudantes.



Fonte: acervo pessoal.

A mediação em Libras foi eixo orientador da proposta: a atividade considerou a Libras não apenas como tradução verbal, mas como lógica estruturante da composição visual. Observou-se que os alunos, ao trabalharem com formas e trajetórias (por exemplo, sobras de EVA e barbante), reproduziram princípios da língua de sinais – espacialização, simultaneidade e encadeamento sequencial –, transformando a obra em um texto visual acessível. A disposição vertical/horizontal dos elementos no papelão respondeu à necessidade de "campo de sinais" (espaço de articulação), enquanto as colagens de revista e jornal serviram como contraponto narrativo, oferecendo material semântico para que, em Libras, fossem articuladas histórias pessoais e coletivas. É crítico notar, porém, que a eficácia dessa mediação dependeu diretamente da presença de interlocução qualificada em Libras: quando a intervenção contou com orientações por usuários fluentes da língua (professores e/ou estudantes surdos), a riqueza semântica aumentou.

Figura 2. Estudantes trabalhando em suas obras.



Fonte: acervo pessoal.

O território, entendido tanto como espaço físico (escola, comunidade) quanto como lócus de pertencimento cultural, foi sugerido pelas linhas de barbante que demarcavam caminhos e limites – símbolos que põem em cena negociações de visibilidade e acesso. Em conjunto, os materiais permitiram que os estudantes construíssem uma narrativa plural, na qual a identidade surda não aparece como déficit, mas como matriz criativa.

A escolha por materiais reaproveitados incentivou a autonomia dos alunos. Observou-se tomada de decisões em diferentes níveis: seleção de trechos de jornal/revista, desenho e recorte de peças em EVA, definição de trajetórias com barbante e organização do espaço sobre o papelão. Essa autonomia não se limitou à técnica: implicou escolha de discurso – que vozes incluir, que imagens confrontar, que símbolos ressaltar –, configurando processos de alfabetização crítica. A autonomia precisa ser intencionalmente orientada; com mediação reflexiva, a

autonomia deve andar lado a lado com momentos de discussão coletiva e com a presença de referências surdas e de gênero que legitimem as escolhas dos alunos.

Entre os símbolos culturais trabalhados, destacam-se a mão como signo principal, o espaço assinalado pelo barbante e os fragmentos textuais dos jornais que revelam discursos. A integração desses signos encontrou ressonância quando acompanhados por relatos e explicitações em Libras – prática que enriquece a obra e assegura representatividade. Torna-se imprescindível que futuros projetos incorporem consultoria ou participação direta de sujeitos surdos, garantindo que os símbolos não sejam apenas estéticos, mas representem, de fato, saberes e vivências da comunidade.

A produção evidenciou a importância de promover inclusão, reflexividade e apropriação simbólica. A proposta, ancorada em materiais simples e acessíveis, demonstrou como a produção visual pode ser um território fértil para a mediação em Libras, para a visibilização da identidade surda e para práticas educativas que promovem autonomia e pensamento crítico. O uso articulado de papelão, sobras de EVA, papel colorido, jornal, revista e barbante constituiu não apenas uma estética possível, mas um dispositivo pedagógico de empoderamento cultural quando orientado por mediação linguística adequada e por uma postura crítica frente às representações de gênero e de território.

Figura 3. Equipe Ipaese.



Fonte: acervo pessoal.

Relatório Docente das Práticas Pedagógicas relativas ao 4º Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras – Nova série "As aventuras de CaLi" da Escola Municipal de Educação de Jovens e Adultos Prof. Sérgio Rossini – Campinas-SP

Edineia de Fatima da Silva
Nicolas Alves Henriques

Este relatório está dividido em seis partes. Na primeira, abordamos o início do projeto na escola, explicitando de que forma sua proposta foi apresentada aos alunos. Em seguida, expusemos quais foram os materiais disparadores utilizados, bem como de que forma ocorreu a utilização da Libras durante as aulas. Em seguida, descrevemos o processo de criação da colagem proposta e, à guisa de conclusão, formulamos algumas reflexões relativas à participação da escola no 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, bem como ao legado que deixará para nosso grupo discente. Por fim, enriquecemos este relato com imagens relativas às práticas pedagógicas desenvolvidas.

Início do processo

O desenvolvimento do trabalho iniciou-se com a apresentação da proposta do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras aos alunos. Explicamos que o objetivo central do projeto era promover o protagonismo dos alunos surdos, bem como valorizar e fortalecer as manifestações culturais dessa comunidade.

Durante a apresentação da proposta do campeonato, ressaltamos a importância do uso da Libras em todas as etapas de seu desenvolvimento. Destacamos também que a colagem artística deveria evidenciar características da região do Recife e abordar a temática dos direitos humanos. Além disso, como será detalhado no item seguinte, expusemos aos alunos, com o intuito de apoiá-los e inspirá-los na execução da colagem artística, materiais disparadores, como poesias, quadrinhos e vídeos relativos às manifestações artísticas de autores surdos, bem como à cidade de Recife.

Essa apresentação inicial, desenvolvida pela professora bilíngue da escola, profissional responsável por viabilizar de maneira mais efetiva as interações entre alunos surdos e ouvintes, bem como pelo professor de língua portuguesa, visou suscitar no grupo discente novas ideias com relação à produção da colagem. Todo o desenvolvimento da atividade seria, posteriormente, orientado e acompanhado pelos docentes supracitados.

Materiais disparadores

Em um primeiro momento, apresentamos aos alunos a história em quadrinhos CaLi em Recife, bem como a versão em

vídeo disponibilizada pelos organizadores do campeonato. Pesquisamos os sinais que aparecem na história, como o marco zero da cidade de Recife e a Praia de Boa Viagem, bem como o sinal do próprio personagem CaLi. Também mostramos aos alunos, a partir de um mapa digital, a região de Recife, com atenção especial aos locais apresentados na história. Explicamos em Libras toda a história em quadrinhos e pedimos aos participantes que compartilhassem com o grupo suas percepções. Eles se mostraram empolgados em saber que os vencedores do 1° lugar no campeonato teriam suas colagens integradas aos quadrinhos, uma vez que o personagem CaLi, na história, perdeu as produções que havia guardado.

Em seguida, falamos aos alunos sobre a participação de pessoas surdas no campeonato e mostramos o vídeo da apresentação de Cláudio Mourão e de Yanna Porcino, chamando atenção para as manifestações artísticas surdas, bem como para a maneira como o gênero poesia pode ser explorado em Libras. Explicamos a eles que ambos são surdos e que tal aspecto não os impede, de acordo com habitus próprios da comunidade surda, de expressar suas vivências a partir de criações poéticas. Após isso, eles assistiram à poesia denominada Eu, surda... vida que pulsa!, de Yanna Porcino e de Cláudio Mourão. Pedimos aos estudantes que prestassem atenção nas imagens e na sinalização em Libras, com o intuito de que sintetizassem suas impressões iniciais. O grupo discente realizou diversas observações; a maior parte delas, contudo, referia-se à surpresa causada pela sinalização em Libras por parte dos autores, uma vez que o uso da língua em um contexto artístico diferia do uso quotidiano a que estavam habituados.

Aproveitamos, igualmente, para mostrar aos alunos o vídeo sobre a arte de Kilma Coutinho, feito por Cláudio Mourão e Yanna Porcino, em que enfatizam a representatividade da mulher surda. Reproduzimos também o vídeo sobre a técnica de colagem empregada por Coutinho, apresentado pela coordenadora do programa #CasaLibras, Vanessa Martins. Mostramos aos estudantes, ainda, outros exemplos de colagens feitas por Coutinho, que estão no seu Instagram, em que a mulher surda está sempre representada com um galho no ouvido. Falamos sobre direitos humanos e separamos outras produções visuais que tratam de inclusão e respeito, ampliando o repertório dos estudantes e incentivando-os para as diferentes possibilidades criativas de colagem.

Por fim, mostramos o vídeo Obras da artista surda homenageada Kilma Coutinho e falamos novamente da importância do protagonismo surdo no campeonato. Propusemos, afinal, uma roda de conversa em que os alunos puderam expressar suas opiniões e compartilhar ideias sobre como representar os temas abordados para a produção de colagem artística.

Mediação em Libras

Durante todas as etapas do campeonato, as informações e orientações fornecidas pelos docentes, bem como as rodas de conversas e as discussões, foram mediadas em Libras pela professora bilíngue, garantindo o acesso pleno dos estudantes surdos, além de estimular a interação entre eles e os alunos ouvintes que assistiram à exposição. Os alunos ouvintes que estiveram presentes durante as aulas citadas realizaram outras

colagens inspiradas nos materiais que lhes fornecemos, mas não participaram da colagem-alvo deste projeto, que foi elaborada exclusivamente pelos alunos surdos. Essa mediação foi de extrema importância para que todos os alunos participassem ativamente sem barreiras de comunicação e oportunizou o aprendizado e desenvolvimento do passo a passo para a produção artística literária.

Criação da colagem artística

O processo de criação da colagem artística foi dividido em algumas etapas. Primeiro, os alunos surdos compartilharam entre si as ideias que tinham para a obra proposta, o que culminou na elaboração de um esboço em que foram abordados a cultura surda, as tipicidades do Recife e do Nordeste e os direitos humanos. Após chegar a uma versão que satisfizesse suas expectativas, selecionaram as imagens que julgaram mais adequadas, extraídas de revistas e de jornais, bem como de imagens que encontraram on-line, posteriormente disponibilizadas pelos professores.

Para representar a região do Recife, foram selecionadas imagens como: figuras de mar, de tartarugas marinhas, de tubarão, de pássaros, de barco, de uma ilha, de conchas do mar, de areia e do sol. Essas imagens foram utilizadas para representar a Praia de Boa Viagem, do Recife, bem como a fauna e a flora locais. Por isso, os estudantes optaram por imagens de casas coloridas, bem como de cactos e de um jacaré, em alusão ao sinal em Libras utilizado como referência à cidade em questão. A fim de representar a cultura surda e dar visibilidade à utilização da Libras, de que são usuários, os alunos surdos tiveram a ideia de

recortar pequenas mãos para simbolizar os cactos. A bandeira da comunidade surda também foi incluída na colagem artística como símbolo de união. O grupo acrescentou, também, um pequeno galho de baobá, árvore típica da região de Recife e que significa "árvore da vida".

Além das imagens mencionadas, também foi inserida a figura de uma mulher negra sinalizando a língua de sinais. De suas mãos surgem notas musicais, simbolizando a expressão de sentimentos e emoções, remetendo à ideia da musicalidade e poesia. O uso da imagem da mulher negra visou ir ao encontro do tema do antirracismo, que constitui um dos elementos norteadores de nossa prática docente coletiva, como consta do Projeto Político-Pedagógico de nossa escola. Contudo, para garantir uma representatividade mais autêntica e original da figura feminina, os alunos decidiram não usar uma imagem pronta, mas, sim, fotografar uma funcionária da escola, que trabalha há mais de 20 anos no local e que é muito querida pela comunidade escolar. A foto da funcionária foi transformada em desenho por meio de aplicativo de inteligência artificial, incentivando os alunos a utilizarem as novas tecnologias de forma crítica e responsável. A funcionária homenageada pelos estudantes sentiu-se muito honrada por ter sua imagem representada no 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras e reconheceu a importância da participação da escola no projeto.

Após a seleção das imagens, os alunos fizeram os recortes em conjunto, de forma colaborativa. Em um momento posterior, iniciaram a colagem artística, realizada com base no rascunho anteriormente realizado.

Reflexões

Consideramos que a participação dos alunos no campeonato tenha sido de grande importância no processo de reconhecimento das manifestações culturais surdas em nossa instituição de ensino. De forma semelhante, tratou-se de uma maneira de incentivar a interação entre alunos surdos e ouvintes. Como legado, consideramos que os alunos surdos poderão se sentir mais motivados durante práticas pedagógicas futuras, uma vez que puderam estreitar laços de amizade, além de terem suas idiossincrasias conhecidas e reconhecidas por colegas de sua sala. Além disso, os alunos ouvintes, que viram de perto o desenvolvimento da atividade por parte de seus colegas surdos, mostraram-se interessados em aprofundar seus estudos da Libras e em poder comunicar-se de maneira mais eficaz com seus colegas.

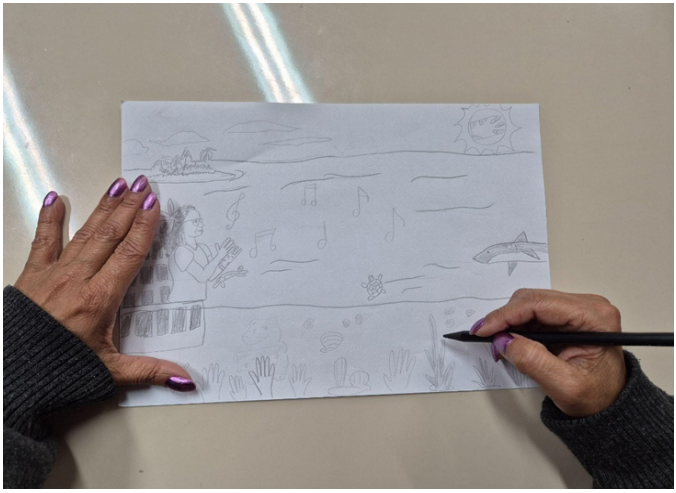
Registros visuais

Figura 1. Apresentação da proposta de trabalho para os alunos.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 2. Elaboração do rascunho da colagem.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 3. Elaboração da versão final da colagem.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 4. Alunos e professores conhecem Kilma Coutinho, Cacau Mourão, Yanna Porcino e a Profa. Vanessa Martins durante a cerimônia de premiação do campeonato, ocorrido na cidade universitária da UFSCar.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 5. Alunos, professores e equipe organizadora do campeonato seguram a bandeira de Campinas durante o evento de premiação.



Fonte: arquivo pessoal.

2º lugar

Relatório Docente das Práticas da Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos Anne Sullivan – São Paulo-SP

Luciana Barreto de Oliveira
Gisele de Fatima Scarpim
Priscilla Roberta Gaspar de Oliveira
Diego da Silva Vaz

Introdução

Ao longo de sua carreira, a artista Kilma Coutinho fez uso de diversas técnicas para se expressar de forma autêntica. Assim, como forma de referenciá-la, exploramos com os alunos uma grande diversidade de materiais e métodos para a execução das obras que fazem parte deste projeto.

Para além de referenciar a artista, o uso de materiais diversificados proporcionou uma aprendizagem ímpar para as crianças, que puderam desenvolver a criatividade e explorar os sentidos, interagindo com as cores, texturas e aromas diferentes enquanto produziam suas artes.

Para a execução das obras, foram empregadas diversas técnicas a fim de que as crianças pudessem se apropriar de no-

vas maneiras criativas de expressões artísticas, o que contribuiu para o enriquecimento da proposta.

Materiais empregados nas composições

Quanto à escolha dos materiais, optamos por aqueles mais adaptados à Educação Infantil. Dessa forma, utilizamos tinta guache, giz de cera e canetinhas hidrográficas para a parte da pintura. Quanto aos demais materiais para a composição, foram utilizados:

1. cartolina para o suporte – trata-se de um material versátil, e seu tamanho de 50 cm x 66 cm é ideal para que as crianças explorem sua liberdade criativa;
2. papelão para confecção dos moldes das mãos das crianças;

   impressões em papel fotográfico e sulfite e imagens retiradas de revistas;
3. tampinhas de garrafa coletadas pelos alunos;
4. letras móveis de plástico do alfabeto;
5. fitas coloridas de cetim;
6. plástico contact para produção de adesivos;
7. elementos naturais coletados com os alunos – galhos, flores, folhas e limões frescos.

Materiais disparadores utilizados

No início do projeto, os alunos foram apresentados à história em quadrinhos CaLi em Recife por meio de impressão encadernada, para que pudessem folhear individualmente, e por meio de projeção, para visualização em conjunto durante a explicação da história. Após a apresentação da história, foram disponibilizados desenhos do personagem para colorir.

Em outro momento, apresentamos a animação da história para as crianças, que fizeram desenhos do personagem e colagem com galhos com base na visualização de CaLi com o galho saindo da orelha.

Também apresentamos diversas imagens de Pernambuco retiradas da internet e buscamos alguns dos pontos turísticos visitados por CaLi na história em quadrinhos. Tendo em vista que na história o personagem visitou um museu com quadros, também realizamos uma vivência de pinturas em tela com as crianças, com o objetivo de aproximá-las do conceito de pinturas expostas em museus.

Em seguida, apresentamos às crianças a artista Kilma Coutinho e suas obras. Buscamos imagens nas redes sociais da artista e destacamos alguns elementos recorrentes em suas obras, como as mãos, que representam a comunicação dos surdos, e flores e folhas, que simbolizam a natureza surda, além da técnica de colagem, que guiou as produções.

Mediação em Libras

O projeto teve início com a apresentação da história de CaLi por meio de dramatização em Libras e exploração de imagens de Pernambuco para familiarizar as crianças com o tema. Nessa fase, focamos na sinalização de Pernambuco, de CaLi e nos seus elementos visuais marcantes, tais como a coloração, o galho saindo do ouvido e algumas características das suas vestimentas. Também apresentamos a sinalização da artista Kilma Coutinho, bem como dos elementos presentes em suas obras.

Em cada uma das etapas, apresentamos os materiais e as técnicas por meio de Libras, o que proporcionou ampliação do vocabulário das crianças de forma lúdica enquanto participavam das criações com entusiasmo.

Criação da colagem artística

Mãos de papelão

Iniciamos a composição com a confecção de mãos de papelão, usando as mãos das crianças como moldes. Esse elemento foi pensado para referenciar as obras da artista Kilma Coutinho, bem como reforçar a identidade surda das crianças.

Com os moldes traçados, auxiliamos no recorte do material e disponibilizamos tintas guache nas cores azul, amarela e verde para as crianças pintarem com o auxílio de rolinhos de espuma. As cores foram pensadas para reforçar a brasilidade da obra, tendo como base as cores da bandeira do Brasil.

Para compor os moldes de mãos azuis, buscamos inspiração nos elementos de papéis rasgados presentes nas obras da artista Kilma Coutinho, e como forma de apresentar a técnica às crianças promovemos uma atividade lúdica de rasgar papel, em que apresentamos um vídeo no qual crianças rasgavam e brincavam com papéis.

Para a produção da mão azul, as crianças revisitaram suas obras da literatura de cordel, produzidas durante o mês da Festa Cultural, e deram-lhes um novo significado, rasgando alguns desenhos em pedaços e colando os elementos à sua escolha.

Para compor os moldes de mãos verdes, também buscamos inspiração na artista em relação à representação de elementos naturais. Assim, coletamos galhos de árvores tipicamente brasileiras nos arredores da escola, como a quaresmeira, a pata-de-vaca, o ipê amarelo e a pitangueira, o que contribuiu para uma composição com sensações táteis variadas e para o conhecimento de novas plantas de forma lúdica.

As mãos amarelas foram criadas para referenciar nossa escola e um importante projeto sustentável que desenvolvemos. No projeto, as crianças participam da coleta seletiva de materiais recicláveis, que são transformados em brinquedos para a escola. Assim, dentre os materiais coletados, selecionamos as tampinhas de garrafa para compor a obra, o que conferiu mais tridimensionalidade às composições.

Por fim, para referenciar a artista mais uma vez, as crianças desenharam pequenos corações e os colaram junto das tampinhas nas mãos amarelas. O elemento do coração está pre-

sente em muitas das obras da artista, que o retrata de forma mais realista; assim, buscamos reinterpretá-lo a partir do olhar infantil.

Coleta e prensagem de flores

Como forma de homenagear a artista, que emprega elementos florais para expressar a natureza surda em suas obras, também adicionamos esses elementos, mas em sua forma natural. Dessa forma, convidamos as crianças a coletar flores e folhas nas áreas abertas da escola e no entorno, realizando um passeio divertido que contribuiu para estimular a curiosidade.

Na saída com as crianças no entorno, aproveitamos a floração de diversas árvores nativas e coletamos muitos materiais. Como forma de trazer mais brasilidade à obra, usamos flores de quaresmeira (Tibouchina granulosa) e a pata-de-vaca (Bauhinia forficata), ambas originárias de regiões de Mata Atlântica, o ipê-amarelo (Handroanthus albus), originário de regiões de Cerrado, e a primavera (Bougainvillea glabra), de ocorrência em vários biomas do Brasil.

A partir dos elementos coletados, iniciamos a técnica de prensagem para preservação de plantas. A técnica consiste em colocar flores em folhas de papel, intercalando-as, prensar os materiais coletados e colocar um grande peso por cima. Para tornar o processo ainda mais eficaz, produzimos uma prensa artesanal utilizando algumas placas de madeira para acomodar as folhas de papel e fechamos com elásticos. Todo o material foi colocado sob uma pilha de livros e deixado por aproximadamente três semanas, até a secagem completa, o que garantiu a preservação da cor das plantas de cores mais intensas.

Produção de adesivos com flores

Após a secagem completa, as flores foram colocadas em papel contact e recortadas, sendo transformadas em adesivos naturais para serem colados nas obras como forma de referenciar a artista, que se utiliza de elementos naturais para simbolizar a natureza surda.

Fotografias das crianças com sombrinhas de frevo

Realizamos uma divertida sessão de fotos com as crianças segurando a típica sombrinha de frevo. As imagens foram impressas em papel fotográfico, e as silhuetas das crianças foram recortadas por elas para colagem no suporte.

Seleção e recorte de imagens em referência a Pernambuco e à cultura nordestina

Nessa etapa foram apresentadas imagens impressas de Pernambuco retiradas da internet, incluindo paisagens e pontos turísticos visitados pelo personagem CaLi na história em quadrinhos, tais como o Museu do Homem do Nordeste e o Marco Zero de Recife.

Para enriquecer a composição, as crianças também selecionaram revistas com imagens que remetiam à cultura nordestina.

Frotagem no suporte

A composição foi iniciada com a técnica de frotagem para transferir as texturas das folhas coletadas para a cartolina.

Nessa etapa, as crianças utilizaram folhas de limoeiro recolhidas no entorno da escola e as posicionaram sob a car-

tolina. Em seguida, sentiram a textura com as mãos e pintaram com giz de cera, revelando o desenho e a textura das folhas no papel.

O limoeiro foi escolhido como uma forma de referenciar obras da artista em que essa planta também é usada para representar a natureza surda.

Carimbos de limão

Após a frotagem com as folhas de limoeiro, as crianças passaram a explorar limões cortados ao meio para carimbar a cartolina. Elas pintaram a superfície dos limões com guache nas cores azul, verde e amarelo, depois pressionaram as frutas no suporte, aproveitando a textura irregular para criar carimbos coloridos e únicos.

Colagem final de todos os elementos no suporte

Para finalizar a obra, as crianças colaram as mãos, os adesivos naturais, as imagens selecionadas e a fotografia de suas silhuetas. Nas fotografias, colaram fitas de cetim nas sombrinhas, o que conferiu mais textura e movimento à composição. Nessa etapa, revisitaram outra de suas produções para a Festa Cultural e trouxeram para a composição o elemento do cacto, produzido em papelão, que também está presente em algumas obras da artista.

Reflexões

Cada etapa da produção da obra permitiu o desenvolvimento da criatividade, da imaginação, o estímulo à curiosidade e a ampliação da percepção do mundo dos pequenos.

As dramatizações, bem como as explicações das etapas e dos materiais utilizados, ampliaram significativamente o repertório de Libras das crianças, que puderam adquirir novas formas de produzir arte e de se expressar plenamente.

O contato com a natureza, por meio das coletas de flores e folhas, permitiu um olhar mais consciente sobre o meio ambiente, além de estimular a curiosidade e promover experiências sensoriais marcantes.

Por fim, a execução da colagem usando diversos materiais e técnicas foi importante para estimular o desenvolvimento motor das crianças e a ampliação do repertório de possibilidades de criação.

Assim, com criatividade e entusiasmo, as crianças desenvolveram importantes habilidades sociais e o senso de pertencimento no mundo.

Para acessar alguns momentos da produção, veja:

https://youtu.be/8qDdyzXQjr8.

Relatório Docente das Práticas da Escola Municipal de Tempo Integral de Educação de Bilíngue Francisco Suderland Bastos Mota – Fortaleza-CE

Tania Vilero da Silva
Matheus Freire Lima
Rogitânia Rebouças Rocha

Iniciamos o processo com a divulgação do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras e a seleção dos participantes. Durante essa etapa, recebemos a visita de um grupo de teatro com a peça Cangaceira Surda, que veio somar à proposta do evento, pois a personagem principal, Mara, trouxe um importante resgate da cultura nordestina. Desde o cenário até os personagens, tudo reforçava a identidade e a força do povo nordestino. A peça apresentou uma história voltada para a comunidade surda, com a participação de Lyvia Cruz – mulher surda, contadora de história, tradutora e artista –, que, sempre que possível, visita a escola para compartilhar arte e cultura com nossos alunos. Registramos esse momento e apresentamos a equipe que faria parte do campeonato.

Durante o processo, realizamos também a Semana da Inclusão. A programação contou com aula expositiva sobre artis-

tas surdos do #CasaLibras, que foi conduzida por profissionais surdos e pela professora do AEE, abordando a literatura surda e suas características, difundindo, assim, o trabalho do #CasaLibras, para que todos pudessem conhecer e entender o projeto.

Em seguida, realizamos reuniões com os profissionais participantes do campeonato e decidimos criar um ambiente que refletisse a cultura nordestina, destacando elementos da cidade de Recife e do estado de Pernambuco. Pensamos em acessórios que remetessem ao personagem CaLi, mascote do #CasaLibras, confeccionando óculos, tiaras com galhos e o chapéu do personagem, a fim de tornar o processo mais lúdico.

Durante o planejamento, as atividades foram elaboradas em consonância com o edital do projeto, sendo pensada a realização das seguintes etapas: apresentação do projeto, pesquisa de autores e obras, exploração cultural, rodas de conversa ao longo do processo, exibição de poesias e outros vídeos disparadores, produção de releituras e construção do mural expositivo.

Na escola, dividimos os professores e assistentes em dois grupos. Durante a exibição dos vídeos e dos materiais disparadores, os grupos participaram juntos das atividades; porém, no momento da criação, foram separados para o desenvolvimento das produções.

Os profissionais assistiram a todos os materiais disparadores e algumas lives. Depois, propusemos aos alunos uma pesquisa sobre os artistas, além de aulas expositivas e rodas de conversa. Todo o processo contou com o acompanhamento de dois assistentes de inclusão surdos, o que enriqueceu as atividades

des e possibilitou uma reflexão mais profunda sobre a literatura e a cultura surda.

Os materiais disparadores, como a história em quadrinhos CaLi em Recife, despertaram a imaginação dos alunos. As expressões do personagem CaLi facilitaram a compreensão e a interação com a história. Os alunos demonstraram grande interesse e curiosidade, observando as paisagens e os locais visitados pelo personagem. Nesse momento, apresentamos a bandeira de Pernambuco, o guarda-chuvinha utilizado na dança do frevo e outros acessórios típicos que valorizam as raízes nordestinas.

Em seguida, os alunos recontaram a história em quadrinhos com suas próprias palavras. Mostramos que Pernambuco é um estado vizinho ao nosso e faz parte da região Nordeste, aproveitando para explorar aspectos culturais como alimentação, clima e vestimentas. Distribuímos mapas turísticos e um mapa da cidade de Recife, e alguns alunos relataram o desejo de conhecer o local pessoalmente, então foi distribuído pelas equipes um livrinho-guia de Pernambuco para todos os alunos da escola.

Durante as atividades, utilizando os acessórios para recriar o personagem CaLi e explorar a cultura nordestina, surgiram relatos sobre Lampião e Maria Bonita, e os alunos compartilharam o que sabiam e mencionaram o museu dedicado ao casal em Recife.

Na sequência, apresentamos os artistas Cláudio Mourão e Yanna Porcino. Durante a exibição da poesia Eu, surda... vida

que pulsa!, observamos o envolvimento dos alunos, atentos às expressões faciais e à sinalização da autora. A poesia foi apresentada algumas vezes, e os alunos puderam expressar suas próprias interpretações. Os profissionais surdos destacaram que a arte surda é essencialmente visual, utilizando elementos como as mãos, os olhos e, no caso da poesia de Yanna, galhos que nasciam do coração e saíam pelas orelhas – metáfora que encantou a turma.

Mostramos o vídeo de apresentação da artista surda homenageada, Kilma Coutinho, conduzido por Cláudio Mourão e Yanna Porcino, destacando suas obras e a importância da arte surda como expressão da identidade e da cultura surdas. Nesse momento, os assistentes surdos mostraram que os surdos utilizam uma língua de caráter visuogestual, apontando toda a sua potencialidade, explicando que eles podem interagir com o mundo por meio da língua de sinais. Então os alunos observaram as obras de Kilma em um painel, observaram seus elementos, cores e significados, e foi realizada uma roda de conversa, sobre os artistas, em que os alunos puderam expressar seus conhecimentos.

No momento da apresentação do vídeo instrucional O que é colagem? Vem aprender com a Kilma Coutinho!, os alunos mostraram-se muito interessados, observando atentamente os detalhes das obras e já imaginando suas próprias criações. Surgiram dúvidas e sugestões sobre o uso de imagens digitais, tecidos, botões e rendas – materiais que conseguimos reunir por meio de doações.

Durante todo o desenvolvimento das atividades, houve mediação em Libras, com a participação ativa dos assistentes de inclusão surdos. Esses profissionais estiveram presentes nos momentos expositivos e conduziram as rodas de conversa, contribuindo para uma comunicação mais acessível e significativa. Foram utilizados recursos visuais e materiais da cultura nordestina para enriquecer o processo e promover reflexões sobre o ser surdo e suas características. Observamos que a atividade foi muito significativa, pois possibilitou aos alunos surdos o contato direto com a arte e com surdos adultos, que atuaram como modelos linguísticos, favorecendo o aprimoramento da fluência e a ampliação do vocabulário em Libras. Durante o processo, ocorreu também a transmissão da cultura surda, fortalecendo o sentimento de pertencimento e valorizando a representatividade dos adultos surdos e do ser surdo. Essa vivência ampliou a visão de futuro dos alunos, permitindo que se enxergassem como protagonistas de suas próprias trajetórias.

Durante o momento de criação, observamos que os alunos ficaram bastante empolgados. Organizamos os materiais sobre as mesas e deixamos que criassem livremente. Como havia poucas revistas disponíveis para recorte, os alunos sugeriram o uso de imagens impressas. Eles conversaram entre si e demonstraram o desejo de representar a cultura surda e nordestina por meio das imagens, solicitando o uso do computador e da impressora. Após observarem novamente as obras de Kilma Coutinho e a poesia de Yanna Porcino e Claudio Mourão, iniciaram suas produções artísticas, criando e recriando diferentes versões de suas obras. O mais desafiador foi chegar a um consenso coletivo.

Os profissionais acompanharam todo o processo, promovendo reflexões com os alunos sobre a cultura surda e nordestina, questionando de que forma poderiam representar a poesia e os ensinamentos dos artistas estudados. Os alunos escolheram imagens de mãos, olhos, coração e de uma mulher negra e surda, figura trabalhada anteriormente no projeto antirracismo da escola. Nesse momento, também foram observados o papel da mulher e sua força, representando resistência, identidade e protagonismo dentro da arte surda e da cultura nordestina.

Após diversas combinações, os alunos decidiram colar as imagens e outros materiais doados, como botões, retalhos de tecido e rendas, que enriqueceram significativamente as produções. Os alunos representaram a arquitetura das casas e colocaram elementos como a palmeira, a rede, cacto, rendas e fitas.

Ao longo das práticas pedagógicas, foi possível observar uma rica aprendizagem e uma participação ativa de todo o grupo, marcadas pela interação entre alunos, professores e assistentes. Os estudantes demonstraram curiosidade, fizeram perguntas sobre sinais, ampliaram seus significados e se apropriaram mais profundamente de sua própria cultura e língua. A criatividade esteve presente em todo o processo, e a imersão na cultura surda e nordestina, aliada à valorização da força feminina, foi essencial para o desenvolvimento e fortalecimento do trabalho coletivo. O projeto #CasaLibras tem se mostrado de grande importância e vem ganhando espaço no calendário escolar, despertando o interesse e o desejo de participação dos alunos.

Figura 1. Equipe da escola.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 2. Equipe no processo de criação.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 3. Protagonismo da aluna.



Fonte: acervo pessoal.

Vejam mais fotos em: https://youtu.be/HLCp7hkga90.

Obrigada pelas experiências!

Relatório Docente das Práticas da Escola Municipal Bilíngue de Educação de Surdos – Angra dos Reis-RJ

Luiza Valente de Andrade Figueira

O projeto foi desenvolvido com uma turma multisseriada do 6° ao 9° ano do Ensino Fundamental II, no componente curricular Arte, com ênfase na linguagem das artes visuais. A proposta pedagógica teve como objetivo central a criação de colagens artísticas produzidas em grupos formados por estudantes surdos e com deficiência auditiva.

O projeto buscou desenvolver habilidades ligadas ao processo criativo em artes visuais, valorizando a expressão estética a partir de interesses culturais e identitários. A experiência foi orientada pelo edital do programa #CasaLibras, que propunha como referência artística as obras da artista visual surda brasileira Kilma Coutinho.

Apresentação dos materiais disparadores

Com o apoio de equipamentos tecnológicos, como notebook e projetor, os estudantes apreciaram os materiais sugeridos pelo edital. Foram exibidas produções diversas, como a história em quadrinhos CaLi em Recife, a poesia apresentada por Yanna Porcino e Claudio Mourão e, principalmente, as obras de Kilma

Coutinho, presentes em todos os materiais. Em seguida, realizou-se uma roda de conversa na qual os estudantes compartilharam suas impressões, destacando tanto elementos visuais quanto os sentimentos despertados pela experiência estética.

Figura 1. Apresentação dos materiais disparadores.



Fonte: elaboração própria.

Seleção e criação de imagens para impressão

Na etapa seguinte, os estudantes utilizaram sites de busca, como Google Imagens e Pinterest, para pesquisar representações visuais a partir de palavras-chave que emergiram das conversas. Entre elas, destacaram-se: mãos, língua de sinais, flores, céu, coração, bolhas, olhos, plantas, mar, fitas.

A mediação da professora foi essencial nesse momento: enquanto ela operava o notebook, os estudantes indicavam as imagens que desejavam selecionar. Cada uma era copiada para um documento do Word, no qual também se escolhia o tamanho de impressão, de acordo com a intenção de uso posterior.

Um dos grupos trouxe uma inovação: ao invés de utilizar apenas imagens impressas, uma estudante surda decidiu desenhar uma figura feminina central, incorporando sua criação pessoal ao processo coletivo. Outro grupo escolheu duas estudantes surdas para serem fotografadas e aparecerem como protagonistas femininas na colagem, também inspirados nas imagens femininas da arte de Kilma.

Figura 2. Seleção e criação de imagens para impressão.







Fonte: acervo pessoal.

Organização das colagens

Com as imagens impressas, os grupos organizaram-se para a produção das colagens. Cada estudante recortava cuidadosamente suas escolhas e, em seguida, definia junto ao grupo a cor de cartolina ou papel cartão que serviria de fundo. As composições foram elaboradas de forma colaborativa, em processos de experimentação e reorganização, até que uma proposta final fosse definida. Nesse ponto, a colagem era fotografada para registro e depois fixada com cola sobre o suporte.

A organização dos grupos deu-se de acordo com a presença dos estudantes no dia da composição da colagem, uma vez que se trata de uma turma de apenas sete estudantes e por vezes o número está reduzido devido a dificuldades de transporte e afins. Porém é importante frisar que, em todos os grupos, estudantes surdos estavam presentes, como pode ser percebido pelos vídeos e fotografias.

Figura 3. Organização das colagens.









Fonte: acervo pessoal.

Seleção das colagens

Para finalizar o projeto, realizou-se uma votação aberta à comunidade escolar. Cada uma das três colagens produzidas foi numerada e avaliada por estudantes, professores, familiares e demais profissionais da escola, sem identificação dos autores. As duas colagens mais votadas foram selecionadas para representar a escola no 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras.

Figura 4. Seleção das colagens.



Fonte: acervo pessoal.

É importante frisas que todo esse processo teve a presença dos intérpretes de Libras da escola, principalmente para as etapas mais conceituais e densas em termos de reflexão. Porém, em determinados momentos de orientação sobre o fazer artístico, a mediação em Libras pôde ser realizada pela própria professora de Arte.

Reflexões

O desenvolvimento do projeto de arte surda em uma turma composta de estudantes surdos e com deficiência auditiva teve um papel fundamental na valorização da identidade surda dentro do espaço escolar. A proposta possibilitou que a cultura surda ocupasse o centro das experiências educativas.

Em turmas bilíngues com estudantes que escutam parcialmente e conseguem oralizar, um dos grandes desafios é promover o reconhecimento e o respeito à cultura surda como elemento prioritário na construção do conhecimento. O projeto contribuiu diretamente para esse objetivo, ao colocar os estudantes surdos como protagonistas das ações artísticas e criativas, favorecendo um ambiente de maior equilíbrio e pertencimento.

Durante o desenvolvimento das atividades, foi possível observar uma mudança significativa na dinâmica da turma: a presença e a expressão dos estudantes surdos tornaram-se referências para o grupo, e os colegas com deficiência auditiva passaram a interagir de forma mais atenta e respeitosa com a língua de sinais e com as formas de comunicação visual. Esse movimento reduziu situações de sobreposição da oralidade em sala, que comumente exigem intervenções e mediações por parte da professora.

Ao reconhecer o surdo como sujeito central na criação artística e cultural, o projeto reafirmou o compromisso da escola bilíngue com uma educação visual e linguística inclusiva, que valoriza não apenas a acessibilidade comunicacional, mas também as experiências estéticas e identitárias próprias da comunidade surda. A experiência mostrou que, quando o protagonismo surdo é assegurado de maneira intencional e visível, a sala de aula se torna um espaço mais equitativo, criativo e coerente com os princípios de uma educação bilíngue e intercultural.

Relatório Docente das Práticas da Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Helen Keller – Caxias do Sul-RS

Jailza dos Santos Martins
Debora Gobatto Gasperin
Andrei da Silva Borges

Este relatório tem como finalidade registrar o passo a passo do processo pedagógico desenvolvido para a produção da colagem artística apresentada no 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras. O desafio maior para os alunos foi compreender a cultura nordestina, tão distante das culturas do Sul do país. A aproximação foi feita por meio de colagens da fauna nordestina, artistas brasileiros com enfoque em obras da região do Nordeste e agregamos outros artistas surdos, sempre priorizando os materiais disponíveis pelo campeonato: poesia de Yanna Porcino e Claudio Mourão e as obras de Kilma Coutinho. Todas as aulas e processos foram mediados pela Libras. Todos(as) os(as) alunos(as) são surdos, e o corpo docente é composto de três professores(as) surdos, das disciplinas de Libras, Biologia e Matemática, e um professor ouvinte bilíngue

responsável pela disciplina de Arte/Filosofia/Literatura.

Os alunos sempre tiveram acesso a diversos materiais nas aulas de Artes. A técnica de colagem sempre foi utilizada como iniciador de ideias ou para composições possíveis a se dar no bidimensional, com os exemplos a seguir.

Figura 1. Exercício de colagem.



Fonte: acervo pessoal.

Nesse exercício, os alunos escolheram imagens que tivessem relação e posteriormente, por meio do desenho e da cor, criaram uma composição.

Figura 2. Exercício de colagem.



Fonte: acervo pessoal.

Nesse outro, a composição deveria partir dos recortes, e a composição poderia ter desenho e cor.

O edital pedia uma colagem completa, exercício até então não desenvolvido pelos alunos do Ensino Médio, mas eles tinham experiência suficiente para poder realizar o trabalho.

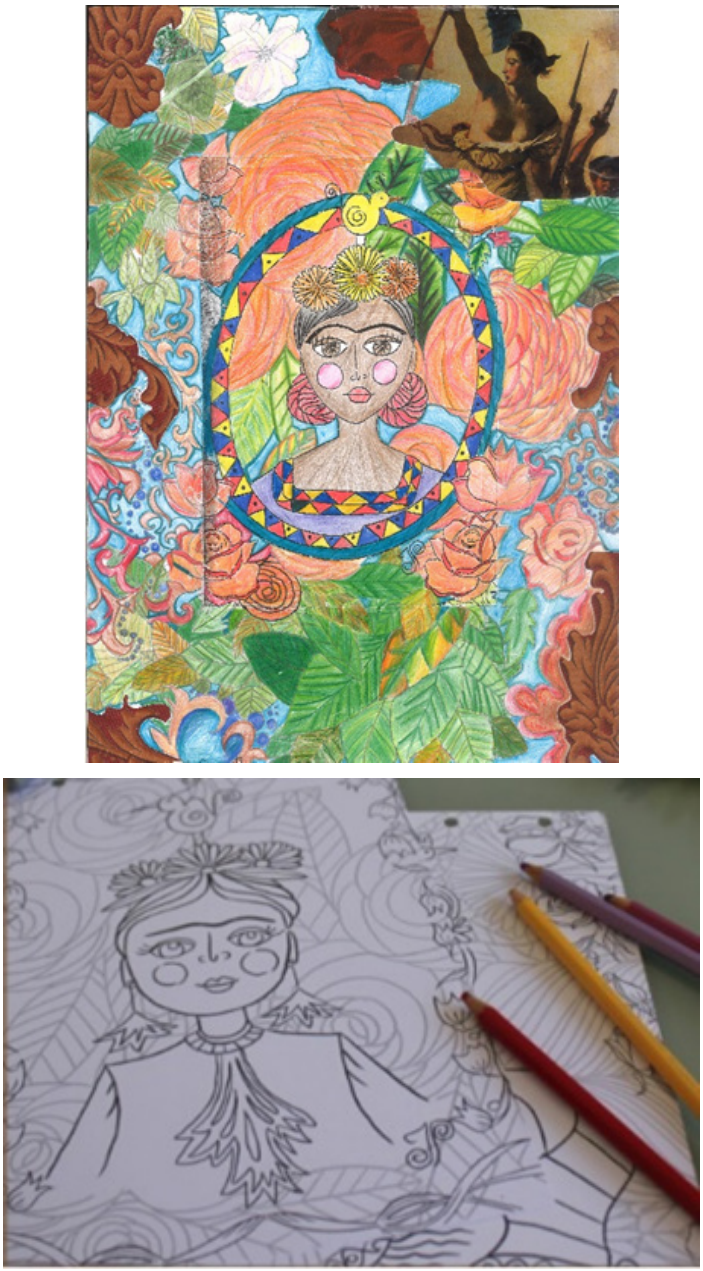
Figura 3. Trabalho desenvolvido com o tema "mulher" e com técnica de colagem.



Fonte: acervo pessoal.

Esse trabalho foi o disparador encontrado em sala de aula para iniciar o trabalho para o campeonato, porém ele foi desenvolvido por uma monitora de um aluno autista, e não diretamente por um aluno da escola.

Figura 4. Livro com artes para pintar.



Fonte: acervo pessoal.

Esse foi um dos trabalhos realizados em conjunto com toda a turma em 2024: um livro lançado por uma aluna do curso de Artes com Fridinhas para pintar em tamanho A5. Os alunos receberam a imagem em preto e branco, colada no centro de uma folha A3 e tinham que combinar recortes de papéis de parede e revistas e, posteriormente, completar a composição com desenhos que unissem a obra de forma coerente.

Os alunos são todos surdos, têm a língua de sinais internalizada desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. No caso, os alunos participantes do campeonato eram todos do Ensino Médio. Os professores surdos das disciplinas de Matemática, Biologia e Libras dividiram suas aulas com a professora de Artes, ouvinte bilíngue. A necessidade da interdisciplinaridade deveu-se à incorporação de novos sinais, conceitos e técnicas, mas também pela necessidade de tempo, já que a disciplina de Artes hoje, após reforma do Ensino Médio, se reduziu a um período de aula semanal, de 45 minutos. O projeto levou dois meses do início à conclusão.

Iniciamos com a escolha das obras da artista Kilma Coutinho que cada aluno desejava trabalhar, podendo escolher até quatro imagens da artista que seriam impressas em folha A4, em cores ou em preto e branco. Em seguida, partimos para busca por imagens em revistas de notícias semanais – Veja, Isto É –, bem como em revistas de cosméticos, como Avon, Natura. Algumas revistas da National Geographic também foram disponibilizadas dadas a qualidade de imagens e sua diversidade.

Figura 5. Revistas para recortes e estudantes trabalhando em suas obras.



Fonte: acervo pessoal.

Cada aluno recebeu uma folha A3 para iniciar as colagens, e as primeiras colagens deveriam ser as obras de Kilma Coutinho.

Figura 6. Início das composições.



Fonte: acervo pessoal.

Também como disparador inicial, o poema Eu, surda... vida que pulsa!, de Yanna Porcino e Claudio Mourão, foi visto por diversas vezes, até que cada um soubesse que elemento do poema seria usado na construção da composição com colagem, podendo escolher frames para serem impressos para o trabalho em questão.

Houve certo afobamento na escolha de imagens a serem impressas: em um primeiro momento, só tivemos acesso a imagens em preto e branco, pois a impressora colorida da escola estava sem tinta ou quebrada. Assim, tomei a liberdade de adquirir uma impressora para mim, o que me deu tempo para analisar os pedidos dos alunos, e a partir dessa análise pedi que cada um pesquisasse antes ao que se refere às imagens escolhidas, fator que marcou essa etapa.

Um aluno lembrou que, em outro momento, trabalhamos obras negras e queria incorporá-las ao seu trabalho. Assim, pedi que pesquisasse a artista Harmonia Rosales. Vieram muitas imagens, um volume que não poderia ser atendido. Como isso tudo se deu fora do horário de aula, por videochamadas, já que a comunicação sempre acontece em Libras, pedi que o aluno descobrisse por que Harmonia tinha somente obras com pessoas negras. Após algumas horas, recebi outra videochamada na qual o aluno estava boquiaberto e com desconfiança me perguntou:

– É verdade?

– O que é verdade?

– Que na arte só há pessoas brancas?

– Sim, procure no Google a frase "obras da história da arte" e me liga depois.

Em poucos minutos ele retornou, novamente por videochamada, iniciando o diálogo da seguinte forma:

– Não acredito, é verdade, só pessoas brancas, por quê?

– Porque a arte é europeia e colonizadora.

– O que é colonizadora?

– O Brasil foi descoberto? Aqui não haviam pessoas?

– Tinham pessoas, os índios!

– Eles estão nas obras de artes? Não, então o descobridor, o colonizador acaba com a cultura e determina qual cultura será desse povo de que ele toma o território. Mas isso vamos falar na aula.

Figura 7. Releitura de Rosales da obra O Dedo de Deus, de Michelangelo, no teto da capela Sistina.



Fonte: https://www.harmoniarosales.art/catalogue.

Figura 8. Iemanjá encontra Erinle, de Lucy Garrett/Harmonia Rosales.



Fonte: https://www.harmoniarosales.art/catalogue.

Embora Rosales retrate a escravização, suas pinturas também capturam a multidimensionalidade que os negros possuem, como no quadro acima.

Figura 9. Ascensão de uma mulher.



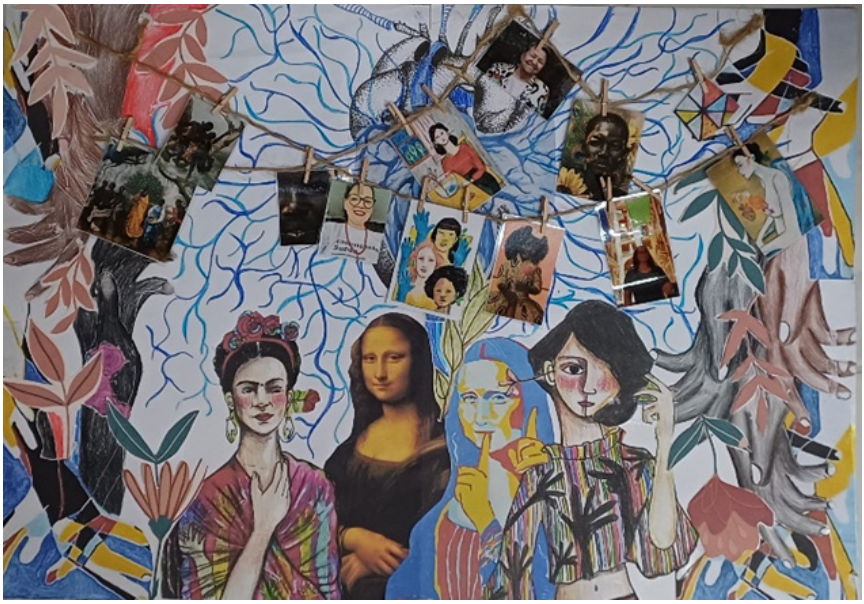
Fonte: https://www.harmoniarosales.art/catalogue.

O trabalho de Rosales demonstra sua jornada em direção ao empoderamento e ao amor próprio, com figuras pintadas com características de que ela não gostava em si mesma.

A partir dessa busca individual, geraram-se duas aulas de Filosofia sobre colonização europeia, escravizados, arte e releituras de Harmonia Rosales, artista que o aluno traz para sua construção como quadros dispostos à maneira como eram tradicionalmente vendidas as poesias ou histórias de cordel, como em um varal. Por esse motivo, a composição desse aluno foi

construída em formato A2. Como seria o arranjo dos cordões na obra bidimensional? E como seriam penduradas as imagens escolhidas? O papel impresso seria firme o suficiente? As imagens escolhidas, para estarem representando o cordel, foram plastificadas para ficarem mais firmes.

Figura 10. Obra de colagem.



Fonte: acervo pessoal.

Ao longo do processo, tivemos outros contratempos que geraram desconforto, mas também aprendizados, como não colar antes de ter certeza sobre quais sobreposições são possíveis no trabalho.

Figura 11. Início de uma das obras de colagem.



Fonte: acervo pessoal.

No início dessa colagem, o aluno sabia a composição e organizou as imagens. Porém iniciou a colagem de maneira que a sobreposição não era mais possível. As mãos foram recortadas de catálogos de desenho de figura humana, e não tiramos cópias caso a perdêssemos; a figura de vidro é a foto de um murano, um tipo de vidro artesanal de luxo, que não conseguimos descolar; a onda na parte inferior é uma gravura de Katsushika Hokusai, A grande onda, de 1830. A perda dessas imagens foi tema das aulas nas semanas seguintes. No dia da perda, a professora encerrou a aula e retirou todas as colas. Foi acordado que haveria mais rigor e cuidado para evitar perda de tempo, de material e de imagens irrecuperáveis. Não foi dada a opção de impressão de obras já encontradas em revistas.

Figura 12. Pedaços de CDs na colagem.



Fonte: acervo pessoal.

Esse é um recorte de uma das composições que vinha sendo construída dentro do tema do edital. Levei um susto quando ouvi algo sendo quebrado, eram CDs que dariam aspecto de espelho ao trabalho. Elogiei a aluna e disse: "Segue que está ótimo".

Figura 13. Organização da colagem.



Fonte: acervo pessoal.

O próximo passo gerou outro problema ao trabalho: como ela faria a colagem das flores que queria colocar sobre as mãos se as mãos já estavam colocadas? Retirar ou refazer gastaria tempo, e algumas imagens não seriam encontradas de novo, como a imagem de Tereza de Benguela, mulher negra, líder de quilombo do séc. XVIII, cuja luta pela liberdade dos escravizados refletiria as lutas linguísticas dos surdos.

Figura 14. Trança na professora.



Fonte: acervo pessoal.

Antes de perguntar como resolver o problema, sem mostrar o problema, a aluna fez trança no cabelo da professora, tentando agradar quem já havia se estressado com perdas de imagens e atraso de trabalhos. Assim que acabou a trança, a aluna saltou do lado da cadeira e disse, em Libras:

– Já sei resolver, me deixar fazer – e saiu em busca de materiais que estavam no armário, como papel vegetal e papel carbono.

Figura 15. Estudante resolvendo problemas da colagem.



Fonte: acervo pessoal.

Ela copiou as imagens das mãos em papel vegetal, encontrou flores maiores que as mãos, desenhou com papel carbono a imagem que copiou no vegetal, recortou e encaixou na composição, resolvendo o problema e dando um efeito inigualável que, sem o erro, não teria conseguido.

Assim, os artistas principais para nossas colagens foram: Kilma Coutinho, Yanna Porcino e Claúdio Mourão. Os artistas secundários foram: Maud Lewis, Harmonia Rosales, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Jennifer Tandoc, Nancy Rourke, Frida Kahlo, Dira Paes, Fernanda Lima e Leonardo da Vinci com a tela Monalisa (um intruso no gueto feminista por conta da mulher mais copiada do mundo).

Para a definição das obras a serem enviadas, foi criado um formulário para votação da comunidade escolar e comunidade externa. A seguir, podemos observar o formulário.

Figura 16. Formulário para votação.

Kilma Coutinho, artista tema do concurso, o trabalho deve ser produzido com colagens trazendo o protagonismo feminino e a cultura do nordeste.





☐ Trabalho em dupla unindo a artista Kilma e a artista Surda Ashley Shaffer



☐ A referência principal é para Kilma, mas a obra tenta mostrar as diversas releituras da MonaLisa e Frida, agregando a artista Surda estadunidense Nancy e a literatura de cordel, reconhecida como patrimônio cultural imaterial do Brasil desde 2018.



☐ A obra traz a releitura de Kilma Coutinho como somos um reflexo de nossas internalizações, no desenvolvimento desse trabalho a aluna criou uma nova técnica de colagem



☐ Kilma, Tarsila do Amaral e Anifa Malfatti, artistas brasileiras.

2. Escolha 2 imagens

Marque todas que se aplicam.



☐ A obra tenta relacionar o universo de possibilidades que o Surdo tem com a Libras, e marca a importância que isso se inicie na infância.



☐ A obra traz uma perspectiva suave para um tema social, o preconceito racial unindo a minoria linguística Surda.



☐ Nessa obra são unidas 3 artista: Frida, Kilma e Giorgia O'keeffe



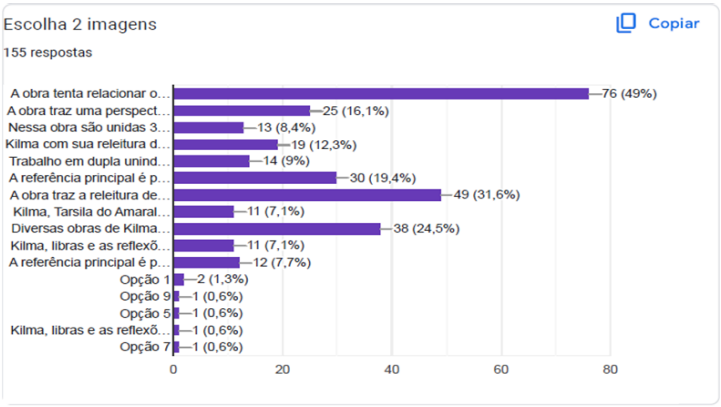
☐ Kilma com sua releitura de Frida e fauna nordestina.



☐ Diversas obras de Kilma Coutinho e a umbanda com Iemanjá.



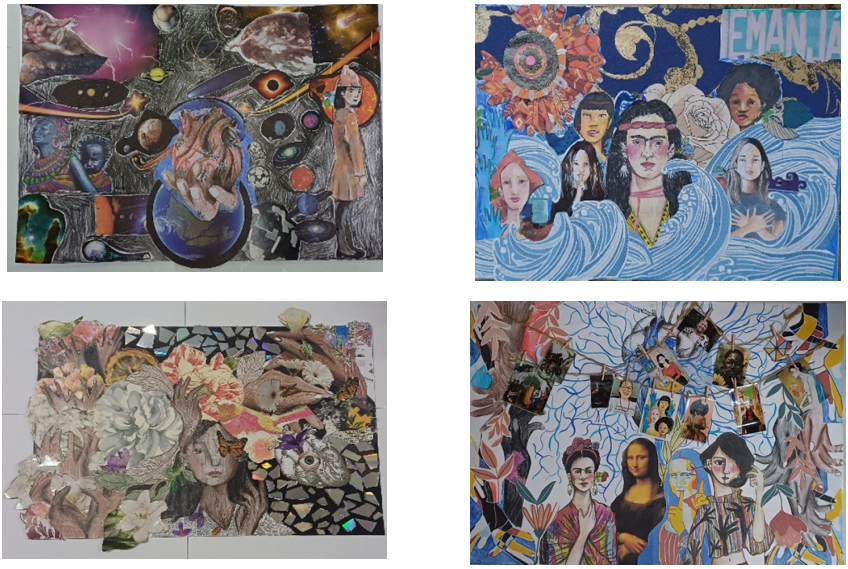
☐ Kilma, libras e as reflexões particulares que a aluna trouxe para sua produção.



Fonte: elaboração própria.

As análises dos resultados obtidos dos formulários levaram em consideração os itens exigidos na releitura da obra de Kilma Coutinho, e assim submetemos os trabalhos indicados a seguir.

Figura 17. Obras enviadas ao campeonato.



Fonte: acervo pessoal.

Relatório Docente das Práticas da Escola Estadual Engenheiro Caldas – Caratinga-MG

Gabriella Coelho Motta Pizzani
Danusa Cristina Duarte Ferreira e Freitas
Leandro Bruno da Silva

Logo após o lançamento do edital, iniciamos a organização para participar do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras. A professora bilíngue da Sala de Recursos convidou todos os alunos surdos atendidos regularmente, bem como os respectivos intérpretes que os acompanham nas turmas regulares, a integrarem o desafio. Todos aceitaram prontamente o convite, e, em seguida, foi agendada a primeira reunião, na qual assistimos à live de lançamento e realizamos o estudo coletivo do edital.

Figura 1. Alunos surdos assistindo à live de lançamento do edital.



Fonte: acervo pessoal.

À medida que analisávamos os documentos e os materiais disparadores, diversas ideias começaram a surgir e foram devidamente registradas para que não se perdessem no processo criativo.

Figura 2. Ideias sendo registradas pelos alunos surdos.



Fonte: acervo pessoal.

Todos os materiais disparadores foram minuciosamente analisados e discutidos. A professora utilizou esses recursos como instrumentos pedagógicos para promover a aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua (L2), articulando-os ao desenvolvimento das atividades propostas. Os alunos surdos atuaram como protagonistas em todas as etapas do processo, desde a discussão e o planejamento até a execução das tarefas, consolidando práticas de aprendizagem colaborativa e significativa.

Figura 3. Alunos surdos estudando os materiais disparadores na lousa digital.



Fonte: acervo pessoal.

Ex-alunos surdos da escola, representantes da comunidade surda da região, foram convidados a participar de algumas aulas, colaborando ativamente na execução de determinadas atividades. Sua presença constituiu um importante elo entre a escola e a comunidade surda local, fortalecendo o sentimento de pertencimento e contribuindo para a troca de experiências linguísticas e culturais significativas.

Figura 4. Registros da presença e colaboração dos ex-alunos surdos da escola.





Fonte: acervo pessoal.

Durante a discussão do edital com os estudantes surdos, a professora da Sala de Recursos identificou, em um primeiro momento, que o repertório de conhecimento de mundo dos alunos sobre as temáticas inspiradoras do campeonato era insuficiente para a elaboração de trabalhos consistentes. Diante disso, elaborou um cronograma de aulas e atividades voltadas à ampliação do conhecimento e à instrumentalização dos participantes em relação aos temas propostos, de modo a garantir uma produção artística significativa.

Cronograma de atividades para ampliação de conhecimento sobre os temas propostos pelo campeonato:

Data: 20/08

Temática: Expressões artísticas de mulheres

Aula:

- Vídeo Mulheres Artistas 2025 - Espetáculo completo com Libras.

Figura 5. Espetáculo Mulher Artistas 2025.



Fonte: captura de tela de https://youtu.be/7AEP6ZV3s6I?si=Kahbwen-44-6fUPmX.

- Roda de discussão.

- Atividade: cada aluno deveria escolher uma artista surda para estudar sobre sua vida e obra e apresentar na aula seguinte.

  - Artista plástica surda americana Nancy Rourke.
  - Artista plástica surda brasileira Fernanda Machado.
  - Atriz americana surda Marlee Matlin.

Figura 6. Alunos surdos apresentando a atividade proposta.



Fonte: acervo pessoal.

Data: 27/08

Temática: Identidades que compõem a cultura do povo do sertão ou povo do Nordeste

Aula:

- Conhecendo e discutindo sobre o glossário do patrimônio cultural de Recife em Libras (https://www.youtube.com/@PatrimonioemLibras/videos).

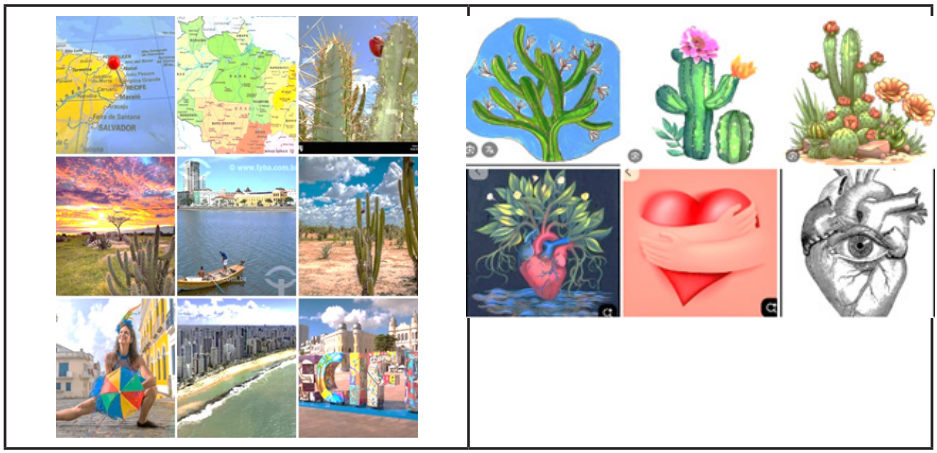
Figura 7. Alunos surdos aprendendo sinais referentes à cultura nordestina.



Fonte: acervo pessoal.

- Atividade: pesquisar imagens que representem a cultura do povo do sertão (imagens para serem usadas no trabalho de colagem).

Figura 8. Imagens encontradas pelos estudantes no Google.



Fonte: captura de tela do Google.

Data: 03/09

Temática: Direitos humanos (com destaque para os direitos linguísticos, culturais, étnico-raciais e dos grupos minorizados)

Aula:

- Vídeos:

Figura 9. Vídeo A História dos Direitos Humanos (Libras).



Fonte: captura de tela de https://www.youtube.com/@PatrimonioemLibras/videos.

Figura 10. Vídeo Direitos Humanos (Libras).



Fonte: captura de tela de https://www.youtube.com/watch?v=WS4BO-U-8cO0.

Figura 11. Vídeo Ines no Debate – Direitos Humanos.



Fonte: captura de tela dehttps://youtu.be/93b5weJLP9w?si=59UG-cMSw41_ioY7b.

- Roda de discussão.

- Atividade: produção de texto coletiva com o tema "Mulher negra, nordestina, surda e artista".

Figura 12. Alunos surdos produzindo coletivamente o texto.



Fonte: acervo pessoal.

Com o repertório ampliado, demos início ao desenvolvimento da proposta central prevista no edital do campeonato: a produção artística de colagem coletiva, pautada na valorização da experiência visual e de vida dos participantes, no protagonismo surdo e no diálogo entre memória, identidade e cultura popular. A proposta inspirou-se na estética de Kilma Coutinho, em interlocução com a poética visual de Yanna Porcino e Cláudio Mourão.

Foi marcada uma data para a confecção da colagem, na qual cada participante deveria levar materiais de diferentes cores, texturas e formatos que evocassem as temáticas abordadas. Na ocasião, alunos e professora trouxeram uma grande variedade de elementos, que foram sendo combinados sobre uma cartolina branca. O trabalho tomou forma de maneira colaborativa, considerando a contribuição e o olhar de cada integrante, resultando em uma composição visual rica e expressiva.

Figura 13. Iniciando os trabalhos de colagem.



Fonte: acervo pessoal.

O grupo foi fortemente impactado por um fato recente ocorrido na escola: a negação de matrículas de crianças surdas na Sala de Recursos pela Secretaria de Educação regional. Diante desse contexto, os alunos surdos, juntamente da professora e dos intérpretes, decidiram transformar a produção artística em um ato-manifesto, expressando sua indignação frente à privação linguística imposta a essas crianças surdas, impedidas de frequentar um dos poucos espaços na região que favorecem

o convívio com pares surdos e a aquisição natural da língua de sinais.

Uma das alunas sugeriu que a obra evidenciasse a importância do contato surdo-surdo para a difusão da Libras e para a constituição identitária e cultural da pessoa surda. Atendendo à sugestão, o grupo decidiu que a fotografia dessa aluna protagonizaria a colagem, posicionada ao centro, representando o gesto simbólico de entregar galhinhos de plantas – inspirados nas obras de Kilma Coutinho – às crianças surdas as quais tiveram a matrícula na escola negada, simbolizando a resistência e a semeadura da língua e da cultura surda.

Figura 14. Desenvolvendo o trabalho de colagem



Fonte: acervo pessoal.

Concluído o trabalho, os resultados foram notáveis. O processo coletivo possibilitou a ampliação do vocabulário em Libras e em português, o fortalecimento da autonomia e do protagonismo dos alunos surdos, além do desenvolvimento de habilidades de leitura estética e crítica. O projeto configurou-se como uma vivência de aprendizagem significativa, que articulou arte, literatura surda e direitos humanos, além de identidade e

resistência política, reafirmando a potência da escola como espaço de inclusão, diálogo e afirmação da diferença surda.

Figura 15. Trabalho final.



Fonte: acervo pessoal.

3º lugar

Relatório Docente das Práticas do Centro Municipal de Educação Infantil Professora Ida Vinciguerra – São Carlos-SP

Aline Nathalia Marques Ferreira
Lea da Silva Veras
Fabio Luis Escalace

O projeto artístico enviado para o 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras foi realizado com três alunos surdos do Programa Bilíngue – Educação Infantil, com o objetivo de promover imersão cultural, protagonismo e expressão artística por meio da Libras e do português. Inspirado na história em quadrinhos CaLi em Recife e nas obras da artista surda Kilma Coutinho, o projeto valorizou a identidade surda e a cultura nordestina. Foi desenvolvido ao longo de quatro semanas com a professora regente, o instrutor de Libras e a professora da Sala de Recursos, nas quais foram desenvolvidas atividades de leitura, artes visuais, culinária e exploração cultural, utilizando diversos materiais e reforçando aprendizagem visual, símbolos culturais e identidade surda.

Desenvolvimento das atividades

O projeto começou com algumas vivências com histórias em quadrinhos em sala de recursos, com a mediação da profes-

sora de Educação Especial e do instrutor de Libras, a fim de que já tivessem contato com esse gênero literário e suas particularidades. Em seguida, foi realizado um processo de construção de colagem com revistas, valorizando a cultura surda e a identidade de cada um, dentro desse espaço bilíngue de acolhimento e empoderamento (Figura 1).

Figura 1. Atividade em Sala de Recursos.



Fonte: arquivo pessoal.

Após esse primeiro momento, iniciaram-se as atividades em sala regular bilíngue com a leitura da HQ CaLi em Recife, conduzida pela professora regente bilíngue e pelo instrutor de Libras, envolvendo ativamente os alunos surdos e reforçando a aprendizagem dos sinais presentes na narrativa. Além disso, a atividade permitiu a elaboração e compressão da diferença entre os sinais de "jacaré" e "Recife", pois nestes é utilizada a mesma configuração de mão, mas em posição diferente. Em seguida, foi apresentada a artista surda Kilma Coutinho, relacionando imagens de suas obras à personagem da HQ e destacando a importância cultural de Recife. Os alunos produziram um cartaz coletivo com biografia, fotos e mapas (Figura 2) e, posteriormente, observaram obras da artista, reconhecendo elementos da HQ e demonstrando sensibilidade e envolvimento, ao identificarem sentimentos e detalhes nas pinturas.

Figura 2. Leitura e atividade em roda.



Fonte: arquivo pessoal.

Leitura compartilhada e vivência cultural

Para iniciar as atividades culturais a respeito da cultura nordestina, assistimos a vídeos de músicas nordestinas tradicionais, incluindo frevo, forró e baião. A atividade culminou em um momento de dança coletiva e divertida (Figura 3). Utilizamos lenços, e, com o apoio de caixas de som, as crianças puderam também sentir o ritmo vibrante das músicas. Todos participaram ativamente, pulando, rindo e aproveitando o momento.

Figura 3. Atividade de dança.



Fonte: arquivo pessoal.

Na aula seguinte, retomamos o trabalho sobre a artista Kilma Coutinho e todo o conteúdo que havíamos abordado anteriormente. Para contextualizar a artista de forma visual e lúdica, começamos a explicação utilizando o globo terrestre. O objetivo era que as crianças percebessem a localização do Brasil no mundo. Em seguida, apresentamos um mapa do Brasil (Figura 4) e iniciamos juntos a procura pelo estado de Pernambuco (terra natal de Kilma). Essa abordagem visual e interativa tornou a atividade de localização geográfica mais envolvente e significativa para os alunos.

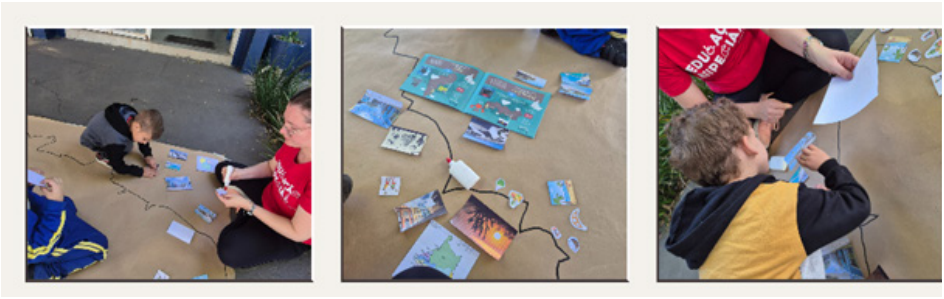
Figura 4. Exploração do mapa do Brasil.



Fonte: arquivo pessoal.

Após a leitura do Atlas Infantil da Cultura do Brasil, as crianças ampliaram seus conhecimentos sobre os estados brasileiros, explorando temas como fauna, flora, danças, comidas típicas e bandeiras, com ênfase em Pernambuco e Recife. A atividade reforçou os aprendizados sobre a artista Kilma Coutinho e sobre as danças nordestinas trabalhadas anteriormente, relacionando geografia e cultura. Em seguida, no jardim da escola, os alunos participaram de uma vivência prática com um mapa gigante do Brasil, localizando o estado de Pernambuco e a cidade de Recife. Com o apoio da professora, os alunos colaram imagens relacionadas à cultura pernambucana e encerraram com um piquenique temático com bolo de rolo e água de coco, reforçando a compreensão sobre a cultura nordestina e a Libras (Figuras 5 e 6).

Figura 5. Atividade cultural com recorte.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 6. Piquenique com comidas típicas.



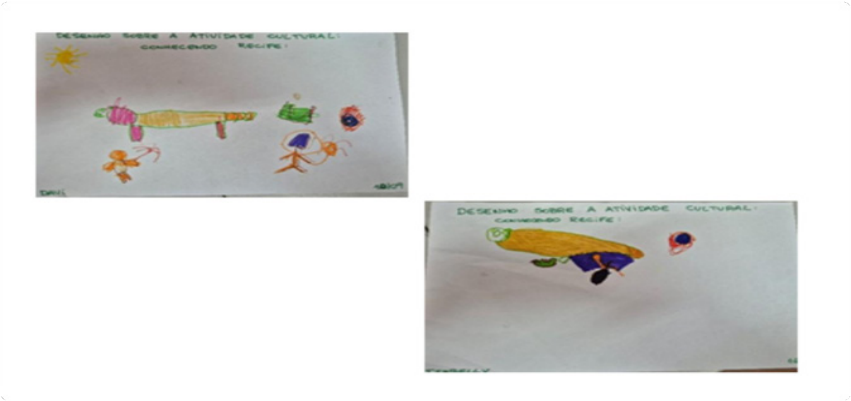
Fonte: arquivo pessoal.

Para encerrar a imersão cultural, as crianças assistiram a uma poesia em vídeo inspirada nas obras da artista surda Kilma Coutinho, criada por Yanna Porcino e Cláudio Mourão e disponível no site do #CasaLibras (https://www.casalibras.ufscar.br/pt-br/campeonatos/4o-campeonato/materiais-disparadores-e-complementares).

Apesar da dificuldade inicial em relação à compreensão, os alunos engajaram-se em uma atividade de expressão artística, produzindo desenhos que refletiram os aprendizados e as experiências vivenciadas no projeto, especialmente o piquenique. Os desenhos representaram elementos marcantes, resultado da atividade do piquenique realizada anteriormente, como o coco, o bolo de rolo, o frevo e o sol. Um dos alunos destacou-se

pela participação e pelo uso expressivo da Libras ao explicar sua obra. Nesse dia, um dos alunos faltou (Figura 7).

Figura 7. Desenho sobre a atividade cultural.



Fonte: arquivo pessoal.

Confecção da releitura da obra O Tempo da Pausa

Na etapa final do projeto, foi planejada a releitura coletiva do quadro O Tempo da Pausa, da artista surda Kilma Coutinho (Figura 8). A obra, exibida na sala como referência visual, serviu de ponto de partida para uma conversa em Libras sobre seus elementos e significados. Durante a análise, os alunos expressaram suas percepções: um identificou que a figura central representava uma mulher sentada, enquanto outro destacou o aspecto emocional da pintura, dizendo sentir tristeza na expressão da personagem. Um terceiro aluno, devido a dificuldades linguísticas e de interpretação, não conseguiu compreender ou descrever a imagem, participando de forma mais limitada dessa discussão inicial.

Figura 8. O Tempo da Pausa, de Kilma Coutinho.



Fonte: Instagram da artista, @kilma_coutinho.

A releitura coletiva da obra de Kilma Coutinho iniciou-se com a pintura do fundo em guache azul, e também fizemos fotografias dos alunos imitando a pose da figura central, no jardim da escola. Para o piso, pintaram a parte inferior com guache amarelo e colaram tiras de barbante, enquanto o plano de fundo superior foi construído com recortes de revistas coloridas. Durante todo o processo, a obra original permaneceu exposta para servir de referência, permitindo que as crianças observassem e comparassem continuamente sua produção com a inspiração, comentando ativamente sobre os elementos visuais.

Na etapa final, a professora auxiliou no recorte das fotografias dos alunos, que depois exploraram páginas de revistas para selecionar imagens de flores, vasos, copos ou xícaras, ele-

mentos recorrentes nas obras de Kilma Coutinho. Cada criança recortou e colou suas escolhas na tela, completando a releitura coletiva e reforçando a coordenação motora, a percepção tátil-visual e o envolvimento com os detalhes da obra (Figuras 9 e 10).

Figura 9. Atividade de rasgar e colar revista.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 10. Finalização do quadro com pintura e colagem de fotografia e outros elementos.

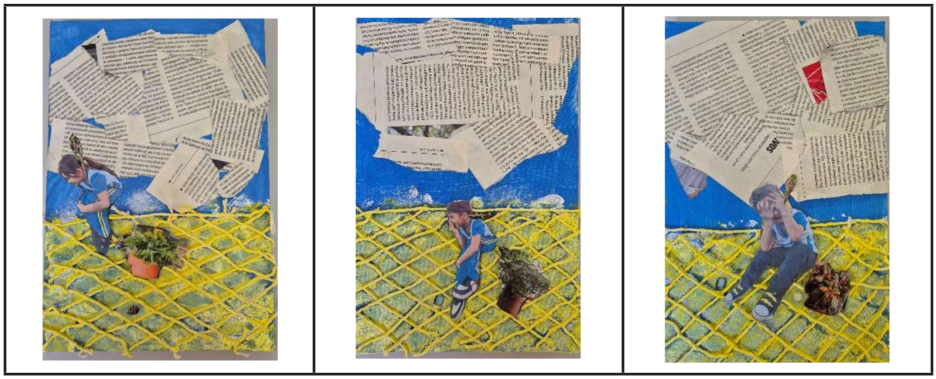


Fonte: arquivo pessoal.

A releitura coletiva do quadro de Kilma Coutinho foi colocada no corredor principal da escola, valorizando o empenho e a criatividade das crianças. A exposição despertou o interesse de professores, funcionários e famílias, que puderam ver de per-

to o trabalho feito com tanto carinho pela turma da Educação Infantil Bilíngue.

Figura 11 – Obras finalizadas.



Fonte: arquivo pessoal.

Considerações finais

O projeto foi um sucesso ao integrar Libras, arte visual e cultura brasileira na Educação Infantil Bilíngue. A participação no campeonato estimulou um estudo cultural profundo, com grande engajamento das crianças, especialmente durante o piquenique com bolo de rolo e água de coco. Os alunos desenvolveram autonomia na finalização da obra, embora precisassem de auxílio em tarefas motoras mais complexas. Linguística e culturalmente, ampliaram conhecimentos sobre a cultura surda, a artista Kilma Coutinho, histórias em quadrinhos e a cultura de Pernambuco e Recife. A exposição das obras no corredor da escola valorizou publicamente o esforço da turma, promovendo protagonismo surdo, desenvolvimento integral e a prática efetiva da inclusão com apoio da equipe escolar.

Relatório Docente das Práticas da Escola Municipal de Educação Básica Dalila Galli – São Carlos-SP

Fabio Luis Escalace
Júlia Caroline de Araújo Almeida Vendramini

Contextualização

Este relatório é resultado das atividades pedagógicas desenvolvidas com uma turma de alunos surdos de uma sala multisseriada bilíngue para surdos, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I. A sala é formada por 11 alunos surdos, divididos em dois ciclos (Ciclo I – 1° ao 3° ano e Ciclo II – 4° e 5° anos). Neste relato apresentaremos as etapas desenvolvidas com alunos do Ciclo II (4° e 5° anos) para produção artística de uma colagem, seguindo as orientações do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras.

Integrantes deste grupo

Um grupo de 5 alunos surdos, de 9 a 12 anos, uma professora ouvinte bilíngue (fluente em Libras) e um educador surdo (instrutor de Libras da turma).

Descrição do processo

Iniciamos com uma roda de conversa, relembrando a nossa participação no 3° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, no ano passado. Os alunos lembraram-se – com exceção de três alunos novos – da participação no ano anterior, e então anunciamos que um novo campeonato estava com inscrições abertas. As crianças ficaram empolgadas por participarem novamente. Acessamos com eles o site do #CasaLibras e então apresentamos, projetando na televisão da sala, a proposta do 4° Campeonato. Mostramos, inicialmente, a história em quadrinhos CaLi em Recife e, em seguida, a versão animada da história.

Discutimos sobre a história, coletando dos alunos suas interpretações, e notamos que eles não conheciam o Museu do Homem do Nordeste. Fizemos pesquisas na internet, e os alunos ficaram impressionados com as fotos reais do museu e com a ilustração deste mostrada na história em quadrinhos e na versão animada. Eles comentavam: "Nossa, quem desenhou fez realmente igual!". Aproveitamos para discutir sobre a importância de um museu e, especificamente, do Museu do Homem do Nordeste.

A história animada do CaLi também disparou outras temáticas, como regiões do Brasil, com destaque para a região Nordeste, mais especificamente Pernambuco e a capital, Recife, suas belezas naturais, cartões postais e referências artísticas e culturais. No primeiro semestre, nós havíamos estudado, nas dis-

ciplinas de História e Geografia, o mapa do Brasil, os estados e as regiões brasileiras, suas características e importância cultural. Então, as crianças relembraram nossos estudos anteriores, e as discussões foram mais contextualizadas e significativas para eles.

Figura 1. Apresentação da proposta.



Fonte: acervo pessoal.

No dia seguinte, apresentamos mais materiais disparadores: o vídeo de apresentação de Yanna Porcino e Cláudio Mourão; o vídeo-poema Eu, surda...vida que pulsa!, com os poetas surdos, inspirados nas obras de Kilma Coutinho; e o vídeo em que Yanna e Cláudio comentam a arte da Kilma. Nós, educadores, e os alunos ficamos impressionados com o poema, e as crianças ficaram encantadas em saber que há adultos surdos, que fazem produções artísticas tão ricas, carregadas de sentido e emocionantes.

As atividades desse dia culminaram na proposta, para casa, de uma releitura de uma obra da Kilma Coutinho, A menina surda imaginário.

Figura 2. Atividade realizada no segundo dia e obra enviada para releitura (lição de casa).



Fonte: acervo pessoal e site institucional do #CasaLibras.

No terceiro dia, socializamos a tarefa de casa, enviada no dia anterior. Cada aluno apresentou, aos colegas e educadores, a releitura que realizou da obra de Kilma. Em seguida, apresentamos os dois últimos vídeos disparadores: sobre a técnica da colagem e sobre as obras da artista homenageada, Kilma Coutinho. Incentivamos os alunos a perceberem elementos importantes das obras de Kilma: a presença de mulheres; elementos da natureza e da identidade surda, especialmente pensando na visualidade, como mãos e olhos; elementos da cultura nordestina. A cada obra observada, fizemos o exercício de localizar os elementos antes discutidos. Conversamos também sobre a técnica de colagem, propriamente dita, que é carregada de sentido, e não realizada de forma aleatória. Distribuímos, então, revistas aos alunos e pedimos que, com calma e com

olhar atento, localizassem figuras, imagens, palavras... enfim, elementos que contemplassem os aspectos presentes nas obras de Kilma. Os alunos realizaram as buscas e fizeram suas seleções prévias, nesse momento, individualmente.

Figura 3. Atividades realizadas no terceiro dia.



Fonte: acervo pessoal.

No último dia, foi o momento de dedicação à produção artística. Em grupo, os alunos recortaram as imagens que já haviam selecionado no dia anterior; organizaram todas as imagens recortadas e elencaram quais de fato comporiam a obra final. A todo momento, relembrávamos os elementos que deveriam estar presente na obra final; inspirados em todos os materiais disparadores que havíamos estudado. Coletivamente, fomos organizando a colagem, fazendo "ensaios" de onde cada imagem recortada ficaria melhor, e cada aluno dava sua sugestão e contribuição, e os demais amigos aprovavam ou discordavam e sugeriam nova maneira de organizar.

Figura 4. Produção coletiva da colagem.











Fonte: acervo pessoal.

A produção foi realizada em cartolina branca no tamanho A2 (42cm x 59,4 cm). As imagens foram recortadas de revistas doadas pela bibliotecária de nossa escola e de outras já existentes em nossa sala. Cada aluno utilizou sua própria tesoura e cola.

Escolhemos uma imagem maior para compor o fundo, e as demais figuras foram sendo compostas pelos alunos, sempre inspirados nas obras da Kilma Coutinho: as mulheres; os olhos; as mãos; elementos da natureza, simbolizando a vida; uma flor no peito, representando o coração e a "vida que pulsa". Um aluno fez questão de procurar letras para compor a palavra Libras e as posicionou acima de duas mãos. Ele disse: "a Libras é muito

importante para nós, surdos!". Uma aluna encontrou borboletas azuis e quis muito colocá-las, enfatizando: "essas borboletas são lindas e são azuis. Azul é importante, por causa do Setembro Azul". O mapa do Brasil foi encontrado na revista por outro aluno. No momento da colagem, questionamos sobre a região brasileira em evidência neste campeonato, e todos souberam apontar corretamente. Ao colar, deixaram a região Nordeste mais em evidência. Os dizeres "diversidade em construção" e "mistura brasileira" foram sugeridos por nós, educadores; explicamos o significado das expressões, e eles concordaram em utilizar tais recortes. Um aluno completou: "as duas frases combinam com essa obra!". Eis, então, nossa produção final!

Figura 5. Produção artística finalizada.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 6. Os alunos e a obra produzida por eles.



Fonte: acervo pessoal.

Avaliando todo o processo de participação neste campeonato, é possível perceber ganhos muito significativos aos alunos e a nós, educadores, também. Tivemos acesso a conhecimentos novos e aprendemos muito sobre produções artístico-literárias surdas, identidade surda, potência surda. Incrível como, a cada campeonato, temos aprendido mais! Conseguimos retomar conteúdos escolares já abordados anteriormente e ainda apresentar novos conteúdos. As crianças aprendem de forma prazerosa e mais significativa, pois se sentem protagonistas durante o processo.

É importante ressaltar que todas as atividades e a sequência do processo foram planejadas e mediadas pelos educadores (professora bilíngue e instrutor de Libras), com destaque para o instrutor de Libras, que sempre iniciava as atividades com os

alunos e tinha o lugar de referência quando as discussões eram relacionadas à identidade surda, a ser surdo, à cultura surda e à criação artística surda.

Nós, educadores, finalizamos essa participação gratos pela oportunidade de aprendizagens adquiridas, mas também conscientes da necessidade de intensificarmos em nossas práticas docentes atividades que possibilitem aos alunos surdos aprenderem mais sobre a cultura surda, especialmente as produções artístico-literárias, e de estimularmos que eles também façam mais criações em vídeo, que coloquem a Libras em evidência e, cada vez mais, na centralidade do processo educacional.

Relatório Docente das Práticas da Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos Anne Sullivan – São Paulo-SP

Lourdes Fátima Basílio

Priscilla Roberta Gaspar de Oliveira

Diego da Silva Vaz

"Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender".

Paulo Freire

Somos uma Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos (Emebs), formada por uma equipe docente composta de professores surdos e ouvintes, além da presença constante de uma instrutora surda, responsável por oferecer suporte linguístico e orientações didáticas durante o processo pedagógico.

Contexto e objetivos

A equipe que se articulou para promover as atividades do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras foi composta de docentes das disciplinas de Libras, Artes e Língua Portuguesa, juntamente da instrutora surda formada em Letras/Libras.

Participaram quatro turmas – uma de 7° ano e três de 8° anos –, totalizando 24 estudantes surdos. As atividades foram realizadas entre setembro e outubro de 2025, em um percurso de descobertas, trocas linguísticas e expressões artísticas.

O trabalho integra práticas pedagógicas bilíngues desenvolvidas ao longo do ano, entre elas: Festa Cultural do Cordel (2 de agosto), durante o Dia da Família na Escola, conforme orientação da SME, em que a artista surda Klícia de Araújo Campos foi homenageada, unindo arte, literatura e cultura popular; 14ª Semana do Surdo, evento anual que valoriza a cultura e identidade surda, promovendo reflexões sobre inclusão, acessibilidade e direito à diferença.

Essas experiências fortaleceram o reconhecimento da Libras como língua de arte, poesia e comunicação, a valorização da cultura popular nordestina e o protagonismo surdo em espaços de criação.

Início do processo

Os professores das três disciplinas e a instrutora surda reuniram-se previamente, após estudo dos materiais disponíveis no site do #CasaLibras, para trocar informações e planejar o trabalho interdisciplinar.

Em seguida, os docentes apresentaram aos alunos os materiais disparadores:

- História em Quadrinhos CaLi em Recife e sua animação;
- Poema Eu, surda... vida que pulsa! (veja vídeos da explicação da instrutora aos alunos aqui:

Eu sou surda 1: https://youtube.com/shorts/nuvGSUxyjt8

Eu sou surda 2: https://youtube.com/shorts/fu66pHBlqh8

- Vídeo Sobre a arte surda de Kilma Coutinho, por Cláudio Mourão e Yanna Porcino;
- Aula O que é colagem?! Vem aprender com a Kilma Coutinho!

Figura 1. Apresentação da HQ CaLi em Recife com os estudantes.

https://youtu.be/FckmVLPfcIc



Fonte: acervo pessoal.

Desenvolvimento das atividades

Artes

A professora de Artes organizou uma sessão fotográfica com elementos simbólicos da arte e cultura surdas: bandeira da comunidade surda, galhos de plantas, mãos articuladas de madeira e textos motivadores.

A partir disso, os alunos criaram colagens inspiradas na obra da artista Kilma Coutinho, utilizando vocabulário selecionado e a leitura de sua biografia.

Figura 2. Sessão de fotografia com os estudantes e elementos da arte e cultura surdas.

https://youtu.be/RQlNIZ8eUPE









Fonte: acervo pessoal.

Libras

Nas aulas de Libras, após leitura e discussão dos materiais, os estudantes produziram colagens individuais, exercitando a expressão visual como forma de comunicação. Essas produções funcionaram como um treino preparatório para a colagem coletiva final.

Durante rodas de conversa, os alunos refletiram sobre a pergunta: "Em que momento sua vida pulsa?".

Os relatos revelaram que a vida pulsa na escola, onde a Libras é usada livremente, e também na comunidade surda, durante encontros bilíngues e eventos culturais. Muitos expressaram tristeza por, em casa, enfrentarem barreiras de comunicação com familiares ouvintes.

Figura 3. Colagens individuais dos estudantes.

https://youtu.be/aDzTqN_Lqno





Fonte: acervo pessoal.

Língua Portuguesa

Com apoio da instrutora surda, os alunos realizaram releituras coletivas do poema Eu, surda... vida que pulsa! e dos demais materiais, explorando sentidos e emoções expressos nas obras. Os poemas finais tiveram os seguintes títulos: Vida de Surdo (nesse vídeo, os alunos relatam, em forma de poesia, suas próprias experiências de vida, sendo surdos, filhos de pais ouvintes e enfrentando a dificuldade de comunicação na escola até conseguir estudar em uma escola bilíngue para surdos); O primata e a Surda (nesse poema, depois de os alunos refletirem sobre primatas e comunicação por meio de língua de sinais, a aluna Gabriela sinaliza sua versão); e Natureza Surda (no poema é mostrado uma simbiose entre as plantas e a natureza humana). Os poemas podem ser vistos em:

Natureza Surda: https://youtu.be/K-aAiUbJwGQ

O Primata e a Surda: https://youtube.com/shorts/sIsfRsCdgd8

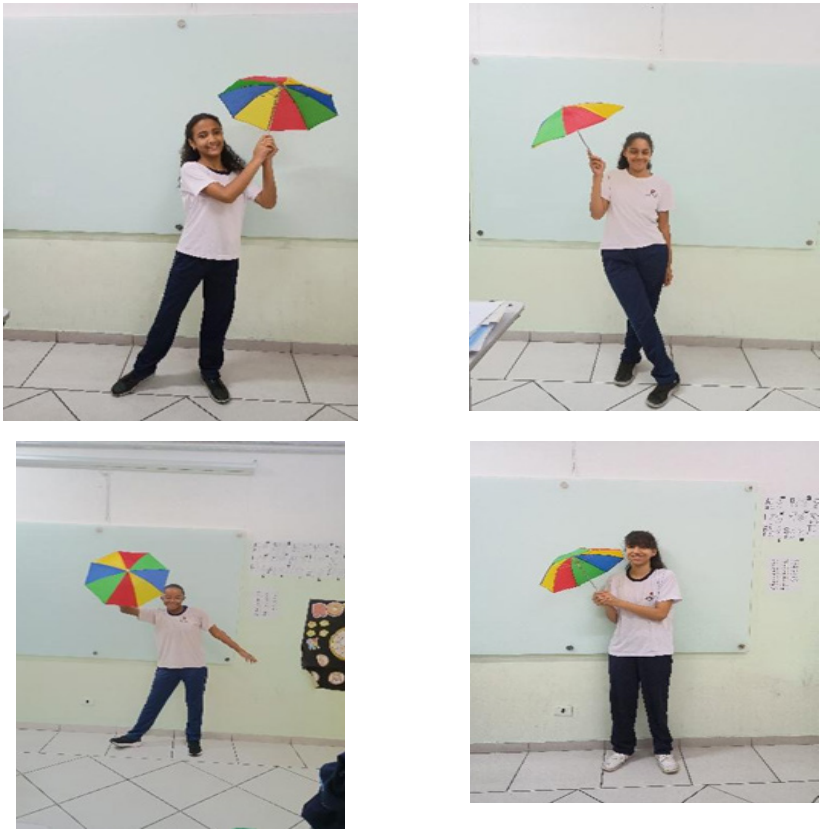
Vida de Surdo: https://youtube.com/shorts/zljlhimtxMg

As produções escritas e visuais foram construídas coletivamente, em rodas de conversa e momentos de reflexão sobre a arte e a identidade surda. Toda a mediação foi feita em Libras, garantindo acesso linguístico e equidade comunicativa entre os estudantes.

Criação da colagem artística

Na etapa final, os alunos pesquisaram imagens e palavras em jornais e revistas, buscando representar elementos da cultura nordestina – flores, pássaros, plantas e paisagens de Recife –, além de incorporar sinais da escrita de sinais (SignWriting) pesquisados no SignPuddle, relacionando-os à temática da surdez (é usado o uso da escrita de sinais como estratégia de ensino nas aulas de língua portuguesa). Também fizemos uma sessão de fotos com alunas com sombrinhas de frevo.

Figura 4. Sessão de fotografias das alunas.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 5. Etapas da colagem coletiva.

https://youtu.be/03b8jpDYFQg















Fonte: acervo pessoal.

Reflexões e resultados

Os estudantes participaram de forma ativa, criativa e autônoma, demonstrando sensibilidade artística e domínio da Libras como língua de expressão cultural e poética. As produções revelaram o poder da arte como ferramenta de comunicação, acessibilidade e valorização da diversidade linguística.

O trabalho envolveu mais de 100 alunos, considerando que o professor de Libras atende oito turmas. As colagens individuais foram reunidas em um painel exposto no corredor da escola, transformando-o em um museu bilíngue que estimula toda a comunidade escolar.

Figura 6. Colagens individuais que foram expostas.





Fonte: acervo pessoal.

Direitos Humanos e encerramento

Ao integrar os Direitos Humanos ao cotidiano pedagógico, buscamos evidenciar que toda forma de comunicação, expressão e existência tem valor e merece reconhecimento. A educação bilíngue para surdos é, acima de tudo, um direito linguístico e cultural, que assegura o acesso ao conhecimento e à participação plena na sociedade.

Cada produção apresentada no campeonato reafirmou o compromisso da Emebs com a diversidade, o respeito e a equidade, princípios fundamentais dos Direitos Humanos e da peda-

gogia freiriana que nos inspiram diariamente.

Conclusão

O conjunto de atividades demonstrou que ensinar e aprender em Libras é um ato de amor, resistência e liberdade.

Por meio da arte e da literatura, nossos estudantes puderam dizer, em sinais, imagens e palavras, que suas vidas pulsam – na escola, na comunidade e na arte que os representa.

Figura 7. Arte final A vida pulsa na escola bilíngue.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 8. A vida pulsa na comunidade surda.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 9. Alunos surdos com as obras de arte.



Fonte: acervo pessoal.

Relatório Docente das Práticas da Escola Estadual Pirassununga – Pirassununga-SP

Joice Daiane Muniz
Elenice de Medeiros Minatel
Luciana Calheiros Meinicke Braga

Em um primeiro momento, foi realizado um planejamento conjunto entre a professora da Sala de Recursos, sua estagiária e a professora interlocutora de Libras, com o objetivo de organizar as etapas do projeto do 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras e garantir a participação efetiva do aluno surdo.

Após o momento de planejamento, a proposta foi apresentada ao aluno surdo, no Atendimento Educacional Especializado (AEE). Durante a apresentação, foram explicados os objetivos da atividade, os materiais necessários e a forma como o trabalho seria desenvolvido. Após o aceite do aluno em participar, foram selecionados os alunos do 2° ano do Ensino Médio, turma na qual o aluno surdo está matriculado. O tema deste ano é "CaLi em Recife", que convida os estudantes a conhecerem as riquezas do Nordeste brasileiro, suas expressões artísticas, práticas culturais surdas e o protagonismo da comunidade surda na arte e na cultura.

Durante a apresentação, os alunos foram informados de que, ao longo da atividade, CaLi – o mascote surdo – embarca-

ria em uma jornada de descobertas, encontros e aprendizados, explorando a diversidade cultural do Nordeste e a importância da Libras como língua de instrução.

O grupo foi formado por cinco integrantes, incluindo o aluno surdo e sua intérprete, assegurando a comunicação e a inclusão desde o início do processo. A intérprete de Libras auxiliou na mediação da comunicação entre o aluno e os colegas, possibilitando uma participação ativa e colaborativa.

Os estudantes demonstraram grande interesse e curiosidade pelo projeto, expressando entusiasmo em participar das atividades criativas que envolvem arte, cultura e bilinguismo. Após a apresentação da proposta, foi definido um cronograma com as datas dos encontros para o desenvolvimento das atividades do projeto.

Para contextualizar o tema e despertar o interesse dos alunos, foram utilizados diversos materiais disparadores, que possibilitaram explorar a arte, a cultura surda e o protagonismo da Libras de forma dinâmica e acessível. Entre os recursos utilizados, destacam-se:

- e-book de história em quadrinhos e sua versão animada, que apresentaram as aventuras de CaLi e introduziram os personagens e o enredo de maneira envolvente;
- vídeo-poema com poetas surdos interpretando obras de Kilma Coutinho, promovendo o contato dos alunos com a literatura surda e a expressão artística em Libras;

- vídeo-tutorial sobre a técnica de colagem utilizada por Kilma Coutinho, servindo como inspiração para a criação artística dos estudantes;
- vídeo com imagens das obras da artista homenageada, apresentando referências visuais e permitindo aos alunos compreender o estilo e as temáticas exploradas pela artista.

Esses materiais tiveram como finalidade contextualizar o objetivo das atividades, estimulando a reflexão sobre as manifestações culturais surdas, a diversidade artística do Nordeste e o valor da Libras como língua de expressão e criação.

Mediação em Libras – orientação e acompanhamento dos alunos

Durante todas as etapas do projeto, a professora interlocutora de Libras esteve presente, acompanhando e auxiliando o desenvolvimento das atividades de forma contínua. Sua atuação foi fundamental para garantir a acessibilidade comunicativa, a participação efetiva do aluno surdo e a integração com os colegas ouvintes.

A interlocutora mediou as interações entre os estudantes, traduzindo as orientações, as explicações da professora regente e as trocas realizadas em grupo. Além disso, ela apoiou o aluno surdo na compreensão dos materiais apresentados – como os vídeos, o e-book e as propostas de criação artística –, assegurando que todos os momentos fossem plenamente compreendidos.

Assim, nas aulas e encontros do projeto, a professora interlocu-

tora desempenhou papel ativo na mediação pedagógica e comunicativa. Ela iniciou cada etapa fazendo a apresentação dos objetivos em Libras, garantindo que o aluno surdo compreendesse claramente as metas e a sequência das atividades. Em seguida, realizava a tradução simultânea das falas da professora regente, das instruções de trabalho e das discussões coletivas, possibilitando a participação equitativa do aluno surdo.

Durante a execução das tarefas práticas, a interlocutora circulava entre os grupos, observando as interações, sanando dúvidas em Libras e incentivando o uso de sinais pelos colegas ouvintes. Em diversos momentos, promoveu breves explicações sobre vocabulário e expressões específicas em Libras, ampliando o repertório comunicativo da turma e fortalecendo o respeito pela língua e cultura surdas.

Também orientou os alunos ouvintes sobre estratégias de comunicação inclusiva, como manter contato visual, falar pausadamente e utilizar gestos complementares, para facilitar a interação direta com o colega surdo. Essa mediação constante contribuiu para tornar o ambiente mais participativo, colaborativo e acolhedor.

Sobre o processo criativo, a interlocutora auxiliou o grupo na organização das ideias, leitura dos materiais e expressão das propostas artísticas em Libras, garantindo que o aluno surdo pudesse não apenas compreender, mas também expressar suas opiniões, sugestões e decisões em igualdade de condições. Sua mediação assegurou que todas as vozes fossem ouvidas, traduzindo as trocas entre os estudantes de forma fiel e respeitosa e fortalecendo o trabalho em equipe.

Ao final das etapas, a professora interlocutora ainda conduziu momentos de reflexão em Libras, nos quais o aluno surdo pôde relatar suas percepções sobre o processo, compartilhar o que aprendeu e expressar seus sentimentos quanto à experiência vivenciada. Esses momentos de mediação foram fundamentais para consolidar o aprendizado bilíngue e valorizar a Libras como língua de ensino, arte e cultura.

Processo de criação artística

Após a mediação e contextualização dos materiais disparadores, iniciou-se a etapa de criação da colagem artística. Nesse momento, os alunos foram incentivados a organizar suas ideias, discutir conceitos e planejar o trabalho em grupo.

Houve um momento de escuta e interação, em que cada estudante pôde expressar suas opiniões, compartilhar sugestões e escolher os materiais que julgasse necessários para realizar a colagem. Essa etapa foi essencial para estimular a participação ativa, o protagonismo dos alunos e a valorização das ideias de cada integrante do grupo, incluindo o aluno surdo acompanhado de sua intérprete, que pôde comunicar suas escolhas e contribuir de forma plena.

Para a criação, os alunos selecionaram uma variedade de materiais artísticos, incluindo EVA, papel-cartão, papel crepom de diversas cores, tinta guache, algodão, serragem, raspas de lápis de cor, giz de cera, entre outros. Esses recursos foram combinados de maneira criativa, permitindo que cada um construísse uma colagem única, conectada às referências apresentadas nos vídeos, no e-book e nas obras da artista homenageada.

Durante todo o processo, a professora, a estagiária e a intérprete acompanharam, orientaram e auxiliaram na execução, garantindo que todos os alunos participassem ativamente da produção e da tomada de decisões.

Ao final, as colagens foram finalizadas, refletindo criatividade, expressão pessoal e compreensão das temáticas culturais e surdas propostas pelo projeto. Como encerramento, cada grupo apresentou sua obra, explicando, por meio da Libras, o significado e a mensagem representada em sua colagem. Esse momento foi de grande riqueza expressiva, pois permitiu que os alunos demonstrassem sensibilidade artística, domínio da Libras e valorização da diversidade linguística e cultural presente na sala.

A experiência do projeto proporcionou aprendizagens significativas em diversos aspectos. Observou-se que os alunos desenvolveram capacidade de planejamento, organização de ideias e tomada de decisões em grupo, habilidades essenciais tanto para o trabalho artístico quanto para a construção de relações colaborativas.

A participação dos estudantes foi ativa e engajada, evidenciada nas discussões sobre os materiais, na escolha das imagens e elementos para a colagem e na interação constante com colegas. O aluno surdo, com o apoio da intérprete de Libras, participou plenamente, demonstrando autonomia e protagonismo na criação artística e nas atividades em grupo. Esse aspecto

evidenciou a importância da inclusão efetiva, mostrando que a mediação em Libras é fundamental para garantir igualdade de oportunidades.

Os alunos também desenvolveram valorização da diversidade cultural e linguística, refletindo sobre o protagonismo surdo e a importância da Libras como meio de expressão e comunicação. Ao explorar referências culturais do Nordeste e obras da artista homenageada, os estudantes puderam compreender como diferentes linguagens artísticas se conectam com experiências sociais e identitárias.

A atividade também estimulou a criatividade e a expressão pessoal, pois cada aluno pôde experimentar técnicas variadas e combinar materiais. Essa liberdade de criação contribuiu para que os alunos se sentissem valorizados, capazes de expressar suas ideias e transformar suas percepções em produções concretas.

Além disso, a experiência fortaleceu habilidades socioemocionais, como a escuta ativa, o respeito às opiniões dos colegas e a colaboração em grupo. O momento de escuta e interação permitiu que cada estudante percebesse o valor da diversidade de perspectivas, promovendo empatia, cooperação e sentimento de pertencimento.

De forma geral, o projeto demonstrou que experiências artísticas bilíngues e inclusivas não apenas enriquecem o aprendizado acadêmico, mas também contribuem para formar cidadãos conscientes, respeitosos e criativos, capazes de valorizar a diversidade cultural e linguística presente na sociedade.

Registros visuais

Figura 1. Momento de apresentação das produções dos alunos: Felipe Antunes (à esquerda), Maria Rita (ao centro) e Mikael Gonçalves (à direita).



Fonte: acervo pessoal.

Figura 2. Produção das obras na Sala de Recursos do AEE pelos alunos.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 3. Momento de exposição das obras produzidas pelas alunas Maria Beatriz (à esquerda), Nayane Honorato (ao centro) e demais participantes do projeto.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 4. Exposição final das obras produzidas pelos alunos durante o desenvolvimento do projeto. Os trabalhos abordaram temas como felicidade na simplicidade, afeto e amor, objetivos de vida aliados à imaginação, a importância da comunicação, inclusão e igualdade.



Fonte: acervo pessoal.

Relatório Docente das Práticas do Instituto Cearense de Educação de Surdos (Ices) – Fortaleza-CE

Gilvania Negreiros da Rocha
Jullia Renee Alves Ramos

Realizamos uma atividade de arte e colagem utilizando materiais que fazem parte do cotidiano dos alunos – elementos que refletem seus hobbies, fontes de renda e interesses especiais. Entre os materiais utilizados, destacam-se latas de refrigerante, cordões, linhas e penas, que compuseram a obra criada com muita sensibilidade e criatividade.

Início do processo

A atividade teve início com uma roda de conversa sobre a artista surda Kilma Coutinho. Abordamos sua trajetória artística e a importância de seu trabalho na valorização da arte e da cultura surdas. Também conversamos sobre o campeonato do #CasaLibras, movimento anual que envolve escolas de educação bilíngue para surdos, promovendo a expressão artística e a identidade cultural surda.

Na sequência, assistimos ao vídeo As Aventuras de CaLi – CaLi em Recife, que serviu como ponto de partida para reflexões e aprendizados. A narrativa divertida rendeu boas risadas – prin-

cipalmente no trecho em que CaLi confunde o sinal de "jacaré" com o da capital "Recife" – e despertou o interesse dos alunos, especialmente quando CaLi se vê diante do roubo inesperado dos quadros. A partir daí, os alunos imaginaram várias possibilidades para o desfecho da história e aceitaram o desafio de compor os quadros para a exposição no museu.

Como inspiração adicional, assistimos à poesia visual de Yanna Porcino e Cláudio Mourão. Cada sinal apresentado despertou emoções intensas. Foi um momento de percepção profunda, por meio das mãos e dos olhos, um mundo silencioso, mas um universo repleto de significados e sensações.

Inicialmente, cada aluno desenvolveu sua obra individualmente, colocando suas impressões na colagem. Após a conclusão dessa dinâmica, iniciamos o trabalho coletivo, trazendo elementos que representam sua própria identidade.

Figura 1. Momento inicial de produção e inspiração na obra de Kilma Coutinho.



Fonte: acervo pessoal.

Materiais disparadores

Para enriquecer a criação artística, utilizamos uma variedade de materiais e recursos visuais:

- imagens de obras de Kilma Coutinho;
- vídeos demonstrativos de técnicas de colagem;
- recortes de revistas;
- papéis coloridos;
- fios, penas naturais e plumas artificiais;
- latas de alumínio (recicladas de refrigerantes).

Esses materiais foram escolhidos não apenas por sua versatilidade, mas também por estarem presentes na vivência dos alunos, seja como fonte de renda ou interesse pessoal.

Mediação em Libras

Todo o processo foi mediado em Libras, valorizando a língua e cultura surdas dos alunos participantes. A mediação incluiu explicações sobre as obras de Kilma Coutinho, interpretação dos vídeos apresentados e discussão dos temas abordados em Libras.

Além disso, assistimos a uma poesia visual interpretada por Yanna Porcino e Claudio Mourão, que nos emocionou e reforçou a ideia de que o mundo pode ser percebido de forma plena por meio do olhar e das mãos e expressado pela arte.

Criação da colagem artística

A criação teve duas etapas:

- individual – cada aluno criou sua própria colagem, escolhendo os elementos que mais o representavam e utilizando os materiais com os quais se identificava. Essas produções refletiram sentimentos, memórias, interesses e vivências pessoais.
- coletiva – em seguida, os estudantes juntaram-se para construir uma obra coletiva, reunindo os destaques das produções individuais e buscando representar a identidade e criatividade de todos os envolvidos.

O resultado foi a criação de uma figura feminina forte: uma mulher negra, adornada com flores feitas em crochê aplicadas na roupa e no cabelo – flores que atraem um beija-flor confeccionado com penas naturais (provenientes do acervo pessoal de um dos alunos) e finalizado com plumas artificiais. Mãos em forma de flores brotam do mandacaru, planta símbolo de resistência no Nordeste, que aparece sob um sol árido representado por um mosaico de alumínio recortado de latas de refrigerante, destacando o uso consciente de materiais recicláveis na composição.

A mulher observa sua mão – instrumento de expressão, emoção e comunicação. Dela emana a força de um coração que pulsa, ramificando sensações que se espalham pelo corpo e pela obra, percebidas por meio do olhar e do toque.

Essa produção coletiva é rica em texturas, significados e afetos. Ao final, ficaram evidentes o cuidado e a atenção dedicados por cada aluno aos mínimos detalhes. A obra resultante carrega valores individuais e coletivos, despertando sentimentos de orgulho, pertencimento e valorização da expressão artística e cultural surda.

Reflexões

Durante e após a atividade, percebemos vários sentimentos e movimentos do grupo:

- a importância da arte como forma de expressão;
- o papel da cultura surda na valorização da identidade;
- a relevância da Libras como língua de acesso ao mundo;
- a atenção aos detalhes e das texturas na representação visual;
- o sentimento de pertencimento, orgulho e reconhecimento do próprio potencial artístico.

A criação coletiva fortaleceu os vínculos entre os participantes e trouxe à tona a importância do fazer junto e do olhar atento aos outros.

Registros visuais

Todo o processo foi registrado em fotos e vídeos. Estes registros fotográficos mostram as etapas de criação, os momentos de aprendizado e as descobertas dos alunos durante a atividade.

Figura 2. Estudantes trabalhando com latas de alumínio.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 3. Confecção do beija-flor, com penas e plumas.



Fonte: acervo pessoal.

Esse sorriso representa tudo! É a sensação de que todo o trabalho valeu a pena.

Figura 4. Flores em crochê feitas pela estudante.





Fonte: acervo pessoal.

Figura 5. Etapas finais do processo e obra concluída.



Fonte: acervo pessoal.

Relatório Docente das Práticas do Centro de Educação e Artes (Cemear) – Guarulhos-SP

Rafael Miguel

O presente relatório tem como propósito principal comunicar e apresentar algumas considerações sobre o caminho percorrido com os educandos surdos durante a aplicação de uma sequência de atividades como um dos critérios para participação no 4° Campeonato Artístico-Literário do #CasaLibras, programa da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

É importante comentar que, para além da participação no campeonato, o presente relatório docente configura-se como um exercício de reflexão e análise crítica sobre as proposições didático-metodológicas desenvolvidas, bem como sobre as aprendizagens logradas pelos educandos surdos e aquelas que ainda estão em processo de desenvolvimento.

Nesse sentido, considerando as aulas expositivas, dialogadas e/ou práticas, o trabalho ocorreu nas seguintes 10 etapas.

1. *Exposição inicial sobre os objetivos da participação no campeonato*

Inicialmente o propósito foi discutir com a turma as informações gerais sobre o campeonato, como a produção coletiva de uma colagem considerando temáticas que envolveriam: a) práticas culturais surdas; b) a presença de mulheres surdas na arte; e c) cultura do povo nordestino. Nesse momento, apenas sinalizei os temas fazendo uso de boia de numeração. A boia de numeração é um recurso discursivo, ou seja, uma estratégia manual usada como apoio de descrição quantitativa para marcar de forma fixa, com recurso manual, elementos que serão descritos e quantificados no discurso em Libras.

2. *Recuperação do conceito de "campeonato"*

Essa retomada somou-se ao levantamento e ao diálogo sobre práticas semelhantes vivenciadas pelos educandos, como: campeonato para escolha do mascote de nossa atividade e do nome de um animal do zoológico do município; jogos (esportivos) escolares; e concursos em nível nacional e mundial de beleza (inclusive com a participação de surdos).

3. *Diálogo sobre o desejo (ou não) de participação no campeonato*

Nesse momento, um educando foi fortemente reticente a sua participação, expondo, em tom desconfortável, tímido e com risada nervosa, que estava com "medo de perder". Diante disso, busquei encaminhar a conversa de modo a acolher a fala do educando, evitando uma postura moralista, desqualificadora ou que invalidasse o sentimento verbalizado. Esse acolhimento envolveu conversar sobre o assunto com todos os presentes, uma vez que outros educandos poderiam ter receios parecidos.

Medo e vergonha foram alguns dos sentimentos que apareceram na conversa, os quais foram validados por mim, inclusive indicando que são comuns a todos os seres humanos. Comentei que ter medo é comum e revisitei a imagem de um mapa mental em que mostrava os medos que cada um tinha, como: medo de aranha, barata e cachorro – sendo este último um medo bastante particular do professor.

Recordei ainda o enredo do filme Divertidamente 2 (projetei a imagem a seguir), em que a personagem principal enfrenta e vivencia uma série de sentimentos e emoções, ditos "positivos" e "negativos". Tudo isso para reforçar a linha de raciocínio de que, enquanto humanos, sentir medo e vergonha (ou outros sentimentos) não se configura em erro, feiura ou problema.

Figura 1. Imagem usada para retomar o enredo do filme.



Fonte: retirada de https://www.disney.com.br/filmes/divertidamente.

Encerrada a conversa, comentei que, em outra aula, retomaríamos o assunto, embora os educandos, aparentemente, já demonstrassem mais tranquilidade e aceite quanto à participação

no campeonato. Enquanto docente, busquei refletir e ler um pouco mais sobre o ocorrido.

4. *Roda de conversa sobre "saber ganhar" e "saber perder – ainda que traga incômodo"*

Instiguei a turma a pensar (ou lembrar) que, embora estivéssemos participando de um campeonato pautado pela honestidade e justiça, visto que todos serão submetidos por uma banca de avaliadores (de pessoas surdas e ouvintes), ao final, apenas algumas crianças, jovens e adultos ocuparão as primeiras colocações e suas produções receberão um destaque maior, enquanto outras não receberão o mesmo destaque, embora sejam tão importantes (bonitas, necessárias, valorosas etc.) quanto qualquer outra.

É oportuno frisar que em todas as etapas desse trabalho, ou seja, do planejamento inicial até produção final, me vali das orientações da proposta curricular do município, além das orientações específicas do campeonato e seus respectivos materiais disparadores e de estudo. Para tanto, nessa fase, articulei aprendizagens[17] relacionadas a diferentes formas de interação, a saber: inclusiva, cooperativa, colaborativa, solidária e competitiva. Ou seja, em alguns momentos da vida – ainda que bastante desafiadores –, poderemos ser convidados a participar de situações

[17] Na proposta curricular do município, tais aprendizagens fazem parte de um rol de outras aprendizagens que, agrupadas, formam o seguinte Saber: "exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo respeito ao outro e aos direitos humanos com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceito de qualquer natureza"; da Unidade Temática "Interação social e empatia", do Eixo "O educando – Cultura de Paz e Educação em Direitos Humanos: Interações, Afetividades e Identidades".

competitivas, como ocorrem nas competições esportivas, nos concursos e nos campeonatos. Nesse sentido, o eixo curricular "Cultura de Paz e Educação em Direitos Humanos" mostra-se significativo à medida que pode ser incorporado e traduzido em ações práticas cotidianas da escola;

5. *Levantamento do conhecimento prévio dos educandos sobre as temáticas centrais apresentadas*

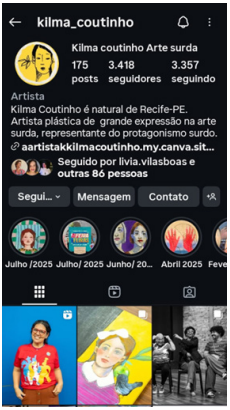
5.1 Práticas culturais surdas

Após a sinalização e o questionamento sobre esse tema, após segundos de silêncio, um dos educandos falou: "Eu sou surdo". Em seguida, questionei: "Certo! Mas o que faz em relação à cultura? Me dê um exemplo. Me explica". Ele disse: "Não sei!". Eu continuei: "Por exemplo, você gosta de desenhar, pintar, brincar, fazer uma escultura de massinha ou fazer uma dobradura de avião? Qual você mais gosta?". Ele respondeu: "Eu gosto de brincar". Eu disse: "Brincar é cultura! Ótimo! É um exemplo correto! Existem também outras formas de cultura, por exemplo, desenhar o rosto de uma pessoa, fazer um desenho livre só usando um lápis preto, pintar um quadro usando muitas cores, fazer uma escultura de massinha, fazer uma dobradura de avião e depois brincar com ele. Ah! Mas também tem a poesia em Libras, a poesia em português, os diferentes tipos de música e dança, por exemplo, o forró, o samba, o k-pop, a música e dança junina – como acontece nas festas juninas da escola, sabem? –, entre muitas outras músicas e danças". A discussão estendeu-se, trazendo mais exemplos de "cultura".

5.2 Presença de mulheres surdas nas artes

Após a pergunta "O que significa 'mulheres surdas nas artes'?", os educandos entreolharam-se e demonstraram expressão de pensamento. Em seguida, perguntei para cada um: "Você é menino ou menina?". Depois, refiz a pergunta a uma educanda (do gênero feminino), e ela respondeu: "Menina!". Logo, questionei sobre o que seria "mulheres surdas na arte". Comecei dizendo: "Na escola, meninos e meninas frequentam as aulas de arte, certo? Então, há meninas surdas que cresceram e se tornaram adultas. E elas são mulheres surdas que usam Libras e são muito inteligentes! Sabem por quê? Porque elas sabem desenhar, pintar e depois vendem os quadros. Isso é trabalhar com artes; trabalhar profissionalmente com artes". Nesse momento, para ampliar os entendimentos, propus entrarmos no perfil do Instagram da pintora recifense surda Kilma Coutinho. A conversa continuou explorando imagens do acervo profissional da artista, disponível no Instagram.

Figura 2. Visualização do acervo da pintora recifense surda.



Fonte: captura de tela do perfil da artista Kilma Coutinho no Instagram (www.instagram.com/kilma_coutinho/).

5.3 Cultura do povo nordestino

Iniciei questionando: "O que significa 'cultura do povo nordestino'?". A turma permaneceu em silêncio e demonstrou conhecer pouco sobre o assunto. Continuei perguntando: "O que é um povo? Sabem o que significa 'povo'?". Diante das expressões negativas, apresentei diferentes imagens que retratavam o conceito, as quais contribuíram para a continuidade da conversa. Dentre elas, destaco a imagem da obra Operários, de 1933, da pintora Tarsila do Amaral.

Figura 3. Obra Operários, de 1933, da pintora Tarsila do Amaral, usada para discutir o conceito de "povo".



Fonte: https://www.culturagenial.com/quadro-operarios-de-tarsila-do-amaral/.

A imagem contribuiu para ampliar e aproximar a compreensão do conceito de "povo", ao permitir a visualização da coletivi-

dade e diversidade (física, marcada pelos rostos e expressões faciais) das pessoas de um grupo. Para o conceito de "nordestino", frente à ausência de entendimentos ou de, pelo menos, ideias iniciais quanto ao termo, convidei um dos educandos a digitá-lo no Google Imagens.

Outras palavras também foram pesquisadas a partir de um banco de palavras registradas na lousa pelo professor, a saber: "Pernambuco", "Recife", "comidas de Recife", "danças de Recife" e "festas de Recife". Diante de tantas imagens, pudemos conversar longamente a respeito, apontando características gerais ligadas a vestimentas típicas de festas, comidas, paisagens e lugares.

Em seguida, apresentei a imagem de um mapa do Brasil, com divisão político-administrativa. Inicialmente, apontando para o mapa exibido em tamanho grande na lousa por meio de um projetor, perguntei: "O que é isso?". Todos responderam de forma uníssona e repetidas vezes: "É o Brasil! É o Brasil!". Nesse momento, uma educanda, de forma bastante animada, disse: "Eu assisti na TV ao jogo do Brasil. Brasil! Brasil!". De forma calorosa, por alguns minutos, a aula encaminhou-se para o assunto futebol.

Retomei o assunto central, questionando e apontando para o mapa: "Aqui é o Brasil, certo? Então, onde nós moramos?" e "Onde moram os surdos e ouvintes nordestinos?". Num movimento de diálogo, os educandos e eu trazíamos as respostas. Em muitos momentos, durante a conversa e diante de novas perguntas, eu as redirecionava para outro educando, provocando-o a pensar na pergunta feita pelo colega.

6. *Lição de casa e leitura da HQ CaLi em Recife*

O primeiro contato que os educandos tiveram com a história em quadrinhos CaLi em Recife se deu por meio do recebimento do material impresso e da leitura obrigatória como lição de casa. Embora a lição de casa seja comumente usada para que o educando revise, reforce ou amplie conhecimentos a partir do que foi tratado em sala de aula, nesse contexto, a atividade serviu como um desafio de leitura individual, sem a mediação do professor. Além disso, objetivou-se o estímulo ao hábito de estudo, distanciando-se totalmente de práticas escolares do tipo "estudar para passar na prova".

7. *Leitura e discussão em gru*po sobre a HQ

Em sala de aula, após os educandos terem lido a história em casa, separei um tempo para que cada um falasse suas primeiras impressões do material. Em sua maioria, disseram que o apreciaram. Em seguida, projetei a HQ, e, em grupo, fomos lendo calmamente cada quadro. Foram muitas as manifestações, comentários e intervenções dos educandos e minha diante do material. A seguir, apresento quatro delas.

7.1 Elementos pré-textuais e significado de HQ

Primeiramente, apresentei em Libras (e nomeei em Libras) os elementos essenciais que compõem a HQ a partir da capa, como ilustração, título, autores e editora (os demais elementos que aparecem na capa foram apresentados, mas não aprofundados). O objetivo era simples: conhecer e nomear tais elementos do material. Após a apresentação, fui perguntando individualmente e em grupo sobre cada parte.

Além disso, considerando que eles já haviam manuseado e lido a história em casa, apontei para a projeção na lousa e sinalizei: "Pergunta: qual é o tipo de texto? Por exemplo, isto aqui é (A) uma rotina, (B) uma lista de alunos ou (C) uma história em quadrinhos?". Diante das expressões de interrogação dos educandos, repeti a pergunta fazendo expansão em cada alternativa. Na letra (A), fiz um breve desenho que lembrava uma "rotina" (no caso, refiro-me a um gênero textual escolar bastante comum, composto de desenho e escrita de cada atividade programada na rotina escolar). Na letra (B), apontei para a lista física na sala com os nomes dos educandos. E na letra (C) mostrei um gibi impresso da Turma da Mônica e outra da Marvel. Mesmo assim, as expressões de interrogação mantiveram-se.

Após outras tentativas, inclusive trazendo outros exemplos, revelei que a alternativa correta era a letra (C) e fui explorando os elementos constitutivos de uma HQ, em linhas gerais e sem entrar em detalhes: quadros sequenciais compostos de desenhos de personagens e cenários, além da presença de balões de fala e pensamento. Durante a explicação, um dos educandos disse que os gibis eram menores e eram diferentes do material impresso, o qual era de um tamanho maior. Parei, refleti, entendi a lógica do educando e respondi que ele tinha razão. Expliquei que, ao realizar a impressão, optei por um tamanho que aproveitasse toda a face da folha, chamado de "tamanho A4", para que as imagens pudessem ficar grandes e claras. Retomei dizendo que, mesmo impresso em tamanho maior, aquele material era considerado uma HQ.

7.2 "Tuuu-tuuu! Atenção senhores passageiros!"

A página 10 faz referência a quatro locais públicos da cidade do Recife, a saber: Praça do Marco Zero, Rua do Bom Jesus, Praia de Boa Viagem e Rio Capibaribe. Após a leitura completa da HQ, voltei à página em questão para ampliar a discussão, da mesma forma como foi feito em outras páginas. Nesse trabalho de retomada, combinei com os educandos que faríamos uma viagem para o Recife.

Dramatizamos (ou, na verdade, brincamos como se estivéssemos em) uma viagem de avião, na qual o professor assumiu os papéis de agente de viagem (responsável por verificar as passagens e documentos pessoais, além do check-in, no aeroporto), comissário de bordo (profissional que orientava sobre a colocação do cinto e que servia água e salgadinhos na viagem), piloto e guia turístico, enquanto os educandos eram os passageiros e carregavam suas malas. Após a "chegada" à capital do frevo e do maracatu, o guia turístico apresentava os quatro locais públicos (por meio da projeção de fotos reais) e comentava brevemente sobre cada um.

7.3 Frevo, samba, forró e k-pop

No final da página 10, o personagem CaLi, ao receber uma sombrinha colorida do frevo (dança típica de Pernambuco), pensa estar recebendo um guarda-chuva. Apesar da tentativa de provocar humor no leitor num primeiro momento, observei que a turma não reagiu com risos de forma imediata. Isso me inquietou. A hipótese era de que possivelmente os educandos desconheciam o contexto (culturalmente riquíssimo) da presença

daquela sombrinha na narrativa. Assim, perguntei para turma: "Vejam, o CaLi está no Recife, certo? Lembram que ele viajou de avião e desembarcou com suas malas no Recife, certo?". Todos confirmaram que sim. Continuei: "Se ele está no Recife, o que significa esse objeto (apontando para a sombrinha)?". Um educando disse: "Ele está usando por causa da chuva". Outros disseram não saber. Diante das respostas, apresentei um vídeo com pessoas (crianças e adultos) dançando frevo. Em seguida, convidei os educandos a "brincar de dançar" o frevo, a partir da visualização do vídeo.

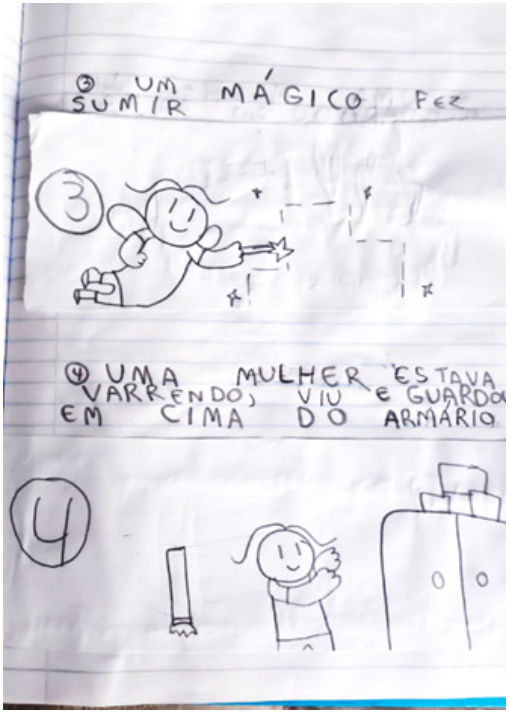
Nesse momento, um dos educandos insinuou passos de samba. Parabenizei, mas apontei que essa era outra dança. Busquei um vídeo de pessoas dançando samba. Outros educandos falaram que não gostavam desse ritmo. Aproveitei o momento e me pronunciei, mostrando um vídeo e dizendo que preferia dançar forró com a minha esposa, embora não dançasse muito bem. Uma educanda sinalizou que gostava de dança de "meninas com olhos puxados". Ela não soube dizer o país de origem das cantoras, mas, diante da sinalização apresentada, busquei no Google Imagens e no YouTube por "k-pop" e "BTS". A partir dos resultados apresentados, conversamos brevemente sobre o país de origem (Coreia do Sul) e outros aspectos gerais da cultura.

7.4 O sumiço dos quadros

Outra parte da história que gerou bastante discussão foi o sumiço dos quadros – o qual julgo ser o clímax da história, ou seja, o ponto mais intenso ou o momento de maior emoção ou conflito, considerando a estrutura clássica de uma narrativa. No contexto da sala de aula, percebi que havia se formado um

"terreno fértil" para imaginação, fantasia e reelaboração de narrativas, o que me permitiu fazer inúmeras provocações aos educandos. Nesse sentido, após a discussão sobre outras possibilidades, chegamos a um consenso de cinco explicações para o sumiço dos quadros, os quais foram registrados em português escrito (conforme imagem a seguir), a saber: 1) um ladrão roubou (explicação já sugestionada na HQ); 2) Sonic (personagem de videogame) correu e pegou; 3) um mágico fez sumir; 4) uma mulher estava varrendo, viu e guardou em cima do armário; e 5) uma mulher viu e guardou no armário.

Figura 4. Imagem do caderno de um educando surdo.



Fonte: acervo pessoal.

8. *Visualização de outros materiais produzidos pelo #CasaLibras*

Além da leitura e discussão da HQ, as quais mobilizaram inúmeros encaminhamentos didático-metodológicos – parte dos quais foram descritos anteriormente –, outros materiais, produzidos pelo #CasaLibras, também foram consumidos pelos educandos surdos, gerando diversas práticas em sala de aula (as quais não serão detalhadas aqui), sendo eles:

- vídeo da animação da HQ CaLi em Recife;
- vídeo-poesia Eu, surda... vida que pulsa!, de Yanna Porcino e Claudio Mourão;
- vídeo sobre a arte surda de Kilma Coutinho, por Claudio Mourão e Yanna Porcino;
- vídeo O que é colagem?! Vem aprender com a Kilma Coutinho!;
- vídeo sobre as obras da artista surda homenageada, Kilma Coutinho.

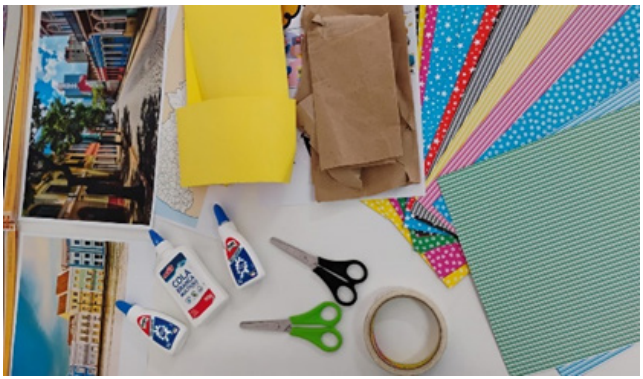
9. *Materiais utilizados na colagem*

Os materiais utilizados foram:

- papéis coloridos;
- imagens impressas de paisagens do Recife;
- revistas e apostilas escolares em desuso;
- tesouras;

- colas;
- fita adesiva;
- lápis de cor.

Figura 5. Alguns materiais usados na colagem.



Fonte: acervo pessoal.

10. Produção da colagem pelos educandos surdos

Considerando todos os materiais lidos, visualizados e amplamente discutidos em sala de aula pelos educandos, somados a todas as proposições didáticas planejadas e mediadas em Libras pelo professor bilíngue, os educandos realizaram a produção da colagem, que se apresenta a seguir.

Figura 6. Produção final dos estudantes.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 7. Elementos da colagem.



Fonte: acervo pessoal.

- A imagem da praia ensolarada e com céu azul é inspirada em imagens bastante comuns encontradas no Google Imagens de algumas praias da região Nordeste do país;

- O balão de fala expressa a primeira enunciação (sinalizada, diga-se de passagem), em tom de admiração e surpresa, dos turistas surdos quando chegam à cidade de Recife e constatam as belezas naturais e culturais do lugar;

- As três crianças surdas e o cachorro viajaram para o Recife. As imagens correspondem exatamente ao número de educandos surdos da turma e apresentam as mesmas características físicas quanto a cor da pele e do cabelo e ao formato e penteado do cabelo. A presença do cachorro foi justificada pelos educandos em razão de outro projeto que, ao que parece, marcou bastante a turma. Nesse projeto, eles criaram uma narrativa intitulada "Ai, minha mão!", que conta a história de uma menina surda que teve a mão mordida por um cachorro. Na atual produção, os educandos chegaram a um consenso e afirmaram que, agora, o cachorro se tornou um amigo e está bonzinho. As imagens das crianças turistas e do cachorro, assim como as imagens do gato, do outro cachorro e do menino com a sombrinha foram retiradas de uma apostila escolar em desuso;

- As malas foram colocadas para reforçar a ideia de que eles estão viajando. Certamente, essa ideia nasceu depois da aula em que dramatizamos uma viagem de avião, conforme explicitado no item 7.2;

- Diante de papéis de inúmeras cores, os educandos escolheram esse tom de azul vibrante, porque, segundo eles, melhor representaria o céu de Recife;

- Conforme a etapa 7.3, a sombrinha, enquanto item típico do frevo, foi bastante abordada nas aulas. Outras sombrinhas foram pintadas e recortadas, mas acabaram não entrando na produção final;
- O menino surdo, o cachorro em frente ao tronco e o gato dormindo na árvore são representados como cidadãos recifenses e trazem uma folha na orelha, em referência às obras da artista surda Kilma Coutinho. O gato também foi inspirado em outra criação (Gata preta surda repousando) da artista, visualizada pelos educandos no Instagram;
- A paisagem de fundo do lado direito é uma foto da Rua do Bom Jesus, localizada no Recife. É um dos quatro lugares que apareceram na HQ (impressa e em vídeo) e foi escolhido pelos educandos, pois representa "um lugar bonito e colorido".

SEÇÃO 2 – Caderno Visual: Obras Premiadas e Memória do Festival

Obras – 1º lugar

Link de acesso ao vídeo com as obras vencedoras em primeiro lugar:

https://www.youtube.com/watch?v=1typLGzgYUc

Categoria – Educação Infantil

EPG Crispiniano Soares

Guarulhos-SP

Dados dos participantes

Professoras

Silvia Ventura Ortiz

Larissa de Oliveira Santos

Alunos

Joaquim Della Rovere Lorenzo

Miguel Dias da Silva

Pedro Henrique Rodrigues de Lima Henrique

Gabriel Dias da Silva Jairo Macedo Amor Divino



Categoria – Ensino Fundamental I

EPG Anísio Teixeira

Guarulhos-SP

Dados dos participantes

Professoras

Larissa Daniele de Jesus Coelho

Valéria da Silva Bezerra

Alunos

Anna Júlia Andrade dos Santos

João Lucas Borges de Queiroz

Miguel Silva de Souza

Pedro Henrique Guedes Freitas

Tawanny Victória Lopes França



Categoria – Ensino Fundamental II

Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Helen Keller

Caxias do Sul-RS

Dados dos participantes

Professoras

Jailza dos Santos Martins

Lisandra dos Reis

Natacha Soares Perazzollo

Aluno

Breno Raul Pigatto



Categoria – Ensino Médio

Instituto Pedagógico de Apoio à Educação do Surdo de Sergipe (Ipaese)

Aracaju-SE

Dados dos participantes

Professoras

Mirelli Montes Dias

Gyslane Damares Feitosa Costa

Josevânia Santos Conceição

Alunas

Anne Beatriz Casado Campos

Maria Eduarda de Jesus Gonçalves

Maria Luiza Bomfim Sizino dos Santos



Categoria – EJA/Outros

Emeja Professor Sérgio Rossini

Campinas-SP

Dados dos participantes

Professores

Edinéia de Fatima da Silva

Nicolas Alves Henriques

Alunos

Adriana da Silva Kitabatake

Antonio Carlos da Silva

Marcos Antonio de Morais

Daniella Ramiro de Lima



Obras - 2º lugar

Categoria – Educação Infantil

Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos Anne Sullivan

São Paulo-SP

Dados dos participantes

Professoras

Luciana Barreto de Oliveira

Gisele de Fatima Scarpim

Priscilla Roberta Gaspar de Oliveira

Diego da Silva Vaz

Alunos

Samuel Soares dos Santos

Yasmin Vitoria Araujo de Jesus

Ana Sophia Cavalcante Lima Santos

Bryan Oliveira da Silva

Maya Rosa Zamboti



Categoria – Ensino Fundamental I

EMTI de Educação Bilíngue Francisco Suderland Bastos Mota

Fortaleza-CE

Dados dos participantes

Professores

Tania Vilero da Silva

Matheus Freire Lima

Rogitânia Rebouças Rocha

Alunos

Monique Lauhane Bezerra Costa

Jonatas Silva Lima Filho

Caio Erick Pontes Vieira

Bryan Gabriel Diniz Justino

Ana Myrella Silva Teles



Categoria – Ensino Fundamental II

Escola Municipal Bilíngue de Educação de Surdos

Angra dos Reis-RJ

Dados dos participantes

Professora

Luiza Valente de Andrade Figueira

Alunos

Ana Karla dos Santos Rosa

Guilherme do Rosário Rangel

Marlon Souza de Oliveira



Categoria – Ensino Médio

Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Helen Keller

Caxias do Sul-RS

Dados dos participantes

Professores

Jailza dos Santos Martins

Debora Gobatto Gasperin

Andrei da Silva Borges

Aluno

Luis Gabriel Costa Rodrigues



Categoria – EJA/Outros

Escola Estadual Engenheiro Caldas

Caratinga-MG

Dados dos participantes

Professores

Gabriella Coelho Motta Pizzani

Danusa Cristina Duarte Ferreira e Freitas

Leandro Bruno da Silva

Alunos

Sheron Hillary da Silva Antunes

Whesley Felix Rodrigues

Marcela Raissa Gonçalves dos Santos



Obras - 3º lugar

Categoria – Educação Infantil

Cemei Professora Ida Vinciguerra

São Carlos-SP

Dados dos participantes

Professores

Aline Nathalia Marques Ferreira

Lea da Silva Veras

Fabio Luis Escalace

Alunos

Davi Fernandes de Sá

Isabelly Vitoria da Cruz Milhor

Raul da Costa Mella







Categoria – Ensino Fundamental I

Emeb Dalila Galli

São Carlos-SP

Dados dos participantes

Professores

Júlia Caroline de Araújo Almeida Vendramini

Fabio Luis Escalace

Alunos

Daniel Zoia Guerreiro

Gabriel Matheus Saladino

João Miguel Vieira Pantozzi

Nicolas Cerqueira da Silva

Rafaela Vitoria de Oliveira Batista



Categoria – Ensino Fundamental II

Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos Anne Sullivan

São Paulo-SP

Dados dos participantes

Professores

Lourdes Fátima Basílio

Priscilla Roberta Gaspar de Oliveira

Diego da Silva Vaz

Alunos

Miguel Fabiano do Nascimento Pereira

Isabella Clementino da Silva

Gabriela Francisca do Nascimento

Vitória Gonçalves de Souza

Luis Eduardo Bezerra Gomes



Categoria – Médio

EE Pirassununga

Pirassununga-SP

Dados dos participantes

Professoras

Joice Daiane Muniz

Elenice de Medeiros Minatel

Luciana Calheiros Meinicke Braga

Alunos

Maria Rita Poletti de Almeida

Nayane Jorge Honorato

Maria Beatriz R. Pereira

Felipe Antunes Cabral Vital Chaves

Mikael Gonçalves



Categoria – EJA/Outros

Instituto Cearense de Educação de Surdos – Ices

Fortaleza-CE

Dados dos participantes

Professoras

Gilvania Negreiros da Rocha

Jullia Renee Alves Ramos

Alunos

Tanuska Menezes Oliveira

Francisco Ramon da Fonseca

Francisco Renato Marques Rodrigues

Francisco Jefferson De Sousa Moura

Daline Freitas Andrade



Registro fotográfico do evento de premiação no dia 05/12/2025


























SAÍDA




















Agradecimentos Especiais


4 Concurso Artístico Literário
#casalaras
CaLi da Roça




#casaljiras
CaLi em Recife
#casaljiras
CaLi em Recife




Vencedores da 4ª Convenção #CasaLivre




1o lugar - Ensino Fundamental II
Escola Municipal Especial de
Ensino Fundamental Helen Keller
Caxias do Sul/RS
1o lugar - EIA/Outro
EMEIA Prof. Sérgio Ros
Campinas/SP


CERTIFICADO


MUNICÍPIO DE CAMPINAS


4° Campeonato Artist
#casalibr








Cali da Recife











Para ver mais fotos do evento, acessar o site do #CasaLibras, na aba do 4º Campeonato: https://www.casalibras.ufscar.br/pt-br/campeonatos/4o-campeonato/fotos-da-cerimonia-de-premiacao

4º Campeonato Artístico-Literário
#casalibras

CaLi em Recife

Realização:

#casalibras

CaLi

Apoio:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

GOVERNO DO BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

FAPESP

ufscar

